



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA

KÁTIA CRISTIANI NUNES

A HISTÓRIA DE ATALANTA EM DEZ OBJETOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL “WOGECK KUBIACK”

FLORIANÓPOLIS
2022

KÁTIA CRISTIANI NUNES

A HISTÓRIA DE ATALANTA EM DEZ OBJETOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL “WOGECK KUBIACK”

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Martins da Silva.

Linha de Pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

FLORIANÓPOLIS

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nunes, Kátia Cristiani

A história de Atalanta em dez objetos: Uma proposta de
Ensino de História a partir do Museu Histórico Municipal
"Wogeck Kubiack" / Kátia Cristiani Nunes ; orientador,
Mônica Martins da Silva, 2022.

152 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino
de Historia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Mestrado Profissional em Ensino de Historia. 2.
Ensino de História. 3. Museu. 4. Museu Histórico Municipal
"Wogeck Kubiack". I. Silva, Mônica Martins da. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de Historia.
III. Título.

Kátia Cristiani Nunes

A história de Atalanta em dez objetos: uma proposta de ensino de história a partir
do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra Carmem Zeli de Vargas Gil- UFRGS

Profa. Dra Carina Martins-UERJ

Profa. Dra Claricia Otto- UFSC (Suplente)

Prof. Dr. Elison Antonio Paim- UFSC (Suplente)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Ensino de História pelo Programa de
Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann
Coordenador do ProfHistória/UFSC

Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
Orientadora

FLORIANÓPOLIS, 2022.

Dedico a todos com quem tive oportunidade de trocar experiências em minha caminhada de professora. A todas as Marias e Josés que acreditaram e acreditam em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao programa Profhistória UFSC, pela oportunidade de continuar meus estudos. Aos professores e professoras que nos acompanharam, pelo carinho e contribuição com meu aprendizado.

À professora Dra Mônica Martins da Silva, por caminhar ao meu lado nesta árdua tarefa, sempre prestativa e dedicada. Sem dúvida é a peça chave nesta obra, professora Mônica.

Às professoras Dra Carmem Zeli de Vargas Gil, Dra Carina Martins, Dra Claricia Otto e professor Dr. Elison Antonio Paim, que compõem a banca, agradeço por se disponibilizarem e por acreditarem em minha pesquisa.

Aos colegas da turma do PROFHISTÓRIA - 2019, pela oportunidade de conhecer pessoas ímpares e crescer profissionalmente. Entre eles, Jaqueline e Jaison pela parceria, companheirismo e conversas nas longas viagens que nos uniram até Florianópolis, pela cumplicidade. Ângelo e Luciana, que abriram as portas de seus lares para me acolher. Gilmara, pelas longas horas de conversas esclarecedoras.

Aos alunos da EEB.(Escola de Educação Básica) Dr Frederico Rolla que se entregaram à pesquisa e me inspiraram a ser a cada dia uma professora melhor.

Aos que estão vinculados aos museus que compõem minha trajetória pessoal e profissional, em especial Patrícia Tatiane Schubert, pela parceria estabelecida ao longo de anos.

A todos aqueles que desde sempre me incentivaram e apostaram em mim. Aos que contribuíram para a construção desta obra, tanto com leituras e discussões quanto com a formatação.

Às minhas Marias, e por elas a todas as mulheres da minha vida que acreditam no meu potencial

Também às pessoas que me amam e nunca desistem de mim, mostrando amor e respeito.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo produzir reflexões sobre a história de Atalanta (Santa Catarina) a partir de dez objetos que fazem parte do acervo do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack” que foram selecionados e analisados por estudantes da Escola de Educação Básica Dr. Frederico Rolla, em diferentes etapas de pesquisa orientadas a partir das aulas de História. A dissertação adotou como metodologia a análise bibliográfica e documental para compreender a constituição do Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack, sendo norteada pelas categorias de análise cultura material de Ulíiano Meneses (1998) e objeto gerador de Francisco Ramos (2004), assim como princípios da pesquisa ação que orientaram a reflexão sobre o trabalho pedagógico desenvolvido com os alunos. Como resultado foram produzidas, pelos alunos, diferentes narrativas sobre os objetos museográficos selecionados a partir dos quais emergiram reflexões sobre diversas práticas sociais e culturais de Atalanta-SC, especialmente relacionadas ao trabalho, o possibilitou ampliar o repertório sobre a história local, dando visibilidade para a história dos indígenas, das mulheres e para práticas cotidianas de uma sociedade marcada pelo trabalho rural.

Palavras-chave: Ensino de História; Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack; Cultura Material; Trabalho; Objeto Gerador.

ABSTRACT

This search has an object to bring reflections on the history of Atalanta (Santa Catarina) from ten objects that are part of the collection of the County Historical Museum "Wogeck Kubiack" that were selected and analyzed by students from Primary School Dr. Frederico Rolla, in different stages of research guided by History classes. The dissertation adopted as methodology the bibliographic and documental analysis to understand the constitution of the County Historical Museum Wogeck Kubiack, being guided by the categories of material culture analysis by Ulpiano Meneses (1998) and generative object by Francisco Ramos (2004), as well as research principles action that guided the reflection on the pedagogical work developed with the students. As a result, different narratives about the selected museographic objects were produced by the students, which reflections about many social and cultural practices of Atalanta-SC, especially related to work, made it possible to expand the repertoire on local history, giving visibility to the history of indigenous people, women and the daily practices of a society marked by rural work.

Keywords: Heritage Education; County Historical Museum Wogeck Kubiack; Material Culture; Work; Generative Object.

LISTA DE FIGURAS

Imagen 1: Coleção de pedras disponíveis na Casa da Cultura.....	24
Imagen 2: A fecularia em 2001.....	25
Imagen 3: Estrutura do PNMMA.....	27
Imagen 4: Relógio de parede com imagem de Wogeck Kubiack e esposa, Agnes.	29
Imagen 5: Frente do museu em 2004.....	30
Imagen 6: Montagem de algumas fotografias expostas no museu.....	35
Imagen 7: Foto de grupo de pescadores e caçadores na Serra do Pitoco, 1956.....	36
Imagen 8: Representações dos objetos escritos no acervo.....	38
Imagen 9: Instrumentos usados no beneficiamento de madeira.....	42
Imagen 10: Fragmentos de instrumentos usados na agricultura.....	43
Imagen 11: Etiqueta que identifica os artefatos líticos expostos no museu.....	43
Imagen 12: Artefatos líticos de origem desconhecida.....	44
Imagen 13: Entre lamparinas e relógios, os artefatos líticos.....	45
Imagen 14: Que tal uma seção de história natural?.....	46
Imagen 15: Instrumentos do trabalho urbano.....	47
Imagen 16: Objetos de uso na cozinha.....	48
Imagen 17: Objetos de uso cotidiano no ambiente doméstico.....	49
Imagen 18: Que tal uma sessão sobre economia?.....	50
Imagen 19: Entre a posse da terra e a marcação do tempo.....	51
Imagen 20: Campeões do futsal e do dominó.....	52

Imagen 21: Uma sessão de curiosidades.....	53
Imagen 22: Arma encontrada enterrada.....	54
Imagen 23: Objetos sem relação direta com o trabalho, porém com valor afetivo.....	79
Imagen 24 : Pulverizador costal usado no trabalho do tabaco.....	90
Imagen 25a: Os escolhidos para contar a história de Atalanta.....	94
Imagen 25b: Os escolhidos para contar a história de Atalanta.....	95
Imagen 26: Atalanta no portal do IPHAN.....	96
Imagen 27: Artefatos líticos comuns em Atalanta.....	104
Imagen 28: Artefatos líticos facilmente encontrados em Atalanta.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPUH - Associação Nacional de Professores de História

APREMAVI - Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida

BESC - Banco do Estado de Santa Catarina

EEB. - Escola de Educação Básica

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Nacional

MHMWK - Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”

PNEM - Política Nacional de Museus

PNMMA - Parque Natural Municipal da Mata Atlântica

PROFHISTÓRIA - Mestrado Profissional em Ensino de História

SC - Santa Catarina

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL WOGECK KUBIACK, POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA	23
2.1 COMO O SECADOR DA FECULARIA DOS GROPP SE TRANSFORMOU NUM MUSEU? NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO.	23
2.2 ONDE ESTÁ “WOGECK KUBIACK”? OBJETOS E NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DE ATALANTA A PARTIR DO ACERVO DO MUSEU.	29
2.2.1. Será que “Wogeck Kubiack” está nas fotografias do museu? Narrativas apresentadas nas fotografias e documentos escritos.	33
2.2.2 Será que encontraremos “Wogeck Kubiack” nos objetos? Narrativas sobre os objetos do acervo.	38
2.2.3. Como encontrar Wogeck Kubiack no museu? A importância das fontes históricas.	53
3. DEZ OBJETOS PARA CONTAR A HISTÓRIA DE ATALANTA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.	57
3.1. OS DIFERENTES PERSONAGENS DA PESQUISA.	58
3.1.1 A professora que fez diferente e construiu com os alunos.	58
3.1.2 Itinerários de construção de uma experiência: diferentes percursos pelo museu MHMWK.	60
3.1.2.1 Contextualizando projetos	60
3.1.2.2 O museu como espaço de experimentação, fruição e investigação.	63
3.2 A OBRA: DESAFIOS DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO.	69
3.2.1 O museu em sala aula no contexto da pandemia: percursos, avanços e recuos	71
3.2.2 Continuando os trabalhos: Os desafios do ano de 2021.	87
3.2.3 Entrega da Obra.	100
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS:	130
ANEXO 1:	130
ANEXO 2: DIMENSÃO PROPOSITIVA	131

1. INTRODUÇÃO

“Era uma vez, um lugarzinho no meio do nada, com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada”. Assim diz a letra da música cantada por Sandy Lima e é desta forma que descrevo Atalanta. Embora seja nome de deusa da mitologia grega, filha de Esqueneu, rei de Ciros¹, e do time de futebol italiano Atalanta Bergamasca Calcio², a Atalanta em questão é um dos duzentos e noventa e cinco municípios de Santa Catarina. Um pequeno município localizado na região do Alto Vale do Itajaí, para o qual a agricultura familiar é a principal fonte de renda. Atalanta é o lugar onde nasci e hoje resido.

Ser pequeno é um problema, visto que ameaça sua existência. Isso porque conforme anunciado pelo presidente do Brasil e pelo ministro da Economia em novembro de 2019³, de acordo com a Proposta de Emenda à Constituição, nº 188/2019, aqueles municípios que possuem menos de 5000 habitantes⁴ e arrecadam menos de 10% de seu orçamento anual devem fundir-se aos vizinhos maiores. Conforme censo de 2019, no município constam 3210 habitantes⁵. Não menosprezando a importância das infundáveis discussões sobre a economia, o atendimento à saúde e à educação, a manutenção da infraestrutura e tantas outras que emergem neste contexto de quase desaparecimento de Atalanta, resta perguntar que história de Atalanta terão acesso os netos dos alunos envolvidos na pesquisa que gera esta dissertação? Pesquisa essa que tem como objeto de discussão o acervo do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”.

Impossível não lembrar do filme Narradores de Javé, de Eliane Caffé (Brasil, 2003⁶), no qual a diretora trata da possível extinção do vilarejo de Javé, visto que sua existência está ameaçada por causa da construção de uma enorme usina hidrelétrica cujo lago vai ocupar seu espaço. Sem registro de posse da terra, os moradores descobrem que podem evitar o fim. Javé não será tomada pelas águas se o povo conseguir mostrar que o vilarejo possui patrimônio

¹Disponível

em:<<https://fanfiction.com.br/historia/227690/AsCemMelhoresHistoriasDaMitologia/capitulo/14/>>. Acesso em 10 out 2020.

² Maiores informações em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Atalanta_Bergamasca_Calcio>. Acesso em 08 ago 2020

³Disponível em:<<https://veja.abril.com.br/economia/governo-propoe-a-extincao-de-cidades-com-menos-de-5-mil-pessoas/>>. Acesso em 10 mai 2020.

⁴ Para maiores informações, conferir <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8035501&ts=1574707840671&disposition=inline>>. Acesso em 27 out 2020.

⁵ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/atalanta.html?>>. Acesso em 07 jul 2020.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>>. Acesso em 07 jul 2020.

histórico com valor comprovado. Há a preocupação com a elaboração de um documento científico. Começa então uma busca incessante pelo que vai ser registrado para compor o tal documento. O único escrevente da comunidade, Biá, se vê diante de uma baita confusão pois se depara com cinco versões diferentes sobre a história de Javé. A sua missão no filme é escrever a partir das versões ouvidas, uma história oficial para salvar o vilarejo dos “infortúnios” do progresso.

Não se deve contar o final do filme, estraga a surpresa. Fica aqui a sugestão para que o leitor o assista e conheça o que aconteceu com Javé. Será que Atalanta, por forças políticas, terá um fim próximo? Será que se comprovado o valor do patrimônio histórico que há nestas terras, e se for escrito um documento científico ela será poupada da extinção? Talvez esta dissertação, que tem como pano de fundo a análise do acervo exposto no único museu que há no município, o Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack” (MHWK), contribua para ampliar a reflexão acerca de sua história, tendo como ponto de partida as discussões desenvolvidas durante as aulas de história nas quais deve-se estabelecer diálogo com as práticas de memória e de salvaguarda de objetos que são agenciadas pelo museu.

Antes mesmo de discutir o conceito de museu é necessário destacar o quanto é significativa a existência do MHWK em um município com poucos habitantes. Ele é sem dúvidas o esforço dos líderes políticos em garantir a existência de um lugar para resguardar fragmentos da história local, porém seu maior significado está na possibilidade de problematizar a história resguardada entre as quatro paredes. Um museu, mantido a duras penas pelo poder público numa cidade que pode deixar de existir, é resistência!

Buscar a definição do termo museu não parece tão complicado, basta perguntar a um indivíduo que não fez pesquisas sobre o tema. Perguntei a uma criança⁷ que estava rodeando-me querendo atenção, prontamente respondeu: “Mãe, um museu é uma casa onde tem coisas antigas”. Questionada sobre a utilidade das coisas que estão nesta casa, prontamente respondeu: “As coisas lá só servem para a exposição, não tem utilidade”. Diante do olhar inquieto da mãe ela complementou: “para quem usou, quando funcionava, tinha serventia, agora não dá para usar”. Talvez Ulpiano Meneses concordaria, lembrando que não vamos ao museu do telefone para fazer uma ligação telefônica ou ao museu do relógio para ver as horas, pois a vida não é recriada no museu (MENESES, 2002). O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em boletim bibliográfico (2013), determina que os museus:

⁷ A criança em questão é minha filha, Maria Beatriz Borges, com 10 anos. Vale citar que a menina visitou museus com a mãe.

são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose⁸.

Embora a fala da criança, de Ulpiano e a determinação do IBRAM pareçam diferentes entre si, não são. Essas casas guardam muitos sonhos, às vezes materializados em objetos, outras em memórias daqueles que a admiram. A metamorfose dos museus se torna possível após o questionamento dos interesses daqueles que vão ao museu.

Em seu acervo, o MHMWK, comporta alguns objetos que informam sobre a história local. Além de outras construções, compõe único bem imóvel tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN), a estrutura da antiga fecularia⁹ dos Gropp, que compõe o Parque Natural Municipal da Mata Atlântica (PNMMA), área de preservação ambiental. O parque é resultado de empenho coletivo da prefeitura municipal e da ONG Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (APREMAVI), criado no ano 2000 através do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, por meio da Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. O museu abriu as portas para visitação em 2004 e em 2009 teve sua situação regulamentada pela Lei Municipal nº 1119/2009. E desde então está aberto à visitação. É importante ressaltar que a APREMAVI ainda hoje é responsável pelo parque. Em relação ao museu existe uma disputa evidente entre a Secretaria Municipal de Educação e a ONG.

Seu acervo não é catalogado ou inventariado, muitas vezes nem mesmo identificado, tornando-se um grande desafio a ser explorado. Os professores, como regra geral, gostam de desafios, eu não sou diferente. O museu, seu acervo e as possibilidades didáticas que ele oferece são os desafios que ali encontro. Ele é importante para a cidade pois é uma das estratégias que o poder público encontrou para preservar alguns fragmentos da história do município. É o local onde os visitantes conhecem um pouco da história de Atalanta, que não é muito diferente de outros museus por aí. O desafio maior a que me proponho nesta pesquisa, é que os alunos observem os objetos e fotografias da exposição e percebam que eles são evocadores de memórias. Memórias que possibilitam interrogar seus usos, saberes e fazeres, compreender modos de vida e de trabalho, memórias que muitas vezes carregam histórias esquecidas, apagadas, ou camufladas.

⁸ Para maiores informações conferir em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Boletim_Cenedomn18_dez2013.pdf>

⁹ Conforme o dicionário uma fecularia é uma fábrica de fécula de mandioca, muitas vezes chamada de engenho de farinha de mandioca.

Preocupada com minha formação continuada busco aperfeiçoamento constante. Atuo como professora de História, no Ensino Fundamental e Médio, e Filosofia no Ensino Médio. Sempre procurei melhorar minha prática pedagógica ampliando estratégias a serem usadas com os alunos. Entre elas, vale destacar aquela que gerou esta pesquisa: o uso do museu enquanto espaço de aprendizagem, tensão e criticidade. Desde 2006, trabalhando em Jaraguá do Sul, SC, visitei vários museus com os alunos, como o Museu do Sambaqui em Joinville, o Museu Nacional do Mar Embarcações Brasileiras de São Francisco do Sul, o Museu da Paz, o Museu Weg de Ciência e Tecnologia e o Museu Histórico Emílio da Silva, em Jaraguá do Sul, entre outros. Por compreender que o museu é um espaço de aprendizagem, quando voltei a morar e trabalhar em Atalanta (2019) optei por desenvolver a pesquisa do mestrado a partir do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”. Concordamos com Ulpiano Meneses (1994) ao reiterar o quanto é necessário o diálogo entre o Ensino de História e os museus. A cultura material, ou o acervo do museu, que o autor chama de oceano de coisas materiais, é indispensável para nossa sobrevivência, porém temos consciência superficial e descontínua disso. Não notamos que os artefatos não são apenas o que temos em mãos, ou apenas matéria prima, antes disso, são portadores de relações sociais, que precisam ser tensionados. O Ensino de História se dispõe como lugar para que esta prática seja aprofundada.

Depois que ingressei no Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) tive mais clareza quanto aos objetivos de uma visita ao museu com grupos de alunos. Percebi que deveria ter agido de maneira diferente em algumas delas, pois em muitas utilizei o museu como ilustração ou complemento da sala de aula. Por meio das leituras e reflexões realizadas no curso, pude repensar a minha prática pedagógica e meu fazer docente. Hoje percebo que o museu é lugar de criticidade, de questionamento, além de possibilitar o tensionamento da estrutura social estabelecida.

Quando alguns afirmam por aí “você é professora de história? Eu não gostava de história quando estudava”, ou quando os alunos tentam justificar as notas baixas porque não gostam de estudar história, isso me inquieta, além de irritar. Inquieta porque sabe-se que as pessoas que não gostam de estudar história, provavelmente não sabem o que é estudar história. Foram apresentados a uma maneira de estudar e conhecer história, que eu, professora Kátia, não considero a mais adequada. Estudaram história que não está vinculada a sua realidade, estudaram a história dos heróis, história que privilegia apenas uma minoria. É uma história que não cabe mais na sala de aula. Pretendo que meus alunos percebam que são agentes históricos, que são fazedores de história e que ela está em toda parte, não só na sala de aula, e

neste caso o museu se coloca como oportunidade, como espaço de aprendizagem, de tensão e também de construção de perspectivas para o futuro.

Quando apresentei para meus colegas de trabalho o projeto de pesquisa, ouvi várias vezes: “Vais ver o que no museu? Lá só tem coisa velha e poeira”. Respondia que vou aproveitar o potencial educativo do museu. Quero que meus alunos saibam que é possível aprender história além da sala de aula e que o museu e seu acervo podem ser tensionados dentro dela. Partindo de minha experiência profissional e convicta de que é possível aprender história em qualquer lugar, é que o museu se tornou meu local de investigação. Os alunos conseguem aprender história num museu se o professor de história lhes ensinar a olhar para os artefatos expostos e perceberem que eles não são inocentes, que comportam muito mais que marcas de uso, são portadores de anseios, de angústias, e também de sonhos.

A linha de pesquisa na qual essa proposta se situa é “Saberes históricos em diferentes espaços de memória”, cujo enfoque recai para as atividades que dialogam e se desenvolvem em espaços não escolares. Nesse sentido, a minha proposta é refletir sobre o Ensino de História em diálogo com o museu, deslocar o fazer pedagógico para além dos muros da escola e compreender como é possível aprender história em diferentes espaços de memórias. É necessário ressaltar que a pesquisa proposta não pretende ser elogiosa, ao contrário, pretende que os diferentes indivíduos sejam reconhecidos e valorizados, para tanto será necessário tensionar as histórias que se tem sobre os objetos que compõem o acervo e a exposição do museu.

Outra importante justificativa para a escolha do museu enquanto tema de pesquisa, refere-se ao modo como a relação museu e ensino de história emerge nas discussões sobre assuntos referentes ao ensino. É verdade que as discussões sobre patrimônio e museu estão bastante presentes nos eventos referentes ao ensino de história, seja nos simpósios da Associação Nacional de Professores de História (ANPUH), nos encontros do Perspectivas do Ensino de História, no encontro dos Pesquisadores do Ensino de História¹⁰ ou nas revistas especializadas. Considerando o período de tempo determinado para a elaboração do estado da arte, entre 1995 e 2019, as discussões encontradas sobre ensino de história e museus são poucas se comparadas às publicações sobre museus, sendo a maioria delas análises de ações educativas desenvolvidas pelos museus ou de aulas desenvolvidas em museus, sendo norteadas a partir da escola (COSTA e GOMES 2006; GONÇALVES, 2007; BRAGA, 2015; BRAGA, 2015; BRAGA, 2016; SUTIL, 2016). Sobre as ações educativas elas fazem análise

¹⁰ Principais eventos de pesquisa e discussões sobre o campo do ensino de história.

dos desafios e potencialidades dos museus, demonstrando preocupação com o melhor aproveitamento da relação entre escolas e instituições de patrimônio, evidenciando a sensibilidade do olhar nos museus históricos, sobre a importância de perceber as entrelinhas dos interesses envolvidos numa exposição. Professores da educação básica e/ou profissionais envolvidos diretamente com museus, tratam de relatos de experiências, de visitas aos museus, por vezes discutem efeitos de ações educativas nesses espaços.

Aos poucos, as discussões sobre museu e o ensino de história emergem na formação de professores, estabelecendo investigações sobre seu potencial educativo, pretendendo desconstruir a velha estratégia do museu enquanto espaço para salvaguardar a memória dos heróis. Identifica-se nas discussões mais recentes sobre museus e o ensino de história a forte presença de negros, indígenas, mulheres e demais grupos marginalizados, como é o caso do Museu da Maré, o museu da favela, mostrando que eles contribuem para a representatividade dos diferentes elementos de uma comunidade/sociedade. (COSTA, 2015; RIOS, 2014; RUOSO, 2013; MATOS, 2012; ARAUJO, 2012; MATTOS, 2015). É crescente o número de textos sobre temas emergentes, principalmente a inclusão nos museus. Algumas discussões apresentadas mostram preocupação com a linguagem museológica, que deve ser clara e conhecida por aqueles que transitam num museu, tanto para o homem letrado quanto para o analfabeto, assim como a questão da acessibilidade, mostrando a presença de deficientes, físicos, visuais, auditivos e outras variações nos museus. Aparece ainda análises sobre os museus virtuais e as possibilidades de acesso e ações educativas por estas plataformas. Nesse sentido, observa-se que nas pesquisas mais recentes, o museu é apresentado como lugar de pesquisa e de aprendizagem, principalmente enquanto espaço de diálogo com a sala de aula.

Vê-se que aos poucos a compreensão do papel educativo do museu ganha corpo, assim como a relação museu e ensino de história recebe cada vez mais protagonismo nos eventos relacionados ao ensino de história e de lá ramifica para a sala de aula e para os museus. Percebendo esta tendência do museu enquanto espaço de aprendizagem, de criticidade, de tensão, é que proponho esta pesquisa. Não é objetivo maior historicizar o processo de construção do museu ou de preservação da memória em Atalanta, embora seja importante registrar que as informações sobre a salvaguarda da memória, bem como da história do município, são deficientes. O objetivo aqui é que, procedendo do acervo do museu, seja possível construir aulas de história nas quais aconteça o diálogo entre escola e museu, reconhecendo suas especificidades e problematizando a maneira de organizar a memória de Atalanta partindo dos objetos expostos.

Vale destacar que são poucos os registros escritos sobre a história deste município. Algumas informações podem ser encontradas no site oficial da prefeitura¹¹ e em alguns livros escritos pelas escolas, sendo resultado de atividades didáticas desenvolvidas. Em todos, as mesmas informações se repetem, fazendo referência às dificuldades que os descendentes de alemães, italianos e poloneses tiveram nas longas viagens de carro de boi, margeando os rios para aqui se estabelecer, depois para derrubar o mato, construir casas e assim iniciar a lavoura, enaltecendo suas qualidades de pais de famílias honestos, trabalhadores e religiosos. Por estes escritos, sabe-se que essas famílias fazem parte de grupos de migração interna em SC, saídos principalmente de São Pedro de Alcântara (Grande Florianópolis) e Tubarão (Sul Catarinense), ao contrário do que acontece com Blumenau, por exemplo, que recebe os imigrantes alemães. Poucas referências são feitas aos povos originários, neste caso, os indígenas Xokleng que ocupavam a região ou aos negros que por aqui residem. Por isso, a necessidade de tensionar a partir da sala de aula o acervo do museu e problematizar as histórias que os objetos expostos carregam.

A pesquisa está organizada em duas fases diferentes. Baseada em uma metodologia de pesquisa qualitativa, influenciada pela pesquisa-ação (DIECKEL, 2011) a primeira etapa consistiu na busca documental sobre o processo de criação do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”, para isso também foi necessário produzir algumas conversas com pessoas¹² diretamente envolvidas na criação do museu com o intuito de compreender o seu processo de criação bem como do seu acervo. As conversas não receberam o caráter de entrevistas, não foram registradas em áudio, nem mesmo foram gravadas. Em relação ao levantamento de dados e análise do acervo, não catalogado ou inventariado, muitas dificuldades se puseram no caminho, pois há poucos registros de quem são as pessoas que doaram os objetos guardados pelo museu, tampouco do momento em que essa ação ocorreu, sabendo-se somente por intermédio da atual monitora, que são resultado da doação de atalantenses. Alguns dos artefatos expostos contém etiquetas, por meio delas presume-se quem foram os doadores.

Também tendo por base a pesquisa qualitativa, a outra etapa da pesquisa consiste na construção de uma proposta didática para o Ensino de História, que irá configurar a dimensão propositiva da pesquisa. Para esta etapa contei com a parceria dos alunos e de seus familiares.

¹¹ Para maiores informações, conferir: <<https://www.atalanta.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/20773>>

¹² As conversas aconteceram por intermédio do aplicativo de conversa whatsapp devido a pandemia do novo coronavírus. Conversei com a professora Margareth Dalabeneta, a turismóloga Bibiana Petró e o senhor Jairo Cardoso.

A intenção era que, partindo do acervo do museu, os estudantes escolhessem um objeto referente ao trabalho em Atalanta, conforme interesse pessoal e com a ajuda dos familiares, conseguissem investigar histórias referentes ao seu uso e sentidos atribuídos. Além das histórias garimpadas pelos alunos, a professora ofereceu outras histórias sobre o uso destes mesmos objetos em outros contextos e a partir deste material conseguir relacionar a micro história com a macro. Os textos produzidos pelos alunos interpretados pela professora serão expostos junto com imagens dos artefatos na escola na Feira do Conhecimento, no mês de julho.

A intenção é que o leitor mergulhe na história de Atalanta a partir de alguns objetos do acervo do museu e das histórias que os alunos garimparam entre seus familiares, refletindo sobre os usos dos objetos no cotidiano atalantense. Conforme Ana Maria Mauad, na apresentação do livro História do Rio de Janeiro em 45 Objetos (2019),

Objetos são evidências da história política e cultural, sobretudo por ressaltarem as experiências de uso, consumo, ostentação e reificação. Vivências reconstruídas por seus atributos, contextos e os próprios portadores dessas coisas que, drenadas de seu valor de uso, passam a fazer parte da mise-en-scène da história da cidade”

Tendo como ponto de partida a investigação sobre os objetos musealizados, será possível discutir temas da História local, compreendendo especificidades do município, como também relacionando a história deste lugar a outros lugares, compreendendo que as práticas sociais e culturais não estavam isoladas em relação a outros tempos e espaços. Desta forma, pretendo tornar o ensino de história local significativo para os alunos, para que possam atribuir sentido a suas práticas sociais e culturais, conectando-as a outros povos e sociedades.

O percurso para conhecer a história local se dará através da dimensão propositiva. Para sua construção fez-se necessário predeterminar um espaço de tempo para realizar a pesquisa. Porém alguns obstáculos para esta delimitação foram encontrados, entre eles o fato de o museu não dispor de inventário que historicize os objetos e o fato de que os registros escritos sobre a história de Atalanta estejam restritos ao século XX¹³ quando inicia a ocupação dos colonizadores europeus. Diante deste cenário, estabelecemos o século XX, entre seu início e a década de 1980 como espaço de tempo para construir a dissertação. O início do século XX por que no acervo estão representações de artefatos líticos atribuídos aos indígenas da região e a década de 1980 por que o objeto da exposição que mais chama a atenção dos visitantes, conforme a monitora do museu, é a cadeira que pertenceu ao dentista prático senhor Alcides

¹³ É difícil encontrar escritos sobre a ocupação original destas terras, a presença dos povos indígenas em Atalanta está subentendida a ocupação dos xokleng na microrregião do Vale do Itajaí.

Petri, personagem que permeia a história de muitos. A década de 1980 coincide com o período de atuação do profissional.

Desenvolvido no âmbito do Ensino de História, essa pesquisa irá dialogar com algumas categorias de análise como, “cultura material” de Ulpiano Meneses (1998), o autor diferencia o objeto por seu uso e pelo valor a ele atribuído, adquirindo caráter de objeto histórico, como é entendido o acervo do museu. Reitera a necessidade de o Ensino de História e museu conversarem um com o outro, pois a cultura material, é indispensável para nossa sobrevivência, porém temos consciência superficial e descontínua disso. Não notamos que os artefatos não são apenas o que temos em mãos, ou apenas matéria prima, antes disso, são veículos de relações sociais, que precisam ser tensionados. Outra categoria com a qual dialoga esta pesquisa é a de “objeto gerador” de Francisco Régis Ramos (2004), desenvolvida a partir da ideia de palavra-geradora de Paulo Freire. Como objeto-gerador podemos compreender aqueles que servem como gatilho motivador/provocador de reflexões entre os arranjos estabelecidos entre os sujeitos e os objetos, proporcionando leitura de mundo a partir deles. A ideia do objeto-gerador é “motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas humanas” (RAMOS, 2007, p. 32). A aula de história deve ser direcionada para que o aluno não entenda o museu como um amontoado ou repositório de objetos, ou uma vitrine, mas que se posicione criticamente.

Esta pesquisa foi desenvolvida no campo do Ensino de História, identificando que o centro de suas atenções não está no acervo do museu, porém na formação dos indivíduos que interagem com os bens musealizados e com os profissionais envolvidos com seu desenvolvimento. Compagnoni reforça que a escola precisa ir ao museu e praticar exercícios que incitem os alunos a perceber os objetos como “provocadores da história e formadores da consciência histórica, criando sentidos de orientação no tempo, experiência do passado e interpretação histórica, numa verdadeira aventura cognitiva” (COMPAGNONI, 2009, p. 22).

O texto aqui apresentado está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo apresento o MHWK e o seu acervo, discutindo a relação entre o Ensino de História e o museu. No segundo capítulo apresento os desafios e possibilidades que encontrei ao longo dos anos de 2020 e 2021 para construir a dimensão propositiva, mostro ainda o resultado das produções dos alunos, interpretando as pesquisas realizadas à luz das categorias de análise estabelecidas para este diálogo: cultura material e objeto gerador. A dimensão propositiva pretende contar uma versão da história de Atalanta, sob o viés do trabalho, a partir de alguns objetos que compõem o acervo do museu. É importante destacar que esta atividade propõe um

olhar a partir da sala de aula de História para o acervo do museu e as possíveis histórias a serem levantadas e tensionadas a partir dele.

A dimensão propositiva teve sua elaboração prejudicada devido ao distanciamento social consequência da pandemia do novo coronavírus, o que causou sérios transtornos, visto que eu, professora/pesquisadora, no ano de 2020 não pude orientar os alunos de forma eficiente e os alunos/pesquisadores não conseguiram estar próximos daqueles com quem fariam as pesquisas sobre os usos dos objetos, além de não conseguirmos ir ao museu, conforme programado. No ano de 2021, mesmo com alguns obstáculos, conseguimos colocar em prática o que tinha sido planejado. Fica aqui o convite para a leitura deste texto e a expectativa que ele contribua com aqueles que se dispuserem a pensar a relação museu e o Ensino de História. Ele resulta da realização de vários desejos, de ser mestre, de contribuir com aqueles que se propõem a conhecer a história de Atalanta e de auxiliar professores, museólogos ou outros interessados no tema.

2. MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL WOGECK KUBIACK, POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Neste capítulo me proponho a apresentar ao leitor o Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”, as disputas de memória que cercam sua criação e descrever seu acervo, numa tentativa de mostrar as possibilidades de ensino que podem ser desenvolvidas a partir dele. É importante destacar que trata-se de um museu localizado no PNMMA¹⁴, cuja estrutura abriga a antiga Fecularia dos Gropp, que foi fundamental para o desenvolvimento da economia e sociedade atalantense. Atualmente, o parque recebe grande relevância social, sendo considerado cartão postal do pequeno município, porém o museu patina para conseguir respeito das autoridades políticas e dos visitantes. Investigo também como a relação museu e o ensino de história é profícua, analisando autores que discorrem sobre esta íntima relação.

2.1 COMO O SECADOR DA FECULARIA DOS GROPP SE TRANSFORMOU NUM MUSEU? NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO.

O Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack” foi criado oficialmente pela Lei nº 1119, de 16 de setembro de 2009. Conforme o artigo 3º, terá por objetivo “Contribuir para a preservação da memória e sensibilização da população atalantense, servindo de referência para o desenvolvimento de pesquisas acerca dos aspectos históricos/culturais” (ATALANTA, 2009). Diante deste artigo resta perguntar: E antes da criação do museu, havia algum espaço oficial para resguardar a história do município? A resposta é positiva. Entre 1987 e 2001, na Casa da Cultura havia um espaço, nomeado como “um quartinho”, destinado a guardar a história do município. Conforme a professora Margareth Dalabeneta¹⁵, em conversa informal “o ambiente tinha como objetivo inicial servir como um espaço para guardar o acervo histórico, das coisas que fizeram parte da colonização da Serra do Pitoco, que hoje é Atalanta¹⁶” (DALABENETA, 2020).

Lembro-me que quando era aluna nos anos iniciais do ensino fundamental, lá por 1990, a escola em que eu estudava e hoje trabalho proporcionou uma visita a este espaço. Ainda é

¹⁴ Criado no ano 2000 pelo Decreto nº 004/2000, nomeado pela Lei nº 9.985 parágrafo 4º de 18 de julho de 2000 sendo chamado de "Parque Mata Atlântica - ano 2000", sendo renomeado pela Lei Complementar nº 2/2006 para "Parque Natural Municipal da Mata Atlântica".

¹⁵ Margareth Dalabeneta foi secretária de Educação e Cultura entre 2001 e 2004. Período que coincide com a organização do museu. A referida conversa aconteceu por intermédio de whatsapp, entre abril e julho de 2020.

¹⁶ Serra do Pitoco era o nome pelo qual os primeiros imigrantes europeus a chegarem aqui por volta de 1930 chamaram o município, sendo assim denominado até a sua emancipação política em 1967.

possível encontrar em minha memória, e no museu, o armário com vários tipos de pedras, conforme a imagem abaixo:

Imagen 1: Coleção de pedras disponíveis na Casa da Cultura



Fonte: Acervo da autora.

Parte daquele acervo foi transferida para o museu, como é possível perceber na imagem acima. Conforme a utilidade e uso político, a salinha da Casa da Cultura foi reaproveitada de outras maneiras, sendo relegado a segundo plano a função de preservação da memória da cidade. Dalabeneta (2020) salienta que o recinto adquiriu outros usos, conforme a necessidade de cada gestão governamental e a importância atribuída a ele, esclarecendo que “A parte histórica do acervo foi sendo aos poucos esquecida e, no ano de 2001, foi encaixotada para ser levada ao museu que ia ser organizado no Parque Mata Atlântica”. (DALABENETA, 2020).

Para entender a criação do museu é preciso esclarecer que ele está inserido num parque natural, o PNMMA¹⁷. Com a criação e estruturação do parque, Atalanta passou a ter um espaço destinado a ser um museu e o acervo foi direcionado para o novo local, sendo suas portas abertas para visitação a partir de 2004. O Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack” teve sua situação legal regularizada em 2009, pela Lei nº 1119/2009, criada pelo executivo.

¹⁷ Para maiores informações ver: <<https://apremavi.org.br/areas-tematicas/conservacao-da-biodiversidade/parque-mata-atlantica/>>

Na imagem seguinte é possível visualizar a estrutura física da antiga Fecularia dos Groppe, cujo espaço corresponde ao PNMMA. No primeiro plano, vê-se o antigo secador que hoje abriga o MHMWK. Onde estavam as turbinas, encontra-se a entrada da trilha principal que leva até a cachoeira, atração principal do parque. O referido parque é uma área de conservação ambiental, cujo valor histórico é dado pela notoriedade econômica da fecularia entre as décadas de 1940 e 1970, considerado por muitos o centro econômico do município até a década de 1970.

Imagen 2: A fecularia em 2001



Fonte: Arquivo Parque Mata Atlântica -Apremavi (identificações feitas pela autora).

Em conversa informal com Bibiana Petró¹⁸, turismóloga contratada pela Prefeitura Municipal e pela APREMAVI¹⁹, responsável pela organização e reestruturação da antiga fecularia, o museu foi criado no parque para que os visitantes possam conhecer a história do município e desfrutar a natureza:

A ideia era aliar a educação ambiental com a histórica, tanto que a saída para a trilha é quase na porta do museu. É importante que as crianças conheçam a história do município e que preservem a natureza. Foi por isso que fizemos o museu no parque, porque era também objetivo conhecer a história do município a partir do museu (PETRÓ, 2020).

¹⁸ Conversei com Bibiana por aplicativo de mensagem devido a pandemia do novo coronavírus. Bibiana foi contratada como turismóloga pela prefeitura. Atuou no projeto de instauração do Parque Natural Municipal da Mata Atlântica. Informações obtidas em 24.06.2020.

¹⁹ Para maiores informações ver: <<https://apremavi.org.br/areas-tematicas/conservacao-da-biodiversidade/parque-mata-atlantica/>>

O reaproveitamento da estrutura da antiga fecularia fez-se da seguinte maneira: O galpão onde era armazenada a mandioca, após a reforma, transformou-se num Centro de Referência, onde hoje está a sede administrativa, um anfiteatro com capacidade para 100 pessoas, recepção, salas de apoio, sala da administração. Neste espaço, em 2020/2021, está a sede da Secretaria de Agricultura. O secador da fécula de mandioca cedeu seu espaço para a instalação do Museu e na parte do porão, está localizada a reserva técnica do museu. O antigo descascador de mandioca foi transformado num mirante de onde se pode avistar a mata preservada e uma cachoeira. A chaminé pertencente à serraria²⁰, foi construída manualmente e também foi conservada, podendo ser considerada uma verdadeira obra de arte que pode ser vista antes mesmo de chegar ao Parque. A antiga turbina, geradora de energia para a fecularia, foi retirada de onde hoje é o acesso às trilhas, restaurada e encontra-se em exposição ao lado do mirante. O local por onde passava a água que alimentava a turbina é hoje uma escada que dá acesso às trilhas que levam para a cachoeira. O galpão onde era realizado o processo de decantação da fécula encontra-se parcialmente preservado.

Percebe-se que ao olhar para o conjunto arquitetônico onde está o MHMWK é possível identificar os diferentes processos produtivos que naquela estrutura funcionaram, seja a serraria ou a fecularia, bem como o impacto econômico e social que proporcionaram à sociedade atalantense. Ao redor da fecularia foi fundado um dos primeiros vilarejos de Serra do Pitoco, nome da localidade antes da emancipação política em 1964. O museu, por si só, tem muita história para contar. Na imagem seguinte é possível identificar o uso atual da antiga estrutura, percebendo que próximo à entrada da trilha, na antiga turbina, está o museu e na sua entrada, hoje grandes árvores.

²⁰ Antes de ser um engenho de farinha de mandioca, no local funcionava uma serraria e uma fábrica de óleo de sassafrás.

Imagen 3: Estrutura do PNMMA.



Fonte: Arquivo Parque Mata Atlântica -Apremavi (informações colocadas pela autora).

A estrutura perdeu sua função original na década de 1970 quando, por razões econômicas, a fecularia foi fechada. Entre 2001 e 2004 houve o replantio de árvores e restauração da estrutura física. Petró (2020) afirmou que “uma equipe grande esteve envolvida na restauração da fecularia. A escolha do nome do museu foi organizada por Jairo Cardoso”. Em 2004 o parque e, por conseguinte o museu, abriram as portas para receber a comunidade atalantense. Conforme a turismóloga Petró (2020) “o museu foi inaugurado junto com o parque 21/04/2004”. Importante salientar que o museu foi aberto para a comunidade, porém a regulamentação dele só aconteceu em 2009, por intermédio da Lei Municipal nº 1119, de autoria do poder executivo.

A lei que cria o Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack” foi desenvolvida pelo poder executivo, vinculando-o à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes. Sobre a localização do museu, o artigo 2º, da referida lei, afirma que:

O Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack, terá por sede o prédio que no passado abrigava o secador da fecularia pertencente à família Groppe e que atualmente está inserido no espaço da Unidade de Conservação Municipal denominada “Parque Natural Municipal da Mata Atlântica”, localizado na comunidade de Vila Groppe. (ATALANTA, 2009).

A escolha do nome do museu foi realizada ainda em 2004 como resultado de tensões acirradas, mostrando as disputas por memórias a serem celebradas. As poucas informações escritas sobre Atalanta, de uma forma ou de outra, mesmo que brevemente, fazem referência à

família Gropp, tendo em vista que a estrutura teria pertencido à família do senhor Erich Gropp. Por esta razão, alguns entendiam que seu nome deveria homenagear o local resguardando o seu vínculo com a história do município. Outros afirmavam que o nome do museu deveria ser do primeiro homem branco morador da região, o senhor Wogeck Kubiack, cujo nome até então não era visto na historiografia do município. Para resolver a contenda, o senhor Jairo Cardoso (2020), em conversa informal²¹ afirmou que “fiz uma enquete nas escolas do município. Wogeck Kubiack foi escolhido, porque este senhor foi o primeiro morador ali da região, bem antes da Serraria que é a primeira indústria implantada ali. Ao antigo proprietário, Erich Gropp, foi dado o nome do Auditório” (CARDOSO, 2020).

Curiosa que sou, após conversar com senhor Jairo, solicitei aos alunos da segunda série do ensino médio, uma das turmas que colaborou com a construção desta dissertação, principalmente com dimensão propositiva, que conversassem com suas famílias sobre o que sabiam sobre os dois senhores. Não foi grande minha surpresa, pois de alguma forma todas as famílias sabiam da existência dos Gropp, principalmente por causa da fecularia. Sobre o senhor Kubiack, os dois alunos que sabiam da existência e da história dele foram aqueles que têm alguma forma de parentesco. Questionados se as famílias ficaram felizes com a homenagem, M. S. disse “a minha avó é neta dele, ela disse que é bom ser lembrado, mas que ficou surpresa pois achou que teria o nome do seu Erich Gropp. O Wogeck não foi enterrado em Atalanta²²”. Na casa da avó do aluno há um relógio de parede cuja imagem no fundo, possivelmente é de Wogeck e sua esposa Agnes. Na imagem é possível perceber traços de origem indígena na mulher. Levantando outra questão bem importante: será que a disputa de memória era uma disputa de origem étnica? Será que a representatividade da mulher de origem indígena incomodava os líderes políticos que participaram da criação e nomeação do museu? Em caso positivo, é preciso considerar que esta mulher não aparece em nenhum outro lugar da história de Atalanta que não seja o relógio de parede da casa da avó do aluno e, possivelmente, nas memórias de seus familiares. Não é difícil perceber que a escrita da história pode ser revista e novos sujeitos podem emergir das múltiplas narrativas que emergem em um processo de pesquisas.

²¹ Conversa desenvolvida por intermédio de whatsapp.

²² Enterrado em uma comunidade fronteiriça, no Mosquito Grande, município de Agronômica. A data possível de sua morte é 1945. A lápide de seu túmulo está degradada pelas ações do tempo.

Imagen 4: Relógio de parede com imagem de Wogeck Kubiack e esposa, Agnes



Fonte: Acervo da autora.

Escrever a história não é tarefa fácil. Requer olhar atento para as disputas de memória em relação àqueles que serão eternizados nos livros de história, nos bancos escolares e assim no imaginário social. Foi assim na hora de nomear o museu e também na hora de contar a origem do nome de Atalanta²³. O caso da escolha da nomenclatura do museu é outra evidência da importância de discutir em sala de aula a construção de personagens históricos locais, bem como que a história pode ser reescrita, reinterpretada conforme interesses políticos. É na sala de aula que as histórias sobre o local, sobre a comunidade borbulham, da mesma forma é ela um lugar para discutir as escolhas que formam a historiografia oficial.

2.2 ONDE ESTÁ “WOGECK KUBIACK”? OBJETOS E NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DE ATALANTA A PARTIR DO ACERVO DO MUSEU.

A imagem seguinte mostra o “Wogeck Kubiack” que está em investigação. Possivelmente feita em 2004, apresenta a parte frontal do Museu. Hoje deteriorada pelo

²³ Na gestão do Prefeito Tarcísio Polastri (2013- 2016) houve um esforço em relacionar a origem do nome do município ao time de futebol italiano, Atalanta Bergamasca Calcio, isso a partir de 2013. Uma versão anterior, a segunda a justificar o nome do município, relaciona-o a uma homenagem à cidade/comunidade Atalanta na Itália, nome atribuído pelo presidente da câmara de vereadores de Ituporanga, em 1963. A explicação mais antiga, conta que um grupo de caçadores matou uma anta, o maior mamífero da Mata Atlântica, por estes lados e a região ficou conhecida como o lugar da “tal anta”. A versão dos caçadores é a que eu aprendi na escola por volta de 1988, minha filha, em 2020, aprendeu a versão do time de futebol.

tempo, a pintura já está desbotada, as árvores na frente cresceram, quase encobrindo a fachada. Para responder à pergunta que nomeia este subcapítulo é preciso investigar o acervo do museu. Outros grandes desafios são encontrados por aqui. Ouso dizer que Wogeck Kubiack é uma expressão que apresenta grandes desafios, seja pela difícil pronúncia deste nome, seja pela dificuldade de encontrar o senhor Wogeck Kubiack no imaginário e na historiografia atalantense, ou no acervo do museu. Aqui me proponho a analisar e observar o acervo do MHMWK, norteando-me por essas questões.

Imagen 5: Frente do museu em 2004.



Fonte: Arquivo Parque Mata Atlântica -Apremavi

Desde sua criação, o MHMWK se propõe a “Contribuir para a preservação da memória e sensibilização da população atalantense, servindo de referência para o desenvolvimento de pesquisas acerca dos aspectos históricos/culturais” (ATALANTA, 2009), conforme Lei Municipal já citada. Gil e Almeida (2012) discutem o conceito de museu na contemporaneidade, asseguram que deve transcender a preservação, eles devem conversar, comunicar, interpretar e expor, desta forma contam histórias, que são resultado de seleções e diferentes pontos de vista. Francisco Ramos (2004b, p. 30) ousa dizer que “o museu que não tem compromisso educativo transforma-se em depósito de objetos, ou vitrines de um Shopping Center Cultural”. Os autores citados mostram o quanto a ideia de que museus são lugares de memória (NORA, 1993) esteve ligada há um modo de interpretar o museu. Parece-me que

Ramos, assim como Gil e Almeida, deixam transparecer que o museu pode flertar discretamente com o visitante, provocando-lhe.

Um museu histórico, assim como é o MHWK, expõe vestígios de memória. Os objetos que ele abriga, naqueles que o visitam, devem ser capazes de estimular a memória trazendo à tona por vezes doces lembranças ou nem tanto. Os objetos musealizados se transformam em portadores de ensino, cujo valor de uso se transforma em valor de ensino, conforme Meneses

O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc., etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos. No entanto, imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizado no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. Assim, por exemplo, todo eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. (MENESES, 1992, p. 12)

Quanto ao compromisso dos objetos históricos expostos nos museus, Ulpiano Meneses (1998) assegura que estão voltados ao presente, pois é nele que são produzidos ou reproduzidos como categoria de objeto, respondendo às necessidades do presente. Sobre essas necessidades, Francisco Ramos (2004b) reforça que a função educativa dos museus não consiste na celebração do passado ou dos heróis do passado, mas na reflexão crítica acerca do que está exposto, sendo o “lugar onde os objetos são expostos para compor um discurso crítico”. (RAMOS, 2004b, p. 6).

De acordo com o site da prefeitura, na aba turismo²⁴, o museu possui “aproximadamente 400 peças em seu acervo que contam parte da colonização de Atalanta”. Da mesma forma, não conta com catalogação e inventário sobre estas mesmas peças, muitas delas sem identificação. Importante ressaltar que, embora no museu encontramos artefatos líticos do município relacionados aos indígenas que ocupavam a região, porém estes povos não são citados na legislação que regulariza a situação do museu.

No início do ano letivo de 2020 eu tinha como objetivo inventariar o acervo do museu, porém a pandemia fez-me rever os planos e encontrar outra maneira de estar em contato com ele, pois estava fechado. Seria uma parceria entre o estagiário da APREMAVI que ali trabalhou naquele ano²⁵ e a turma da escola em que ele estudava. Este inventário seria usado, entre outros, na organização desta pesquisa. Diante da pandemia e da impossibilidade de ir ao

²⁴ Disponível em: <<https://turismo.atalanta.sc.gov.br/equipamento/index/codEquipamento/3327>>

²⁵ Vitor Lauro Zanelato aluno do terceiro ano do ensino médio trabalha como estagiário no PNMMA, agindo diretamente no museu durante a semana quando a monitora não está.

museu, foi preciso encontrar outra estratégia para dar conta dos objetos que compõem o acervo, para tanto, parti de álbuns de fotografias digitais²⁶ do acervo, realizadas por mim em visitas no ano de 2019. Estas imagens pretendem representar a totalidade do acervo exposto no museu naquele momento. Confesso que não foi tão fácil quanto parecia. Alguns objetos já eram conhecidos pelo seu uso, enquanto para outros foi preciso interrogar familiares e os alunos para descobrir as suas funções, o que nem sempre aconteceu, exigindo atenção redobrada ao analisar as imagens dos objetos. Para que o acervo fosse melhor compreendido, estabeleci categorias diferentes considerando o uso ou o contexto em que estavam inseridos. A categorização que fiz, por vezes, parecia injusta pois alguns objetos poderiam ser colocados em várias delas e com outros não sabia como definir a melhor categoria, como por exemplo a embalagem com águas do Rio Jordão, que aparentemente não tem vinculação explícita com a história local. Foi uma tarefa árdua, ao mesmo tempo interessante. Alguns objetos não possuem identificação de nome ou uso, outros trazem informações precárias.

Conforme o intuito da pesquisa, sistematizei os objetos e as fotografias lá expostos nas seguintes categorias: trabalho, cultura, educação, política, economia, cotidiano e curiosidades, havendo subcategorização em alguns itens. A categoria trabalho poderia ser discutida sob várias óticas, entre elas feminino ou masculino, rural ou urbano e ainda doméstico ou fora de casa, a cultura, por exemplo, foi dividida em religiosidade, esporte e presença alemã. Vale destacar que esta categorização foi organizada com o intuito de facilitar o entendimento do leitor sobre o acervo do museu e está aberta a críticas e sugestões.

Inúmeras outras possibilidades de categorização do acervo poderiam ser criadas para melhor compreendê-lo e conhecê-lo. Poderia ser tempo, gênero, variações de trabalho, religiosidade, práticas culturais, lazer e inúmeras outras. Porém meu objetivo é investigar a história de Atalanta pelo viés do trabalho, então a primeira categoria selecionada foi esta, e todas as outras de alguma forma estão a ela interligadas. Caro leitor, é preciso avisá-lo que o acervo do museu é composto por objetos de diferentes tipos e usos e por fotografias que registram alguns episódios da história do município. Sinta-se convidado a me acompanhar na procura por Wogeck Kubiack no acervo do MHMWK.

²⁶Disponível

em
<https://photos.google.com/share/AF1QipNoMSOXZ6HTMRRJMhAH6KvNeRMXQzWu1tUYuABVSGRrAFe9yw3mr3Q1SeUX3B3vJQ?key=OGdCTGhzVFJXVHR0M0ZoMGIOX0FpYWROWmVpWjNB>.
 Acervo da autora.

2.2.1. Será que “Wogeck Kubiack” está nas fotografias do museu? Narrativas apresentadas nas fotografias e documentos escritos.

Antes de responder a esta pergunta é preciso esclarecer que as fotografias registram apenas uma parte da história de Atalanta possivelmente entre 1940 e 1970, e não parecem ter pretensão de mostrar a totalidade Embora essas terras tenham sido ocupadas historicamente pelo povo xokleng e a presença de imigrantes alemães, italianos e poloneses seja registrada aqui desde antes disso, não há registros fotográficos expostos no museu referentes aos períodos anteriores. Não é possível perceber, nas fotografias expostas, qualquer menção a presença indígena nestas terras, nem mesmo identificá-los entre os fotografados. Da mesma forma, não conseguimos identificar os autores das fotografias, além de quase não haver identificação das pessoas fotografadas. Como a maioria das pessoas pousa para a foto, é possível imaginar que algum fotógrafo profissional esteve por aqui neste período. Conversei com a senhora Irlanda Hadlich²⁷, fotógrafa oficial da cidade entre as décadas de 1980 e 2000 sobre possíveis profissionais que tenham atuado por aqui no período anterior, mas ela não recorda quem possa ter feito as fotografias. Frisou que “as fotos do museu são propagandas da cidade em expansão. Parece que queriam chamar o pessoal para vir morar aqui”. Argumento que é reforçado pelas imagens em análise.

A fotografia gera inquietações: Em que contexto foram realizadas? Quais memórias estavam sendo resguardadas? Quais sujeitos estavam sendo expostos? Por que apenas algumas foram expostas no museu? Estas imagens incitam outros questionamentos: quais memórias estavam sendo esquecidas? Por que não estavam sendo expostas no museu? Quais os objetivos e sujeitos envolvidos na produção destas fotografias? Também resta perguntar, quais os objetivos dos que fizeram as fotos? Algumas parecem eternizar momentos, outras propagandear a cidade que estava em crescimento econômico e demográfico. Após analisar as imagens do museu, cheguei à conclusão que há em torno de trinta fotografias, algumas agrupadas em moldura maior, como se fossem quadros de parede, outras individualmente. Encontrei cinco molduras diferentes.

Foi difícil estabelecer o parâmetro de seleção usado na emolduração das fotografias. Em uma delas, com nove fotografias diferentes, há imagens de caçadores e pescadores, datadas de 1956; a inauguração de uma escola, em 1965; a fotografia de um professor e sua esposa, embora seu Leonardo não tenha sido professor na escola inaugurada. Há ainda imagens do

²⁷ Irlanda Hadlich, exerceu a profissão de fotógrafa no município por duas décadas. Informações cedidas em conversa informal.

primeiro caminhão do município, sem registro de data, e festividades de rua, possivelmente desfile de reis da extinta Sociedade de Bolão Santo Antônio, estas datadas de 1968.

Em outra moldura, por exemplo, as representações são da chegada dos missionários católicos, da rua principal e da primeira prefeitura, podendo ser interpretadas como fotografias a serem usadas como propaganda do município em colonização pelos descendentes de imigrantes europeus. São imagens que mostram o desenvolvimento e a possibilidade de fartura nestas terras, além da forte presença da religiosidade católica. Nesta moldura podemos dizer que posaram para a foto, os jogadores de um time de futebol, o senhor Miguel Scheller, futuro prefeito, que mostra seu porco gigante e a plantação de pinheirinhos americanos da empresa da família, além das moças bem vestidas e sorridentes, cujas identidades nos são negadas, reforçando uma representação de que além de ordeiros e trabalhadores, eram também felizes os que moravam aqui.

Há outras fotografias neste museu, mas todas giram em torno dos mesmos temas, religiosidade, eventos onde as escolas estão reunidas, além de demonstrações de trabalho. Talvez estas imagens tenham sido pensadas para fazer propaganda da Serra do Pitoco, como era chamada Atalanta antes da emancipação, visto que a maioria das fotos é anterior a 1964. Considerando esta informação, é pertinente refletir por que os indígenas não aparecem nos registros fotográficos? Talvez seja porque todos estejam “pacificados” na Terra Indígena Ibirama-Laklānō²⁸, informação que se contradiz se forem ouvidas as histórias sobre os indígenas contadas por nossas avós. Ou talvez porque não fosse interesse dos que propagandeavam a cidade apresentar imagens de indígenas, compreendidos muitas vezes como empecilhos ao desenvolvimento²⁹. Resta-nos o direito de indagar estas fotografias. Algumas aulas de história podem ser desenvolvidas partindo do que eles mostram e do que não mostram.

Usando o critério de categorização por mim sugerido, as fotografias podem ser organizadas a partir das categorias trabalho, cultura, educação, política e economia. A seguir, apresento uma montagem representando algumas das fotografias nada ingênuas, expostas no MHWK. Elas evidenciam os interesses daqueles que faziam publicidade de Serra do Pitoco

²⁸ Criado a partir de 1914, o Posto Indígena Duque de Caxias, que em 1926 tornou-se a terra indígena Ibirama-La-Klānō. Distante de Atalanata cerca de 90 km. Para maiores informações ver: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/191870>

e <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/confliito/povos-indigenas-laklano-xokleng-da-ti-ibirama-la-klano-lutam-por-regularizacao-de-territorio-contra-preconceito-e-contra-pandemia-mundial-da-covid-19/>

²⁹ Para mais informações ver: WITTMANN, Luisa Tombini. *Atos do contato : histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)--Campinas, SP : [s.n.], 2005.* Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/296837413.pdf>>

entre os possíveis novos moradores do local. Vale ressaltar que entre as imagens não há qualquer menção ao senhor Wogeck Kubiack, nem mesmo aos indígenas como citado anteriormente.

Imagen 6: Montagem de algumas fotografias expostas no museu.



Em cima, marcha da família 1964, chegada de missionários, desfile de baile de rei, ao centro, roça de milho, mulheres, em baixo, serraria, inauguração de escola, centro da cidade. Fonte: Acervo da autora.

Algumas fotografias devem ser problematizadas, como esta que mostra grupos de caçadores e pescadores, na então Serra do Pitoco, hoje Atalanta, por volta de 1956. Considerando o histórico de ocupação da região do Vale do Itajaí, bem como da violência deste processo, é impossível não lembrar dos “bugreiros”³⁰ que tanto caçaram por estas terras. Vale lembrar que eles não eram caçadores de animais, mas de pessoas. Talvez sejam os caçadores da “tal anta” que gera a primeira versão do nome de Atalanta. Será?

Imagen 7: Foto de grupo de pescadores e caçadores na Serra do Pitoco, 1956

³⁰ “Bugreiro, ou, mais explicitamente, caçador de índios, foi assim uma profissão criada e necessária ao capitalismo em expansão nesta parte da América”, escreveu o antropólogo Silvio Coelho dos Santos no livro Os Índios Xokleng memória visual, 1997. Bugreiros são caçadores de indígenas contratados pelo governo imperial e pelas empresas de colonização para facilitar a ocupação pelos europeus das terras do Sul do país a partir de 1850.



Fonte: Arquivo Parque Mata Atlântica -Apremavi.

Essas imagens rendem muitas aulas. Considerando a dificuldade em fazer fotografias em 1956 e que não há registros oficiais de fotógrafos por aqui naquela época, resta perguntar quais histórias elas apresentam e quais camuflam? Sem grandes rios para pesca, havendo na região apenas córregos e riachos, por que se juntaram um grupo de pescadores para compor uma fotografia? Possivelmente por uma peculiaridade local, visto que todos os rios de Atalanta nascem em Atalanta, reforçando o questionamento sobre atividade de grupos de pescadores por aqui em 1959.

Algumas leituras referentes à ocupação não indígena na região dão conta que os indígenas foram caçados por grupos de homens pagos pelo governo e pelas empresas colonizadoras, os bugreiros. No livro “Atalanta e suas Histórias: Luzes e sombras do passado” (2007), há uma citação interessante sobre a história de Atalanta.

Também conta o senhor Adílio, que alguns homens aqui de nossa cidade resolveram reaver pertences roubados pelos bugres. Juntaram-se e foram em busca de justiça. Chegando à aldeia na qual os bugres moravam, fizeram uma verdadeira chacina. Todos os bugres foram mortos sem dó nem piedade, exceto, um pequenino bugre, que pelos homens brancos foi levado para casa. Como ainda era pequenino, acharam melhor que o mesmo fosse amamentado por uma mulher branca. O bugrezinho, como não falava a língua portuguesa, esperneava e gritava o tempo todo. Ao colocá-lo para mamar no seio de uma mulher branca, o mesmo morde-o com tal força, que o seio sangrava sem parar. Um dos homens que isto presenciou, jogou o bugrezinho para cima e juntou-o na ponta de uma espada. Esta horrível história o vovô conta com remorso (2007).

Após a leitura deste texto é difícil olhar para estas fotos e imaginar que sejam caçadores e pescadores de animais somente. Seriam eles caçadores pagos pelo governo ou pela empresa colonizadora para caçar os indígenas? Considerando que a maioria das fotografias faz publicidade de Serra do Pitoco, chamando a atenção de novos moradores, será a imagem de caçadores uma inocente imagem ou terá ela outros objetivos que não devem ser explícitos numa comunidade religiosa? Ou seriam justiceiros? Como esta história seria contada pelos indígenas? Quem fez a fotografia? Não é esta a discussão que nos interessa agora. Voltemos ao acervo do museu, deixemos as discussões para depois. Antes lembremos do que Ana Maria Monteiro defende como função do ensino de história. Para além da sala de aula, nos museus “criam oportunidades para descontruir verdades estabelecidas, instigar questionamentos e despertar o interesse para a diferença, pela experiência do outro, de forma a buscar compreender alternativas e construção histórica da vida social em perspectiva crítica” (MONTEIRO, 2009, p. 2).

Nos jornais da região era possível perceber os propósitos de desenvolvimento econômico de Atalanta. Há uma reportagem exposta, sem identificação de quando foi editada e por qual gráfica, consegui identificar que é referente ao período de governo de Fredolino May, entre 1973 e 1977, que apresenta as expectativas de desenvolvimento, a construção da atual prefeitura, da casa da cultura, além de citar o número de 4375 habitantes, sendo a maioria deles moradores da área rural. A industrialização, na época, assim como hoje, era uma meta.

Sobre os documentos escritos que compõem o acervo do museu, em sua maioria reforçam a presença alemã na história da Serra do Pitoco e, por conseguinte, de Atalanta. Podendo ser inseridos na categoria cultura, subdividida em entretenimento e manifestações étnicas, principalmente no que se refere à presença da cultura alemã no MHWK, identificados tanto na oração, que reforça a presença da religiosidade, quanto os livros mostram a ocupação destes migrantes nestas terras. Além delas, há fotografias referentes aos bailes de rei e rainha do tiro e do bolão, característico de comunidades de colonização alemã.

Um curioso passaporte, datado de 1930, referendando nos Estados Unidos da América também é encontrado no acervo do museu. Curioso porque é a única referência a este país por aqui. Ainda sobre os objetos escritos, encontram-se documentos de caráter político como a ata de instalação do município de 1964 e os livros caixas do extinto Banco do Estado de Santa Catarina (BESC).

Imagen 8: Representações dos objetos escritos no acervo



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Gil e Almeida (2012) evidenciam que “ensinar História é construir estratégias para que as crianças encontrem respostas às suas perguntas e, a partir delas, formulem outras, acessem informações, reflitam sobre elas e produzam escritas que as organizem, ampliando os sentidos de suas problematizações” (ALMEIDA, GIL, 2010, p. 24). Ou seja, o museu é um bom lugar para fazer perguntas. Sendo assim, as fotografias e os livros em análise, podem construir interessantes perguntas, algumas já descritas nos parágrafos anteriores.

Não encontramos Wogeck Kubiack nas fotografias, ao menos não de forma anunciada. Naquelas que há identificação dos nomes das pessoas, em nenhuma delas, está Wogeck. Estaria ele nos livros? Possivelmente não! Seu sobrenome é de origem polonesa, grupo étnico que não é citado nos livros do museu. Talvez Wogeck Kubiack esteja nos objetos, na cultura material. Vamos conferir.

2.2.2 Será que encontraremos “Wogeck Kubiack” nos objetos? Narrativas sobre os objetos do acervo.

Entrar em contato com o MHWK, seja pelas imagens que estou usando para investigar seu acervo, seja desfrutando dos ares puros do parque e observando presencialmente sua exposição nos faz relembrar dos antiquários. Numa das visitas com alunos em 2019, ouvi uma das adolescentes dizer: “Cara, parece com os antiquários dos filmes! Você não acha professora?” Eu ri, achei engraçada a fala da aluna. Perguntei: “O que é um antiquário?”,

prontamente ela respondeu: “é uma daquelas lojas que vende um monte de coisa antiga, tipo o museu, a diferença é que ele não vende!” Alguém respondeu: “Museu não vende as coisas!”. Instigada pela aluna, fui procurar o conceito de antiquário.

Foi possível perceber em algumas leituras que o conceito de antiquário é associado à ideia de local onde acontece a compra e a venda de objetos antigos de diferentes modelos, tendo vinculação com o modelo clássico, greco romano. Françoise Choay situa no humanismo renascentista italiano a busca pelo conceito de antiguidade e de antiquário. Conforme a autora, os eruditos, então chamados de antiquários, continuam com a pesquisa minuciosa e cuidadosa dos humanistas. “Segundo a primeira edição do *Dictionnaire de l'Académie française*, ele designa aquele que é ‘especialista no conhecimento de objetos de arte antiga e curioso deles’” (CHOAY, 2017, p. 62). Eles exploraram outros lugares, nos séculos XVII e XVIII, encontrando nas ruínas da Grécia antiga, do Egito e da Ásia Menor, vestígios das civilizações-mães. Ao contrário dos humanistas que preferiam os textos às obras de arte, os antiquários entendiam que os testemunhos involuntários do passado permitiam que ele se revelasse de modo mais seguro. Os testemunhos involuntários seriam os objetos que não tem como mentir sobre sua época, sendo considerados superiores, um exemplo está na fala de Montefaucon (Apud: CHOAY, 2017, p. 63) “Está comprovado que os mármores e os bronzes nos informam bem mais sobre os funerais que os autores antigos, e que os conhecimentos que obtemos dos monumentos são bem mais seguros que aquilo que aprendemos nos livros”.

Percebemos que o termo antiquário adquire dois sentidos diferentes que por vezes se fundem. Em um deles é o erudito e o colecionador, aquele que acumulava em seu gabinete fragmentos do passado, formando dossiês com descrições e representações figuradas das antiguidades. Aparece também como o local, o espaço que tem como função guardar objetos que representam o passado, aquele com o qual a aluna confundiu o MHMWK. Além de guardar representações do passado, o antiquário (aqui funde-se homem e local) tensiona os discursos escritos sobre ele, cuja neutralidade e credibilidade passou a ser questionada. Françoise Choay reforça que “Desde que seja interpretado de modo conveniente, o testemunho das antiguidades é superior ao do discurso, tanto por sua confiabilidade quanto pela natureza de sua mensagem” (2017, p. 63). O colecionador de antiguidades pode contribuir para a escrita e interpretação do passado, se o fizer de forma crítica, pois a pesquisa histórica consiste na reinterpretação do passado o que gera conclusões a respeito do presente. Conforme a autora (CHOAY, 2017) o objetivo dos antiquários é jogar luz sobre o passado, aquele que não está expresso ou escondido. Os antiquários nascem com a função de resguardar elementos da história que a escrita não consegue.

Este local, que surge para resguardar elementos da história que a escrita não consegue, passa a ser chamado a partir do projeto de democratização do saber, promovido pelo Iluminismo, de museu. “O Museu [...] institucionaliza a conservação material das pinturas, esculturas e objetos de arte antigos e prepara o caminho para a conservação dos monumentos da arquitetura” (CHOAY, 2017, p. 62). O nome é uma sugestão ao templo das musas. Ele é o local onde os antiquários conservavam seus achados do passado. Seria o MHMWK um antiquário? Teria ele o objetivo de jogar luz sobre o passado não expresso? Ou será esta uma oportunidade de jogar luz sobre o acervo do MHMWK e interrogá-lo?

Para os desatentos parece ser um antiquário, pois muitas vezes se parece com um local para guardar objetos do passado que já não cabem nas residências ou porque saíram de moda ou caíram em desuso e apenas ocupam espaço, ou mesmo porque seus donos, aqueles que lhes possuíram por primeiro, já estão mortos e os familiares não sabem o que fazer com estes objetos e doam para o museu, tanto para garantir a sua preservação como para contribuir com a história local. Embora não seja local de compra e venda, é possível encontrar nele inúmeros objetos, que não parecem ter compromisso entre si e ao mesmo tempo pretendem contar a história de Atalanta. Para os atentos o MHMWK não é um depósito daquilo que não cabe em casa, é um local onde inúmeros objetos estão expostos com o intuito de contar a história de Atalanta. Os atentos perguntam à exposição o que ela pretende contar e ao mesmo tempo esconder sobre Atalanta, pois o “museu é uma maneira de representar (re-apresentar) o mundo, os homens, as coisas, as relações” (MENESES, 2010, p. 17).

Se devidamente investigada sua exposição, pode-se afirmar que ela não é composta por um amontoado de objetos e imagens sem ligação entre si, mas por fragmentos da história da comunidade atalantense. Resta perguntar então, qual será a concepção museológica expressa na expografia do MHMWK? Não parece fácil definir. Por vezes parece que ela não está clara nem mesmo para os que organizaram a exposição, pois os espaços não são especificados, encontramos entre as xícaras e frigideiras o livro caixa do BESC, por exemplo, ou na mesma prateleira é possível encontrar o ferro de passar roupas, uma plaina e o nível de construção, ordenados em uma disposição, aparentemente aleatória. Se considerarmos seu acervo como sendo representações de antiguidade, por que não considerá-lo um antiquário? Ao mesmo tempo, fica a dúvida sobre os fragmentos da antiguidade, ou do passado, para não parecer tão distante no tempo, que estão expostos ali. São frutos de escolhas, a própria organização no museu é fruto de alguma escolha, assim como seu nome, como já vimos anteriormente. É uma escolha que parece pretender ser fiel ao passado atalantense, se propondo a dar visibilidade ao que foi por muitas vezes escondido. Neste caso interessa

questionar fiel a quem? Atribuir visibilidade a quê? O que estaria escondido na história de Atalanta que é possível desvendar pela exposição do museu? Adianto de antemão que não é fiel, embora pretenda ser e que a visibilidade pretendida pode ser tendenciosa.

Voltando a tratar do acervo do MHMWK vamos analisar a cultura material encontrada nele, tendo Ulpiano Meneses (1998) como norte para esta discussão. Como cultura material podemos compreender o conjunto de artefatos, de objetos que compõem o acervo e a exposição de um museu. Os artefatos lá expostos têm significados diferentes aos visitantes, pois embora vejam os mesmos objetos nas prateleiras do museu, são por eles afetados por memórias diferentes. Meneses (1998, p. 90) afirma que “a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória”. Marcas que são construídas no uso do objeto em diferentes contextos nos quais esteve inserido com os inúmeros sujeitos que tiveram alguma forma de contato com ele.

O uso do objeto é anterior a sua presença no museu, era a sua primeira função, aquilo para o que foi construído, fabricado. Este uso criou naqueles que o manusearam memórias às quais são atribuídos valores, que podem ser bons ou ruins, belos ou feios, tristes ou alegres e assim por diante. É inegável que o visitante, com capacidade visual, ao entrar no MHMWK e avistar a cadeira do dentista, por exemplo, possivelmente terá dificuldades em recordar-se da cadeira tal qual era em 1980, por exemplo, virá à tona as memórias construídas tendo como pano de fundo a cadeira do dentista. Lembrará de quem lhe segurou a mão para que Alcides lhe arrancasse os dentes, assim como dos cuidados que recebeu, ou não, ao ter o dente arrancado, reavivando possíveis memórias de dor daquele momento.

Os objetos que constituem a cultura material exposta no MHMWK foram, por mim, investigados e distribuídos em categorias diferentes conforme a função e o uso. Esta divisão tinha o objetivo apenas de facilitar a análise e compreensão da exposição. A maioria se refere aos tipos de trabalho que permearam o cotidiano atalantense. Para facilitar a compreensão foram diferenciados em rural ou urbano, da casa (ambiente privado) ou de fora da casa (ambiente público), feminino ou masculino. Algumas manifestações referentes ao ambiente doméstico, sendo entendidos como feminino, não tem determinação territorial, urbana ou rural, pois seu lugar é a casa e seus arredores, da mesma forma o trabalho masculino em algumas situações. Outras subcategorizações referente ao labor ainda poderiam ser descritas aqui, porém o objetivo é permitir que o leitor conheça um pouco do acervo e da exposição do MHMWK e, assim como eu, tente encontrar o senhor Wogeck Kubiack. Aqueles artefatos que não foram inseridos nesta categoria e suas variações foram incluídos em economia, entretenimento, curiosidades e objetos reguladores do cotidiano.

O rural foi pensado também a partir da extração e beneficiamento da madeira, como também o uso da terra. É importante considerar que os mesmos objetos tiveram seu uso tanto no ambiente rural quanto urbano, seja no beneficiamento da madeira que construiu casas, ranchos ou pontes. Na imagem abaixo é possível identificar alguns dos objetos relacionados ao beneficiamento da madeira usados ainda hoje.

Imagen 9: Instrumentos usados no beneficiamento de madeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na imagem acima é possível observar a serra braço, usada no corte de madeira, depois o beneficiamento com a fraqueijadeira, o cepilho, plaina, cutelo e por último nível. Estes objetos denunciam a necessidade de uma grande equipe de trabalho, além do uso da força física para que acontecesse a serra das árvores que após beneficiadas foram usadas na construção das residências e ranchos dos moradores ou pontes e móveis.

Em relação à agricultura vê-se peças que compuseram um engenho de farinha de mandioca, outras engrenagens do processo de beneficiamento do milho e do arroz e do tratamento do tabaco. Além de objetos de uso cotidiano como a balança que pesava os produtos vendidos, como a mandioca, o tabaco, a banha, entre outros. Algumas representações podem ser vistas na imagem seguinte:

Imagen 10: Fragmentos de instrumentos usados na agricultura



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A atividade de caça pode ser percebida, por exemplo, nos artefatos líticos, cuja origem não é registrada, embora seja possível encontrá-los facilmente no município de Atalanta. Estes artefatos estão etiquetados com a informação “pedra de índio”, acompanhada do nome daqueles que doaram ao museu, conforme imagem seguinte:

Imagen 11: Etiqueta que identifica os artefatos líticos expostos no museu.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Artefatos usados possivelmente no abate e processamento de animais pelos povos originários da região. A região na qual Atalanta está inserida era ocupada pelo povo xokleng, que caçava diferentes tipos de animais e aves, além de coletar mel, frutos característicos como

o pinhão (SANTOS, 1997). Os alunos relatam frequentemente que encontram pontas de flechas ou pedras maiores ao arar a terra. Considero a presença dos artefatos líticos expostos no museu muito significativas, visto que a presença indígena por aqui é negligenciada, mostrando que a função do museu transcende a ilustração, que ele “é lugar de criticidade, de questionamento, de tensionar a estrutura social estabelecida. É também o lugar da preservação, mais que conservar, os museus investigam, comunicam, interpretam e expõem” (GIL, ALMEIDA, 2012). Na imagem a seguir, vê-se alguns destes artefatos:

Imagen 12: Artefatos líticos de origem desconhecida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Alguns museus colocam os artefatos líticos na seção de história natural, porém, o MHMWK, aparentemente, não possui seções que classificam a exposição. Percebe-se que os artefatos líticos estão colocados no armário ao fundo do museu junto com uma série de outros objetos de uso cotidiano como o lampião, a chaleira, o relógio e algumas curiosidades, como é o caso dos frascos de vidro com água do rio Jordão, ou uma castanha do Pará, como é possível perceber na imagem seguinte:

Imagen 13: Entre lamparinas e relógios, os artefatos líticos.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Se fosse organizada uma seção de história natural no MHWK outros elementos da exposição estariam nela conforme mostra a imagem a seguir. No museu ocupam lugares diferentes. A madeira fossilizada está junto dos artefatos líticos direcionados aos indígenas e a castanha do Pará, as pedras cristalizadas e ponta de flecha no móvel que guarda as moedas antigas. A madeira do cerrado e o nó de pinho estão próximo aos ferros de passar roupas e os utensílios de carpintaria. Esta breve descrição nos permite indagar o tipo de exposição que o museu organiza e expõe.

Imagen 14: Que tal uma seção de história natural?



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Como trabalho urbano, a subcategorização pode ser voltada para as diferentes profissões que, de alguma forma, estão ligadas ao cotidiano atalantense. O dentista (aquele que o auxiliava, sua esposa, não é citada no museu), o/a farmacêutico/a, aquele/a que datilografou, o funcionário do banco, através da abertura do livro caixa do extinto BESC, estão representados na imagem seguinte. Porém, outros objetos que podem ser associados tanto ao uso doméstico quanto profissional poderiam estar nesta imagem, como é o caso da máquina de costura, da tesoura e da arma ou do caminhoneiro que usava o macaco chicão, um macaco de madeira usado na troca de pneus dos caminhões.

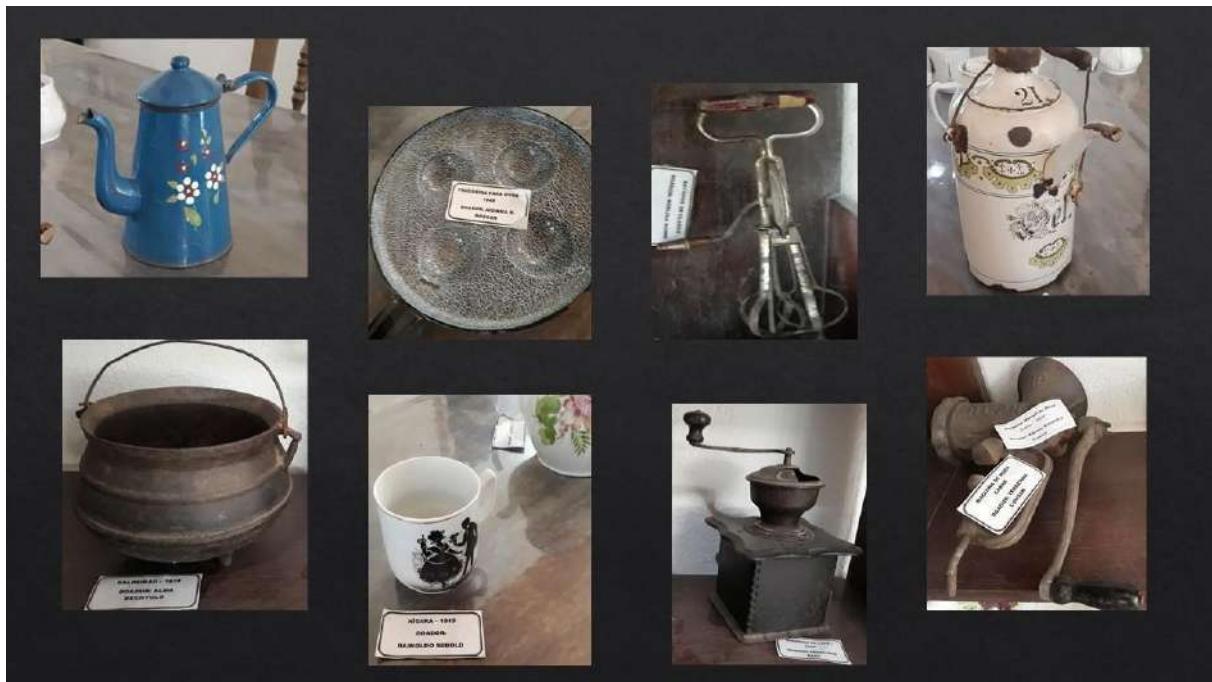
Imagen 15: Instrumentos do trabalho urbano



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O que foi interpretado como trabalho doméstico, entrecruza o urbano e rural, visto que permeia estes diferentes espaços. Está por toda parte e numa cidade agrícola e rural, como é o caso de Atalanta, estes espaços se confundem frequentemente. Para a subcategoria doméstico, ou de casa, foram direcionados os objetos que tratam da sua organização como utensílios de diferentes tipos e utilidades, além de móveis. Alguns, como a manteigueira, a torradeira de café e o bule de leite, poderiam ser classificados também como parte do mundo rural.

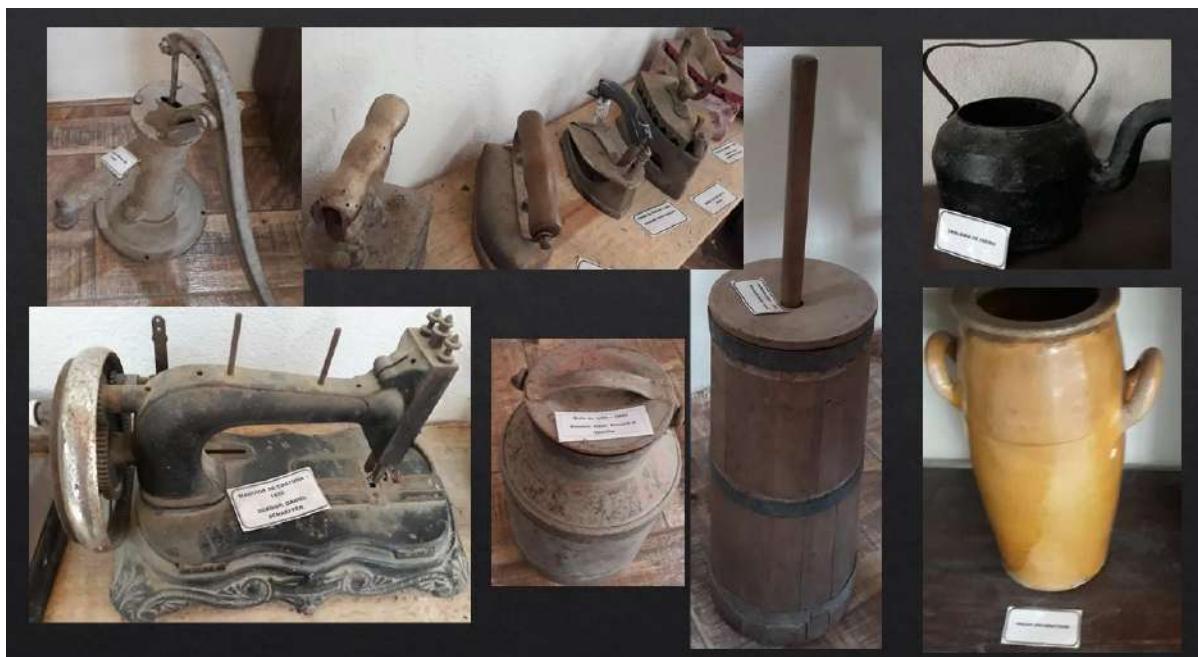
Imagen 16: Objetos de uso na cozinha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na imagem é possível perceber além dos já citados, outros objetos que permeavam o cotidiano de qualquer residência no século XX. Além da louça, do vaso de barro usado para armazenar carne, do moedor de carne, da bomba manual de tirar água do poço, da máquina de costura, do ferro de passar roupas, muitos outros objetos poderiam estar nesta seleção de imagens

Imagen 17: Objetos de uso cotidiano no ambiente doméstico.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Quanto ao eixo economia, que está implícito no eixo trabalho, houve ainda duas manifestações que foram diferenciadas devido à peculiaridade. Do BESC há alguns livros de registros das variações econômicas do município, sendo que um deles está exposto, com informações referentes ao ano de 1979 e os outros armazenados no local que pretende ser o depósito do museu³¹. Ainda constam representações de moedas e cédulas das variações econômicas do Brasil ao longo do século XX, entre elas encontramos Cruzeiros, Cruzados, Cruzados Novos e Cruzeiros Reais, além de algumas moedas. Se o museu contasse com uma seção de numismática, nela estariam estas moedas e cédulas. Novamente emerge a necessidade de ser mais claro o critério de organização do museu. Na montagem a seguir é possível visualizar o que comporia a seção de numismática, além do livro do BESC, e identificar, no canto superior esquerdo, uma imagem que mostra o depósito do museu onde estão armazenados os objetos não expostos, possivelmente o acervo. Localizado na parte inferior do museu, úmido, empoeirado, com as portas abertas, permitindo a entrada de animais e demonstrando o descuido com a história atalantense.

³¹ Na parte inferior do forno da fecularia está localizado o acervo do museu. Local úmido e sem ventilação, o que prejudica o acervo armazenado.

Imagen 18: Que tal uma sessão sobre economia?



Créditos: Arquivo pessoal da autora.

Na imagem abaixo é possível identificar alguns objetos, que permeiam vários espaços, e foram categorizados como objetos reguladores do cotidiano, considerando principalmente seus usos. É o caso do relógio de bolso e do relógio despertador, ou da lamparina e do lampião e ainda da máquina fotográfica. Poderia estar incluída aqui ainda a televisão e o rádio toca fitas. O canudo para guardar documentos foi também incluído por ser objeto de grande importância nas casas. Por muito tempo, nele guardaram-se documentos pessoais, de propriedade de terras, além de dinheiro.

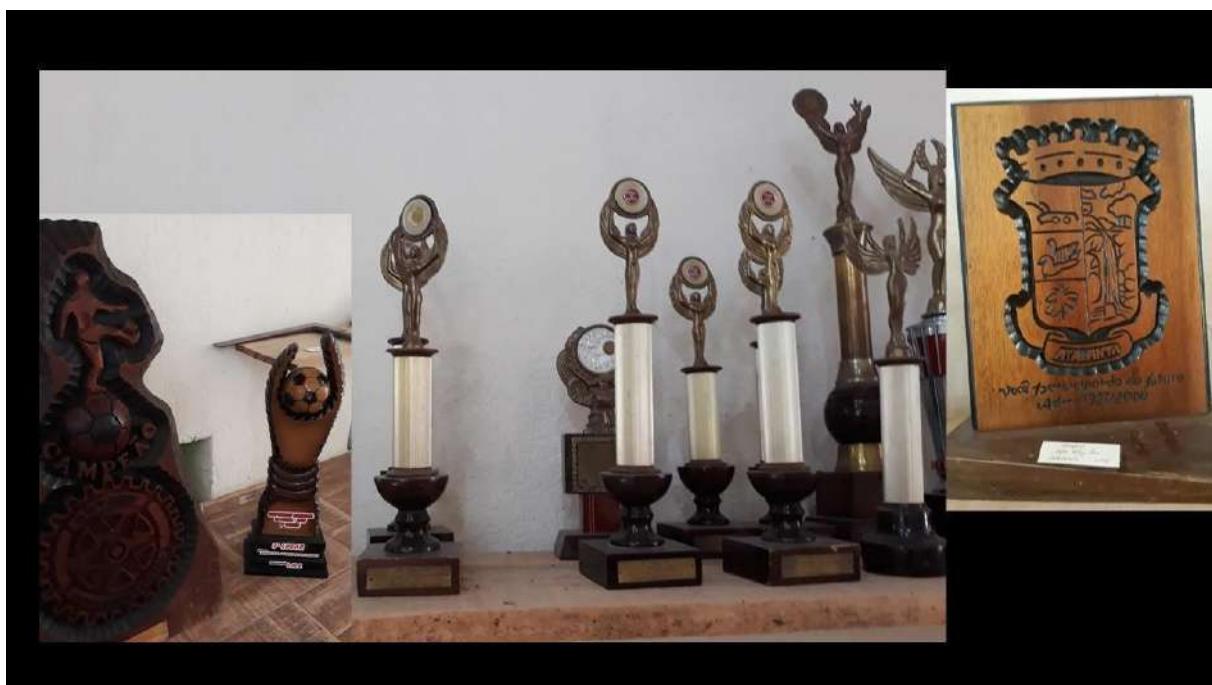
Imagen 19: Entre a posse da terra e a marcação do tempo.



Créditos: Arquivo pessoal da autora.

Entretenimento pode ser outra categoria por mim estabelecida para compreender a história da sociedade atalantense. Os esportes coletivos e individuais fazem parte desta categoria. Encontrei quase trinta troféus compondo o acervo do museu, esta quantidade demonstra o apoio e a importância que práticas esportivas coletivas têm no município, principalmente o futebol, e o dominó. Percebe-se, ao ler as etiquetas, que não fazem referências a torneios femininos, denunciando a ausência de mulheres nos esportes e mostrando acima de tudo que “Todo museu conta uma história por meio de suas escolhas e dos usos de seus espaços” (GIL, ALMEIDA 2012, p.78), o que nos leva a refletir e interrogar sobre as histórias contadas a partir do acervo. Não sou esportista, mas tenho em minha memória os times femininos de vôlei e futebol, porém elas não estão no museu. Por que as mulheres não aparecem nos esportes que estão no museu se os torneios femininos existem em Atalanta? Quem guarda os troféus referentes aos torneios femininos?

Imagen 20: Campeões do futsal e do dominó.



Créditos: Arquivo pessoal da autora.

Para a categoria curiosidades ficaram os objetos que não consegui classificar em nenhuma das anteriores, ou que não consegui vincular a história de Atalanta, eis como exemplo representações de pedras semipreciosas que não fazem parte da geologia local ou um pedaço de madeira do cerrado, que, como já citei, poderiam estar numa seção de história natural, se houvesse no museu, além da ostentação de viagem à Terra Prometida, ou Aparecida do Norte.

Imagen 21: Uma sessão de curiosidades.



. Créditos: Arquivo pessoal da autora.

Há um objeto em especial que não foi incluído nas categorias citadas. Uma arma. Conforme a monitora do museu, alguém entregou num dia que ela não estava e quem recebeu não soube identificar quem doou, portanto não houve registro. Sabe-se que esteve enterrada onde hoje é roça, que foi entregue por algum morador da localidade de Alto Dona Luiza, local que tem grande presença de origem alemã. Acredita-se que seja uma arma caseira. Pode ser direcionada para a categoria trabalho se tivéssemos informações sobre sua procedência e uso. Poderia ser criada a categoria segurança para incluí-las, mas a falta de informações sobre seu possível uso e principalmente o fato de ter sido encontrada enterrada fez com que eu não criasse a categoria específica. Quando questionada sobre as informações referente a arma, a monitora levantou ainda alguns questionamentos: “Por que será que alguém enterra uma arma? Será que tinha alguém louco em casa e outro foi lá e enterrou? Será que foi no tempo da guerra? Não temos nenhuma informação”. Tantas questões podem ser levantadas a partir deste e de outros objetos que compõem o acervo do MHMWK.

Imagen 22: Arma encontrada enterrada.



Créditos: Arquivo pessoal da autora.

Após observar, categorizar o acervo do museu percebo que não encontrei nenhuma relação direta entre o senhor Wogeck Kubiack e os objetos expostos nos Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”, ao menos não nos objetos com algum tipo de identificação, pois nem todos os objetos possuem etiquetas. Talvez ele esteja nas inúmeras marcas que os objetos trazem registradas em si ou provavelmente tenham feito parte do seu cotidiano. Possivelmente o nome de quem identifica o museu seja apenas uma referência aleatória, que nos ajuda a interpelar o seu acervo considerando a presença e a ausência de narrativas sobre sujeitos e processos históricos de Atalanta.

2.2.3. Como encontrar Wogeck Kubiack no museu? A importância das fontes históricas.

Após fazer análise das fotografias e documentos escritos do museu não encontramos o senhor Wogeck Kubiack. Partimos então para a investigação da cultura material que compõe seu acervo e exposição, novamente não identificamos a presença deste senhor no museu que leva seu nome. Entre os artefatos que estão etiquetados com o nome daqueles que usavam ou doaram novamente não foi possível detectar sua presença. Como fazer para encontrar Wogeck

Kubiack no museu se ele parece não estar por lá? O museu é o lugar de fazer perguntas. Precisamos das perguntas corretas para identificar o senhor Wogeck Kubiack no museu, talvez sua presença esteja no sentido que alguns objetos trazem consigo. Ensinar a partir dele é levar os alunos a fazerem indagações aos objetos expostos, que por sua vez assumem a condição de fontes históricas.

Ulpiano Meneses esclarece que o “museu é um espaço de ficção, pois mobiliza formas para representar o mundo e assim permitir que dele possamos dizer alguma coisa” (2010, p. 20). O que dizer do MHMWK? Dizer que seu acervo, sua exposição forma um conjunto de riquíssimas fontes históricas. Que os artefatos da cultura material ali inseridos permitem uma série de problematizações e indagações sobre os sinais de usos que trazem consigo e

informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedades dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos – base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto. (MENESES, 1998, p. 91)

Estas fontes históricas tornam-se recursos metodológicos muito interessantes e se bem aproveitadas, os resultados podem ser significativos, contribuindo para a construção de conceitos, possibilitando a investigação histórica (KNAUSS, 2001). O conceito de fonte histórica, por muito tempo, esteve atrelado apenas à noção de documento escrito, portanto os oficiais. A partir da Escola dos Annales, ainda na primeira metade do século XX, a ideia de fonte adquiriu outra formatação, assim como as histórias contadas a partir delas. Seffner e Pereira (2008, p. 115) “evidenciam que a revolução documental dobrou o olhar da disciplina de História para aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores”. Os objetos de estudo dos historiadores foram ampliados. Ao entrar no museu, muitas fontes históricas estão disponíveis para conversar com o visitante, basta que ele saiba fazer as perguntas.

Para que o uso das fontes históricas atinja seu objetivo como estratégia significativa de aprendizagem, cujo resultado seja transformador, é imprescindível que o professor envolvido seja um intelectual ousado, comprometido com o processo de ensino e aprendizagem, preocupado com o futuro e que saiba que o “conhecimento ocorre a partir da experiência dos homens na relação com o mundo em que vivem” (KNAUSS, 2001, p. 27). Essa relação merece ser tensionada. A visita ao museu não pode ser compreendida como uma ilustração das discussões da sala de aula. O professor precisa instigar a direção do olhar dos alunos, eles podem perceber que as fontes históricas estão por toda parte, transcendem o museu, estão nas construções, nos telhados das casas, nas plantações, nos instrumentos de trabalho e nas demais

informações que se colocam neste caminho (BITTENCOURT, 2009). O percurso entre a escola e o museu, assim como a visita ao MHMWK se coloca como uma importante ferramenta do processo de ensino e aprendizagem de fontes e linguagens.

O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com “formas de representação das realidades do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à análise que origina, fortalecendo sua capacidade de raciocinar baseado em uma situação dada” (CAINELLI e SCHMIDT, 2009, p. 116). A partir da investigação da exposição do museu é possível estabelecer inúmeras inferências diretas e imediatas sobre os muitos fenômenos a que estiveram submetidos os diferentes objetos que compõem o acervo do MHMWK. Estas deduções além de caracterizar “a matéria prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante” (MENESES, 1998, p. 91), apontam informações sobre especificidades do saber-fazer e das técnicas de trabalho, além das condições de cuidado de determinado objeto. Trazem narrativas sobre o uso do objeto, para então concluir o discurso do objeto. Meneses reforça que

os objetos materiais funcionam como veículos de qualificação social. No entanto, deve-se notar que essas funções novas não alteram uma qualidade fundamental do artefato: ele não mente. A integridade física do artefato corresponde à sua verdade objetiva. Os discursos sobre o artefato é que podem ser falsos (MENESES, 1998, p. 91)

É sobre o discurso do objeto que reside a ideia de objeto gerador. Ao direcionar os sentidos para ele, o gatilho da emoção é ativado, e neste momento os discursos são usados para compreender a sua complexidade. Para que o objeto exposto no museu se torne portador de ensino, conforme Ramos (2004) ele deve ser inserido em um jogo que possa problematizá-lo, transportando-o da vivência cotidiana no museu para o espaço da pesquisa histórica, usando recursos diversos para que o ensino aconteça. As estratégias a serem usadas para que ele saia de sua condição simples de objeto e se torne espaço de ensino podem variar entre recortes e problemáticas que demonstram que a memória apresenta peculiaridades e particularidades indicando suas múltiplas faces e que é socialmente localizada, entendendo a “vida social como um produto da ação humana que a gera e transforma”, conforme Meneses (1992, p. 7).

O estudante ao sair da aula no museu, poderá perceber, compreender e identificar que os objetos são resultado de um tempo e que discorrem muito sobre ele, que são “suportes materiais, que são indícios de outros tempos, espaços e sociedades (...) possibilitam a percepção das marcas da história e dos usos que lhe foram atribuídos” (COSTA, p 69, 2009).

estes objetos carecem de problematizações, tensionamentos e indagações. Não deve o professor oferecer respostas, mas fazer perguntas para que o aluno consiga ver ao seu redor as transformações. Mais importante que as respostas, são as perguntas que levam à criticidade.

3. DEZ OBJETOS PARA CONTAR A HISTÓRIA DE ATALANTA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Neste capítulo, apresento os diferentes sujeitos que colaboraram com a construção desta obra, que não é uma casa, mas uma construção que exigiu mão de obra especializada, outras em treinamento como os pedreiros e auxiliares que construíram minha casa enquanto eu produzia essa dissertação. Entre os inúmeros participantes desse processo, cada um contribuiu a seu modo, em momentos diferentes, mas foram igualmente importantes para que a pesquisa ganhasse a sua forma final

Os colaboradores, ou sujeitos desta pesquisa são alunos da Escola de Educação Básica (EEB) Dr Frederico Rolla. Única escola de Atalanta que atende estudantes dos anos finais do Ensino fundamental e Ensino médio, sendo também a única instituição educativa estadual, visto que as outras duas são municipais e atendem alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. O número de alunos da escola gira em torno de quatrocentos, estando distribuídos em dezenove turmas, sendo quatro turmas/séries dos anos iniciais do Ensino fundamental, quatro séries, distribuídos em nove turmas, dos anos finais do Ensino fundamental e três séries, distribuídos em seis turmas, do Ensino médio. Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, ela está em exercício desde 1954³², tendo sido estabelecida no endereço atual no ano de 1958.

A equipe de professores é composta por vinte e seis docentes, sendo que deste total, oito são efetivos na unidade de ensino, entre estes eu que sou a professora de história e filosofia, os demais são admitidos em caráter temporário (ACTs). Destaco que fui aluna desta escola na década de 1990 e nela iniciei minha profissão de professora, em 2001. A partir de 2006, fui morar e trabalhar em Jaraguá do Sul, SC. Em 2019 voltei a morar em Atalanta e trabalhar na EEB. Dr. Frederico Rolla, desta vez como professora efetiva. A equipe administrativa é composta por quatro pessoas, sendo que duas acumulam funções. A assistente técnica pedagógica é a diretora da escola, a assistente de educação é uma das assessoras de direção, a outra não acumula cargo. A equipe administrativa conta ainda com apoio de uma orientadora educacional. Além delas, uma estagiária, aluna do ensino médio, participa do atendimento aos alunos, pais e professores. A escola fica em região distante das outras da mesma regional, a maioria dos professores da escola são das cidades vizinhas, portanto

³² Em 14 de maio de 1954, através do Decreto nº 241, foi criado o “Grupo Escolar Dr. Frederico Rolla”, o qual já funcionava desde 01 de março de 1954.

precisam mudar de cidade para trabalhar, visto que as outras escolas mais próximas da mesma regional estão distantes aproximadamente vinte quilômetros.

Em relação aos alunos, é possível dizer que a rotatividade é pequena, se comparada com outras escolas nas quais trabalhei que eram urbanas. Os alunos da EEB Dr Frederico Rolla são em sua grande maioria filhos de agricultores, como pequenos produtores de tabaco, de cebola, feijão, milho e, mais recentemente, de soja e trigo. Boa parte deles concilia a criação de gado leiteiro com a agricultura. Outro aspecto importante é que a maioria dos alunos vai para o colégio com o ônibus escolar oferecido pela prefeitura, apenas durante o dia, por isso entre os alunos do noturno, não há alunos agricultores, por exemplo. As turmas da escola são pequenas, com média de 20 alunos, concentrando, em pouquíssimos casos, 30 alunos.

Indo na contramão do Brasil, que é considerado urbano e industrializado, desde a década de 1960, Atalanta é um município agrícola e rural, visto que a maioria de sua população mora na área rural e tem a agricultura como fonte de renda. Nas pequenas propriedades rurais, há alternância de produção durante o ano de tabaco, cebola, milho, soja, trigo e feijão, além do gado leiteiro. Sem dúvida, a prefeitura municipal é o maior empregador do município.

3.1. OS DIFERENTES PERSONAGENS DA PESQUISA.

A estruturação desta pesquisa envolveu diferentes sujeitos, entre eles a professora pesquisadora que aqui se coloca e os inúmeros alunos envolvidos nesta árdua tarefa. Antes de falar dos demais colaboradores, vou tratar de mim, a professora pesquisadora Kátia Cristiani Nunes e minha relação com museus, argumentando sobre minha escolha: a relação sala de aula e museu.

3.1.1 A professora que fez diferente e construiu com os alunos.

Lembro como se fosse hoje a primeira vez que entrei em sala de aula como professora. Foi desafiador, foi instigante. Já se passaram vinte anos deste dia e muita coisa aconteceu, dentre elas o início da minha experiência com museus, da qual não me recordo com detalhes. Lembro que visitei alguns museus ao longo destes vinte anos, muitos com alunos outros não. No ano de 2006 fui pela primeira vez como professora a um museu com alunos, foi o Museu do Mar em São Francisco do Sul, onde fiquei encantada com o que acontece nesse tipo de espaço, com seu cheiro e com as possibilidades que ele oferece para quem nele está. Entendi que é necessário dialogar com espaços não formais de educação, buscando interagir com diferentes ambientes, como é o caso dos museus que tem se mostrado como um potente

espaço de diálogo e aprendizagem (SANTOS MARIA, 2019). Vieram outros depois e agora me proponho a estabelecer outra relação, que pretende ser melhorada: olhar para o museu a partir das minhas aulas de História, não apenas como um complemento no qual o acervo do museu ilustra a discussão de sala de aula. A intenção é, a partir de temas, conteúdos e discussões das aulas de História, colocar em evidência o acervo do museu, fazendo perguntas, questionamentos e problematizações para conhecer e compreender fragmentos sobre a história de Atalanta, uma vez que o museu expõe traços ou recortes da cultura local.

Embora frágil por longo tempo, a relação entre as aulas da professora e pesquisadora Kátia e os museus se afina a cada ano letivo. Por intermédio do ProfHistória passo a enxergar a possibilidade de ser mais íntima e potente. Atuo como professora de História, no Ensino Fundamental e Médio, e Filosofia no Ensino Médio. Buscando um caminho, uma forma de tornar as aulas mais significativas ao longo destes vinte anos de profissão, enxerguei grande potencial educativo nas atividades relacionadas aos museus, pois elas mostram-se não apenas como um caminho, mas uma maneira de começar a andar e de seguir em frente na busca pela criticidade, apresentando-se como uma forma para melhorar a relação entre a sala de aula e os diversos lugares de aprendizagem. Explorar a relação sala de aula e museu, deslocar a discussão, redirecionando-a para a história local, que circunda o aluno, é a oportunidade de investigar as escolhas de memória expostas no museu, percebendo as disputas e tensões que o museu resguarda.

Embora tenha iniciado minha vida profissional em Atalanta (2001) foi em Jaraguá do Sul (entre 2006 e 2018) que fui apresentada ao museu como professora. Costumo dizer que foi o museu que se apresentou a mim. Eu não escolhi ir ao museu com alunos, nunca tinha ido. Em uma das escolas que trabalhei em 2006 estava prevista a visita do sétimo ano do ensino fundamental à cidade de São Francisco do Sul, SC, para conhecer, entre outras coisas, o Museu do Mar, o Forte Marechal Luz e seu museu. Chamou minha atenção como as pessoas interagiam diante da exposição, como questionavam, estranhavam ou admiravam o que havia diante dos seus olhos. A partir de 2006, fiz algumas visitas guiadas a museus da região, indubitavelmente, foram as ações educativas desenvolvidas no Museu Weg de Ciência e Tecnologia³³, entre 2015 e 2018, que abriram meus olhos para o potencial educativo do museu, pois por meio delas interliguei de forma eficiente as discussões de sala de aula com a exposição, reafirmando que o museu é um espaço de aprendizagem, assim como de interrogações. O ano de 2020 foi o ano da reinvenção, pois os museus esbarraram na

³³ Para mais informações conferir: <<https://museuweg.net/educacao/acoes-educativas>>

necessidade de encontrar novas formas para manter contato com o público, por isso conseguimos realizar ações educativas com o Museu Weg de Ciência e Tecnologia, por meio de plataformas virtuais, alternativa que se seguiu também no ano de 2021.

Em 2019 voltei a morar em Atalanta, o que facilitaria minha vida para cursar o mestrado³⁴. Neste novo contexto, o museu a que tenho acesso é o Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”, com o qual desenvolvi essa investigação acadêmica, desta vez pretendendo olhar para o museu e seu acervo como objeto de estudo para que, partindo da sala de aula, possamos conhecer diferentes representações da sociedade atalantenses.

3.1.2 Itinerários de construção de uma experiência: diferentes percursos pelo museu MHMWK.

Ao longo do ano de 2019 elaborei alguns projetos de atividades que encontram no museu potencial educativo. Tanto os projetos quanto as experiências pretendiam identificar de que forma o museu pode “tocar” aquele que tem contato com ele. No meu caso, como o Ensino de História, pretende relacionar sala de aula e museu, local onde os objetos não podem ser tocados. Ramos salienta que “se os objetos não podem ser tocados, não devem perder a qualidade de “tocantes”, de alimentar percepções marcantes, tarefa que somente a racionalidade da análise não consegue” (RAMOS, 2004, p 83). Como fazer para que a exposição toque o visitante, pois “não basta explicar, é preciso provocar os poros da pele, afetar os limites entre nós e o objeto” (IDEM)? Esta e outras inquietações nortearam-me enquanto elaborei os projetos e experiências seguintes.

3.1.2.1 Contextualizando projetos

Instigada por duas disciplinas do ProfHistória, desenvolvi propostas para aproveitar o potencial educativo do museu. Infelizmente não foi possível colocá-las em prática ainda, pois foram escritas no final de 2019 e estando programadas para 2020, tiveram sua execução comprometida devido a pandemia do novo coronavírus. Como a pandemia se estendeu pelo ano de 2021 o museu esteve fechado em grande parte do ano, impedindo visitas e dificultando

³⁴ Jaraguá do Sul morava eu e minha filha, nascida em 2010. Sou efetiva na Secretaria Estadual de Educação desde 2007 e lá trabalhava em três escolas diferentes para completar carga de 40h semanais. Jaraguá é distante cerca de 200 km de Florianópolis. Para cursar o mestrado e garantir a segurança e bem estar de Maria Beatriz, precisei morar perto de minha família. A efetivação permitiu que me removesse para Atalanta, onde leciono 40h numa só escola. Atalanta fica distante de Florianópolis cerca de 200 km.

a realização das propostas. Pretendo executá-las assim que for possível, visitando o museu com os alunos, talvez quando a pandemia for amenizada.

Para a disciplina “Educação Patrimonial e Ensino de História” construí uma proposta para investigar como as relações de gênero e de trabalho são expostas no MHWK e se elas refletem o cotidiano dos alunos. O ponto de partida para esta análise são as representações de mulher no livro didático da primeira série do ensino médio. A partir da identificação e análise das imagens sobre mulher, os alunos serão levados a investigar a exposição do museu e identificar o protagonismo feminino na história de Atalanta através da expografia do MHWK. Questionando qual a concepção de mulher que está posta na exposição e tensionando as relações de gênero que permeiam o cotidiano dos alunos, assim como refletindo sobre as escolhas que o MHWK, expõe, pois “todo museu conta uma história por meio de suas escolhas e dos usos de seus espaços” (GIL, ALMEIDA, 2012, p.78). Sua exposição é o objeto de análise, é uma oportunidade para tensioná-la questionando suas intencionalidades.

Na disciplina Metodologia no Ensino de História; o Pesquisador - Professor e Professor - Pesquisador, elaboramos uma sequência didática que teve como objetivo tensionar as informações de caráter oficial em relação a história do município de Atalanta, SC, refletindo sobre o processo de colonização, os colonizadores, e como algumas identidades são ressignificadas e outras invisibilizadas, partindo da exposição do museu. Na proposta, os alunos são instigados a perceber a contradição de informações sobre a história do município nos espaços oficiais, como o site e o museu, onde a presença indígena é minimizada, numa tentativa de invisibilização. No site, os indígenas aparecem brevemente como aqueles que “Com a derrubada dos pinheiros foram capturados e levados para a reserva Ibirama. Segundo pessoas que anos mais tarde foram até a reserva, os índios que eram de Dona Luiza, conheciam todos os moradores pelo nome, sem nunca terem tido contato direto com a família³⁵”. No museu estão presentes artefatos líticos de origem desconhecida atribuídos aos indígenas, sem mais informações ou esclarecimentos. O resultado final da atividade proposta prevê a revisão do texto oficial que conta a história do município, dando visibilidade à presença indígena na história oficial de Atalanta e no museu, por meio da reescrita das etiquetas dos artefatos líticos, identificando nomes e possíveis usos desses objetos e sugerindo a reescrita do texto do site do município, no qual indígenas devem ter sua presença registrada. Nesta atividade pretendemos

³⁵ Disponível em: <<https://www.atalanta.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/24793>>. Acesso em 08 jul de 2020. A informação está redigida desta forma no site oficial do município “os índios que eram...”

tensionar a história oficial a partir da exposição do museu, tendo a sala de aula como local para esta discussão.

Na intenção de relacionar a sala de aula com o museu, ou mesmo o museu com a sala de aula, em de março de 2020 elaborei uma proposta de investigação da história econômica de Atalanta com o nono ano³⁶ do ensino fundamental. Partindo da exposição do museu, onde estão diversas cédulas e moedas de réis, cruzeiro, cruzeiro real, cruzado, cruzado novo e reais os alunos foram orientados a historicizar o dinheiro do país ao longo do século XX, percebendo as diferentes variações e compreendendo o processo histórico envolvido nas trocas. Ao final seriam levados a identificar as consequências da instabilidade econômica do país no local onde vivem. No planejamento estava uma visita ao museu para identificar as variações de dinheiro expostas e uma investigação do livro caixa do BESC³⁷, que compõe a exposição, e a história local, identificando as permanências e rupturas da economia local. Apenas a primeira fase desta pesquisa foi realizada, pois as aulas foram suspensas em razão da pandemia e a orientação da atividade ficou prejudicada. A intenção era que a partir da sala de aula os alunos fossem instigados a ir ao MHMWK e para ela voltassem cheios de perguntas, pois comproendo que é a partir das perguntas que se aprende.

Os três projetos elaborados além de proporcionar olhar para o acervo do museu mostram possibilidades do ensino de história que devem sair da sala de aula e ser direcionado para a exposição do museu, voltando-se para ela com a intenção de amarrar as discussões, criando pontes e fortalecendo esta relação, deixando que os alunos avistem as gotas de sangue que estão neste museu, como diz Mario Chagas (1999, p.26) “há uma gota de sangue em cada poema e, de igual modo, há uma gota de sangue em cada museu, e em tudo que é criação humana”.

Ao tratar da educação desenvolvida a partir dos museus é preciso considerar que ela pretende ser democrática, crítica e transformadora, tendo por base o espaço onde acontece. Para tanto, os que instigam e direcionam o olhar dos visitantes para a exposição, antes devem ter clareza de quanto e como querem afetar os visitantes. É necessário pensar na relação educação e museu sob outra perspectiva que não a tradicional, de forma decolonial. As autoras Juliana Maria de Siqueira, Aline Antunes Zanatta e Sônia Aparecida Fardin (2021) oferecem

³⁶ Turma que em 2019 era oitavo e esteve no museu na visita já citada.

³⁷ BESC, Banco do Estado de Santa Catarina, fechado em 2008. Único banco do município até seu fechamento, sendo substituído pelo Banco do Brasil. Um dos livros caixas compõem a exposição do museu, está sobre uma mesa que divide com objetos de cozinha. Nele encontra-se a movimentação diária do banco, com registro de entrada e saída. Alguns outros (em torno de treze) estão no local que pretende salvaguardar os objetos que não estão expostos, a parte inferior do museu, lugar úmido. Não temos registros de como o material chegou ao museu, acredito que tenha sido doado por ocasião do fechamento da rede de bancos.

uma reflexão interessante acerca do olhar decolonial referente à Educação Museal. Elas informam que a partir da Segunda Guerra Mundial, com o processo de independência dos países africanos em relação às potências europeias, passou a ser estabelecido nos museus um olhar descolonizado, que procurou dar visibilidade aos povos dominados. Agora é preciso lançar outro olhar sob as ações desenvolvidas nos museus, principalmente para sua relação com a educação, um olhar que observa o decolonial que

se origina na sua exterioridade, reivindicando a legitimidade dos modos Outros de existir, relacionar-se, produzir e preservar os saberes e as culturas. Consideraremos que a construção de “um mundo onde caibam todos os mundos”, feito de relações interculturais justas e não violentas, implica a complementaridade de ambos os movimentos (SIQUEIRA, ZANATTA, FARDIN, 2021, p. 84).

Este é o olhar que pretende que os atalantenses que não compõem o grupo detentor do poder político ou econômico, por exemplo, observem a exposição do MHWK e questionem como foi tratado por aqueles que usaram a plaina na construção da igreja católica, ou como contribuíram com eles, que consigam perceber mecanismos de resistência em meio aos colonizadores que possibilita a eles olhar para a história local e se reconhecer, sendo respeitados e valorizados. É imprescindível “abrir o nosso olhar para novas e outras epistemologias importantes no dia a dia das práticas educativas nos museus, que considerem os diferentes saberes e apropriações que os sujeitos detêm e desenvolvem na sua relação com os objetos e outros acervos musealizados” (TOLENTINO, 2020, p 12).

3.1.2.2 O museu como espaço de experimentação, fruição e investigação.

A cidadã Kátia Cristiani conheceu o MHWK desde 2009, quando passeava pelo PNMMA e o visitava. A relação da professora-pesquisadora Kátia Cristiani e o museu é constituída por dois momentos distintos, o primeiro de projetos e experimentações, que por sua vez foi permeado por análises e reflexões e investigações sobre como tornar o acervo do museu objeto de estudo das aulas de História; o segundo momento faz referência à pesquisa que gerou esta dissertação. Por hora, vamos nos ater ao que foi experimento.

O ano de 2019 foi um ano de experimentações em relação ao MHWK, incentivadas tanto pela necessidade de definir o objeto de pesquisa do mestrado quanto por suas disciplinas. Fiz algumas visitas para conhecer melhor o acervo. Outras com alunos para compreender qual a impressão que possuíam em relação ao museu e como se relacionavam com toda aquela estrutura. A visita ao museu revela-se uma oportunidade de “exercitar a apropriação de outros elementos para a leitura da vida social” (ARISTIMUNHA, DEBOM, 2001), uma estratégia

de ensino e aprendizagem que visa “contribuir para o enriquecimento da consciência histórica, isto é, a percepção da vida social como produto da ação humana que a gera e transforma” (MENESES, 1992, p.7).

José Bittencourt coloca que “falar da ‘História tornada matéria’ é uma das maneiras possíveis de começar a falar em museus”. (BITTENCOURT, 2003, p. 152), vamos inverter a ordem dos termos e assim alterar o produto. Falar de museus é uma das maneiras possíveis de falar da história tornada matéria e por conseguinte da História, aquela para a qual Nietzsche constatou existir três tipos: “a antiquária, a monumental e a crítica” (NIETZSCHE, 1954, apud KOSELLECK, 2018, p. 223). Falar a partir de um museu, tensionando sua exposição, é uma possibilidade de falar da História, que sai da academia e chega na sala de aula como matéria a ser ensinada. Tendo em vista a importância da relação entre a matéria ensinada e o museu, organizei duas visitas com quatro turmas³⁸ diferentes no ano de 2019. Em agosto, estive com o oitavo ano do ensino fundamental e a segunda série do ensino médio, tanto no período matutino quanto no vespertino no museu. A escolha das séries não foi aleatória, pois de uma forma ou de outra tentei relacionar a exposição do MHMWK com o conteúdo discutido em sala de aula.

Quando organizei a visita ao museu tinha objetivos diferentes para as séries. Poucos alunos dos oitavos anos tinham ido a um museu, descobri isso em sala de aula. Numa aula sobre a Revolução Industrial sugeri “vamos pensar no museu que temos na cidade: como podemos perceber o avanço das máquinas a partir do que encontramos lá?” Para minha tristeza, poucos o conheciam. Entre os objetivos da visita desta turma estavam, além de conhecer o museu e a história do lugar onde está inserido, percebendo como os alunos se comportam no museu. Ao mesmo tempo, atentando como esse público se locomove no museu e quais caminhos escolhem, diferenciando quais objetos lhe chamam mais a atenção, verificando assim gestos e curiosidades que demonstram, além de quais etiquetas lêem e quais ignoram, constatando assim, quais argumentos comprehendem, a que outros se mostram indiferentes, bem como reagem a organização da exposição. Embora simples, grandiosos eram meus interesses. Para a segunda série do ensino médio, todos sabiam da existência do museu e um pouco de sua história. Além dos objetivos e questões propostos para a série anterior, solicitei que examinassem a exposição para que na sala de aula discutíssemos as impressões

³⁸ As duas visitas, com as quatro séries diferentes aconteceram assim: período matutino 801 e 201, vespertino 802 e 202. A escola autorizou apenas uma saída por período.

que tiveram no MHWK. Era uma via de mão dupla, os alunos atentos à exposição, a professora-pesquisadora aos alunos.

Este exercício de experimentação foi o primeiro que fiz com alunos no MHWK, quando priorizei estes objetivos e estratégias para perceber o quanto e como o museu pode contribuir com as aulas de História, averiguando as possibilidades que ele oferece para estreitar sua relação com a escola. Por que não ir ao museu antes? Porque foi preciso (re)conhecer a unidade de ensino e a comunidade escolar para então começar a desenhar aquela que será a dissertação. Esta visita foi, antes de tudo, uma experiência de exploração, na qual a professora-pesquisadora procurou perceber indícios de como desenvolver, posteriormente, a pesquisa.

De volta à escola, entreguei aos alunos um roteiro de questões (em anexo³⁹) para que respondessem e depois fossem problematizadas. Segundo Katia Abud “a volta para a escola não precisa pôr fim à experiência da visita ao museu. Pelo contrário, esse é um momento em que os alunos explicitam questões, dúvidas, curiosidades.” (ABUD, 2010, p. 143). A seguir apresento análise das respostas que foram discutidas, problematizadas e tensionadas em sala de aula. Questionados sobre a quantidade de museus visitados, a maioria dos alunos visitou dois, o Museu do Seminário de Ituporanga, levados pela catequese, e o MHWK, pela escola nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa informação nos leva a interrogar: Por que os alunos não visitam o museu? Ou por que os professores anteriores (de História, não apenas, mas principalmente) não visitaram o museu com os alunos? Da mesma forma que somos ensinados a ir à igreja, somos ensinados a ir ao museu, é uma prática cultural. Nele é possível observar objetos culturais (materiais e imateriais) e se apropriar das informações que eles materializam. É, portanto, um lugar onde é possível viver uma experiência sensível. Ramos (2004) considera os museus lugares de aprendizagem, também espaços de lazer onde se compartilham sensações e emoções e uma dimensão não deveria eliminar a outra. Como fazer para que os meus alunos, envolvidos tanto nas experimentações quanto na pesquisa, percebam a possibilidade de aprender, se divertir, discutir e conhecer no museu e a partir dele?

Quando questionados sobre as visitas ao MHWK a maioria deixou claro que visita o PNMMA, a cachoeira, mas não o museu. Indaguei sobre o porquê e as respostas variavam entre “a gente vê tudo só uma vez” ou “o parque é mais legal”. Percebi a necessidade de reforçar que visitar museus não é uma atividade chata como muitos pensam, que a visita é uma oportunidade de discutir como ele se apropria do passado, que recortes e seleções faz. Que

³⁹Anexo 1.

memórias seleciona, que narrativas conta. Visitar o museu pode possibilitar informação, conhecimento, ampliar perspectivas, conhecer outras culturas, percebendo o

museu como sendo também arena e campo de luta e está bastante distante da ideia de espaço neutro e apolítico de celebração da memória daqueles que prematura e temporariamente alardeiam os louros da vitória. No entanto, desde o nascedouro [...] estão indelevelmente marcados com os germes da contradição e do jogo dialético. (CHAGAS, 1999, p. 20)

Sobre a tipificação do museu, todos o classificaram como histórico, pois compreenderam que ele serve para contar a história local, pois a exposição permite ao visitante fazer inferências sobre o passado, sobre a dinâmica da sociedade, a partir de problemas históricos (MENEZES, 1994). Sobre o que sentiram ao estar no museu as respostas variaram entre a possibilidade de conhecer o passado do município, o orgulho que alguns sentiram “por saber como nossos antepassados eram fortes”. Como estávamos compartilhando as respostas, estas foram problematizadas. Provoquei os alunos sobre como conhecer o passado, sobre a representação de passado que está exposta no MHWK. Discutimos a frase “senti orgulho por saber que os nossos antepassados eram fortes”, interrogei os alunos: Quais desafios encontraram os antepassados? Quem seriam eles, apenas descendentes de alemães, italianos e poloneses ou há indígenas e negros entre eles? Se conhecêssemos detalhes destes momentos, sentiríamos o mesmo orgulho?

Ainda referente à questão anterior, sobre o que sentir no museu, muitos demonstraram curiosidade, também estranhamento, diante do desconhecido, dos objetos expostos que não sabíamos qual era a utilidade. Uma aluna se sentiu jovem demais no museu, “pois diante de tanta coisa velha, eu não conhecia nenhuma, me senti perdida ali”. Esta fala demonstra aquilo que Santos Maria (2019, p. 75) reforça: “A imagem do museu ser um local de guardar coisas velhas ainda é latente no ideário da população. Há certo distanciamento entre a instituição museológica e a sociedade”, percebemos anteriormente ao investigar quantos museus os alunos já visitaram. Não é de se admirar que se sintam assim, nascidos sob as luzes elétricas e na era digital possivelmente nunca viram em uso uma serra braço ou um ferro de passar roupas aquecido por brasas, quem dera uma meadura, usada no processo de manufatura da lã. Algumas respostas demonstram preocupação com a consciência histórica, um dos alunos disse⁴⁰:

Sinto-me preocupado! A estrutura física do museu e de toda a feacularia está degradada, não percebemos interesse ou condições do poder público em restaurar e

⁴⁰ No mesmo dia da visita, ou na aula de História seguinte, conversei com alunos sobre a visita, entreguei o roteiro de questões, após a devolução discutimos as respostas. As informações foram registradas no meu caderno.

parece que os municípios não reconhecem ou não valorizam o patrimônio histórico. Atalanta é um município agrícola e pouca coisa voltada à agricultura vemos no museu, quantos instrumentos de uso na terra puxados pelo cavalo poderiam estar aqui e estão se degradando em algum lugar? (V. Z, 2019).

A outra questão fazia referência ao objeto que mais chamou atenção do aluno, as respostas variaram entre quase todos os objetos do museu. Quando interrogados sobre o porquê de suas escolhas, as respostas estavam voltadas à curiosidade sobre o uso e às diferenças entre objetos antigos e atuais. Outra questão era sobre o nome das pessoas que estavam citadas no museu. A maioria dos alunos identificou nomes de homens nas etiquetas, quase invisibilizando as mulheres que por lá estão. Poucos alunos têm os nomes de suas famílias citadas na exposição e os motivos são sempre os mesmos “nossa família não doou para o museu” ou “é uma família grande, então cada filho levou um pouco das coisas por isso não sobrou para o museu”. Essa informação é imprescindível para compreender que é por meio de doações que é formado o acervo do museu. Isso explica a falta de alguns objetos que poderiam ser usados para escrever a história de Atalanta, ao mesmo tempo justifica porque há tantas máquinas de datilografar lá, por exemplo. Ao mesmo tempo, essa informação suscita outras indagações: quem doa objetos para o museu? Como é realizada a coleta de doações? São doações aleatórias ou alguma campanha de doações? Se houve alguma campanha, quais os critérios de seleção daquilo que vai ser exposto? Conforme Meneses (1998), “não é a transferência do objeto pessoal para o espaço público que é relevante, mas o controle dos significados que tal transferência implica” (MENESES, 1998) O artefato deixa de ser privado e se torna público. Ele servirá para evocar não apenas as memórias do seu “proprietário”, este será apenas mais um entre tantos outros que usaram objetos semelhantes.

As respostas a estas perguntas nos levam a pensar sobre os personagens da história de Atalanta que não aparecem no museu. Considerando que os objetos que compõem o acervo são resultado de doações da comunidade, sobre aqueles grupos que não se encontram no acervo, resta indagar, será que não foram convidados para estar presentes no acervo ou não foram comunicados desta possibilidade? Infelizmente estas questões não conseguem ser respondidas, pois não conseguimos acesso a informações escritas sobre a chegada dos objetos que compõem o acervo do museu, conforme a monitora Giovana “não tem nada escrito sobre quem doou”. Considerando a exposição do museu, ela deve ser organizada de tal forma que se proponha a interpretar a complexidade do passado (RAMOS, 2004), visibilizando modos de vida que estão nos nossos pontos cegos e desta forma acabam sendo naturalmente invisibilizados. Para que saiam desta zona de escuridão, de invisibilidade é “necessário que estejamos dispostos a nos descentrar, a nos desentranhar da totalidade em que tomamos parte,

a nos aproximar das zonas de fronteira” (SIQUEIRA, ZANATTA, FARDIN, 2021, p. 84) reconhecendo e valorizando outros modos de viver e de fazer.

Entre as perguntas oferecidas aos alunos constava ainda “qual o objeto mais antigo do museu?” ela, assim como a anterior (nomes citados no museu?) tinham objetivos claros: levar os alunos a observar atentamente a exposição, percebendo indícios de datas e nomes, lendo etiquetas, instigando os alunos a pensar nas escolhas que o museu apresenta através da sua exposição. Indagamos se “indicaria o museu para outras pessoas?” Alguns disseram que “não, porque tem museus mais bonitos em outras cidades, como em Rio do sul ou Blumenau”, outros afirmaram que “sim pois o museu é importante para conhecer a história de Atalanta, ou uma parte dela”. Aos que não indicam porque há museus mais bonitos, fiz outra pergunta: será a história de Atalanta muito diferente de todos os outros municípios onde aconteceu a ocupação das terras pelos filhos ou netos de imigrantes alemães, italianos e poloneses no início do século XX? Após a reflexão, constatamos que as diferenças entre as cidades e os museus são pequenas e que, portanto, ele é tão importante quanto os outros. Por fim, a última questão era sobre sugestões relacionadas ao museu. Houve uma observação geral sobre cuidado, manutenção e limpeza, o que é deficiente pois falta pessoal e recursos. A outra resposta foi referente a necessidade de divulgação para que a história local seja conhecida.

Ao analisar as visitas consegui identificar que os alunos conhecem um pouco sobre os objetos que compõem a exposição. Enquanto ocupávamos aquele espaço ouvimos histórias sobre o uso da plaina, discutimos as dificuldades do trabalho com a serra braço, com o moedor de café, algum aluno comentou que “na casa da minha avó tinha um telefone deste tipo” ou que “ninguém encosta na porcelana da mãe, ela ganhou no casamento”, outro comparou a prensa de torresmo que tem em sua casa com aquela exposta no museu. Sem dúvidas a cadeira do dentista é o artefato exposto que mais suscita curiosidade e da qual inúmeras histórias brotam, muitas delas de dor e sofrimento. Isso me permite dizer que os alunos conseguiram historicizar o uso de alguns objetos. Ao mesmo tempo, pareciam surpresos ao perceberem que alguns compunham a exposição, como, por exemplo, a coleção de artefatos líticos usados possivelmente por povos indígenas. Um aluno questionou: “Por que tem artefatos líticos usados por indígenas em Atalanta se não tem indígena aqui?”, outro perguntou se era certo a cadeira do dentista fazer parte da exposição. Diante destas perguntas percebi que havia muitas possibilidades a serem desenvolvidas, assim como compreendi que a relação entre a sala de aula e o museu pode e deve ser profícua. Encontramos no museu um

um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. E é a partir de uma educação para olhar

através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade.” (SIMAN, et al., 2007, p. 37)

Ao longo das atividades que projetei e experimentei, percebi várias possibilidades para estabelecer diálogo entre a sala de aula e o acervo do MHMWK. Considerando que a sociedade atalantense é um organismo vivo, o museu precisa ser visto, compreendido, interpretado, como “um lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico” (RAMOS, 2004, p. 20), não o local onde o passado é celebrado sem ser questionado, ou tensionado. Meneses frisa que o museu deve apresentar a sociedade como um organismo vivo, portanto, sujeito a mudanças (MENESES, 1992). Penso que as propostas elaboradas ou desenvolvidas e as que ainda virão, terão como centro de discussão a dinamicidade dessa sociedade.

3.2 A OBRA: DESAFIOS DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO.

Enquanto professora, quando propus que os alunos pesquisassem, deixei de ser o principal agente no processo de construção do conhecimento e passei a contar com diferentes equipes de apoio, atribuindo protagonismo aos alunos na busca pelo conhecimento. Eles pesquisaram e por conseguinte conheceram um pouco da história local. Minha avó sempre disse: “estuda menina, o conhecimento ninguém rouba de ti”, hoje complemento dizendo que o “conhecimento e a consciência de si, ninguém pode furtar”. Os alunos que colocaram a mão na massa, que conheceram e aprenderam sobre sua história e do local onde vivem, não terão furtado aquilo que aprenderam.

O modelo de pesquisa usado na construção desta é a pesquisa qualitativa que observa o cotidiano a partir das interpretações da realidade social, afinando seu olhar para particularidades locais e temporais, embasando-se nas expressões e atividades das pessoas em seus contextos de vida (MUSSI et al, 2019). A pesquisa qualitativa mostra-se um instrumento das Ciências Sociais, que buscam, como ressalta Minayo (2002, p.14) uma “identidade entre sujeito e objeto”, aqui nesta pesquisa entre pesquisador, seja a professora-pesquisadora ou os alunos, e o objeto de análise, o acervo do museu. Os pesquisadores em questão encontram algum substrato comum de identidade com a cultura material exposta no museu. Esta modalidade de pesquisa, considera como fonte de informação válida a subjetividade, pois considera que a visão de mundo das pessoas, portanto sua percepção dos fatos, varia sob influência de inúmeros fatores. Podemos considerar a subjetividade ao indagar os artefatos do

acervo do MHMWK, cada observador tem uma história diferente para contar, diferença explicada pela maneira como o sujeito é afetado. Mussi et al (2019, p. 427) reitera que a “pesquisa qualitativa trabalha com um universo de sentidos, significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um fazer científico focado nas relações, nos processos e nos fenômenos que não devem ser tratados pela racionalização de variáveis”.

O terreno desta pesquisa é a sala de aula, mais precisamente a aula de História. Elas, assim como o museu, são o laboratório ideal para a pesquisa qualitativa. Entendendo o conceito de pesquisa qualitativa, como a estratégia que pretende investigar as nuances de uma realidade, podemos considerar que a pesquisa construída aqui é pesquisa qualitativa. Foi desenvolvida no contexto da minha prática profissional, traz reflexões sobre o fazer pedagógico e modo crítico, reflexivo e retrospectivo. É uma pesquisa na e com a escola e não sobre a escola, almeja mudança desejável no mundo e nas pessoas, pretende não apenas investigar o acervo do MHMWK, como também problematizá-lo. É pesquisa qualitativa pois não pretende contabilizar o acervo do museu (o que seria necessário, mas não neste momento), e sim observá-lo, tensioná-lo, questionando escolhas através da investigação dos objetos.

A atividade de pesquisa que construí com os alunos foi desenvolvida ao longo de dois anos porque logo no início da proposta, como já citei algumas vezes, iniciou a pandemia do novo coronavírus. A seguir apresento brevemente os alunos envolvidos ao longo dos dois anos nos diferentes momentos desta pesquisa. A proposta inicial previa que apenas a 2^a série 01, no ano de 2020, contribuiria com construção desta obra, porém foi necessário estendê-la para o ano seguinte (agora 3^a série 01) e mais adiante outra turma foi chamada para colaborar nesta obra.

As séries envolvidas na pesquisa (7º 01 e 3º 01, em 2021) são turmas heterogêneas, com número parecido entre meninos e meninas ou homens e mulheres. A maioria deles é filho de agricultores e agricultoras, em alguns poucos casos as famílias têm renda mista, neste caso um dos responsáveis trabalha na prestação de serviços (depósito de compra e venda de cebola, motorista de ônibus da prefeitura, por exemplo) ao mesmo tempo que mantém a atividade agrícola. Entre os estudantes cuja renda é advinda do meio urbano, em sua maioria são trabalhadores das indústrias do município vizinho ou pequenos estabelecimentos comerciais do município. É importante destacar que entre as alunas do Ensino Médio algumas são bolsistas do município trabalhando nas unidades de ensino da educação infantil. Entre os alunos do sétimo ano, os filhos dos agricultores acompanham seus pais nos afazeres entre os urbanos, algumas trabalham como babás ou ajudam na casa e outros, homens e mulheres, se

dedicam à prática esportiva na cidade de Rio do Sul. Em conversa informal os alunos foram questionados sobre sua religiosidade, em relação à qual a maioria se coloca como cristão, sendo divididos em católicos, luteranos e evangélicos pentecostais.

A partir daqui, narro os desafios que encontrei no momento inicial da intervenção com os alunos. O ano de 2020 iniciava e prometia muitas coisas boas para mim. Como a maior parte das disciplinas do mestrado estavam concluídas, já não era mais necessário fazer longas viagens até a UFSC. Era hora de dedicar-se à construção da dissertação e da dimensão propositiva. Assim estava planejado, não contávamos com uma pandemia em 2020. No final das contas sai de 2020 ilesa, muitas vidas foram perdidas para a covid-19.

3.2.1 O museu em sala aula no contexto da pandemia: percursos, avanços e recuos

Me propus a fazer pesquisa na sala de aula e a partir dela estender o olhar para o MHWK e seu acervo, enfatizando os artefatos que se mostram de alguma forma ligados às vivências do trabalho. Ele transcende todos os outros aspectos da vida humana, assim como a religiosidade, porém, entre os artefatos do MHWK, apenas aqueles ligados às vivências de trabalho, estão vinculadas aos diferentes momentos da ocupação das terras do que hoje é o município de Atalanta, então por meio deles será possível dar visibilidade a elementos que parecem apagados da história local. Mário Chagas, afirma que os museus que interagem diretamente com a sociedade onde estão inseridos, representam fragmentos do conhecimento humano, podendo nos levar a uma melhor noção acerca do próprio homem. (CHAGAS, 1985), neste caso, o indivíduo que faz parte da sociedade de Atalanta, homens e mulheres que, por meio das vivências relacionadas ao trabalho, pretendo visibilizar.

O produto da intervenção pretende contribuir para o ensino de História do município, apresentando uma versão da história de Atalanta a partir de dez artefatos que constituem o acervo do museu, incluindo a própria estrutura do museu. Fui influenciada pelos livros “A história do mundo em 100 objetos” (MACGREGOR, 2013) e “A história do Rio de Janeiro em 45 objetos” (KNAUSS, LENZI, MALTA, 2019) nos quais os autores, partindo de objetos selecionados se esforçam para apresentar elementos referentes à sociedade, economia e cultura dos lugares que analisam.

Inicialmente eu organizei a pesquisa em ambientes diferentes: a escola, o museu e a casa. Na escola⁴¹, após a definição da turma, a saber segunda série do ensino médio (turma dinâmica e curiosa- 2020), os alunos seriam orientados a observar a exposição do museu e seu entorno (a fecularia), para, a partir de então, identificar quais objetos poderiam ser relacionados ao tema trabalho. No museu, durante a visita, os alunos deveriam analisar e investigar a exposição e a estrutura da antiga fecularia. Com isso a professora conseguiria identificar o que os alunos conhecem sobre o acervo exposto e sobre a estrutura arquitetônica. De volta à escola, a proposta seria ouvir as escolhas dos alunos, problematizá-las, chegar ao total de dez (a turma tinha em torno de trinta alunos, desta forma todos participariam da pesquisa). Por afinidade com o tema, formariam grupos de três alunos, para que junto de seus familiares ou conhecidos, levantassem histórias sobre o uso de determinado objeto. Em casa, o aluno deveria investigar as histórias sobre uso dos objetos escolhidos. Novamente na escola, os alunos trariam suas pesquisas. Juntos, reuniriam as informações, identificando diferenças e semelhanças, rupturas e permanências, construindo um texto identificando o que foi possível perceber da história de Atalanta a partir dos objetos. Enquanto organizariam os textos a professora ofereceria suporte, incitando-os a identificar nuances dos relatos trazidos, percebendo entrelinhas e tensionando-os. A partir de então, a professora ofereceria aos alunos textos⁴² de outros autores que tratam do mesmo tema por eles pesquisado para que percebam que as histórias que se passam em Atalanta possuem enredo parecido com as de outros cenários. As conclusões seriam discutidas em sala de aula, pois é a linguagem que confere sentido a uma discussão em sala de aula.

Após a análise das narrativas elaboradas pelos alunos, comparadas com outras apresentadas pela professora, seria o momento de refletir sobre as vantagens e desvantagens da relação entre sala de aula e museu para aprendizagem histórica. A partir de então, professora-pesquisadora e alunos, compilariam os textos num livro e disponibilizariam para as bibliotecas das escolas do município. Assim foi projetado

São quatro lugares citados no parágrafo anterior: Escola, museu, casa e biblioteca. Os que mais dialogavam eram a escola e o museu. Poderia substituir a escola por aulas de história, ou pelo ensino de história, um lugar tão importante quanto os demais. Lugar de pesquisas, de tensões, de criticidade, de conhecimento, um lugar tão necessário nos tempos atuais, pois o ensino de história, como definiu Ana Zavala, no X Encontro Nacional dos

⁴¹ Assim estava planejado, a visita não aconteceu.

⁴² Textos disponíveis na internet ou material impresso, compilados pela professora.

Pesquisadores do Ensino de História na Universidade Federal de Sergipe, é “multiforme, polissêmico e complexo” (ZAVALA, 2013). A autora ainda ressaltou que ao tratar do ensino de história, discute-se o que acontece nas aulas de história e também acerca de um projeto social e político que está nas entrelinhas das teorias e discussões abordadas em sala de aula (ZAVALA, 2013).

O ano era 2020 e como sabemos pouca coisa aconteceu como planejamos. Por causa da pandemia e todas as transformações que ela provocou, foi necessário realinhar o trajeto da pesquisa buscando, em algum momento, outros colaboradores. Antes da pandemia, os lugares e os papéis eram bem definidos na minha vida. Em casa eu era mãe, filha e dona de casa, na escola eu era professora. A relação com os alunos acontecia na escola, no tempo da escola. Com a pandemia, a escola literalmente fechou e os lugares e tempos foram redefinidos e ressignificados. Agora trabalhávamos em casa, antes na escola. Na minha frente agora tinha computadores e celulares, não mais alunos, cadeiras e carteiras. A mesa da cozinha se tornou a mesa da professora, que eu dividia com minha filha. Na escola bate na porta a diretora ou algum aluno perdido, em casa, muita gente, ou era o pedreiro, ou era o vizinho que veio pegar algo emprestado, ou o vendedor de alguma coisa, ou os netos que vieram ver a nona, afinal de contas eu estava morando na casa da minha mãe, a nona deles. A internet da escola parecia ruim, a de casa nem se fala. Antes, duas aulas de história por semana, olho no olho, atividades realizadas e entregues em sala de aula. Agora, a cada quinze dias envio de atividades, ou pelo grupo de *whatsapp* ou pelo *classroom*, no horário que o aluno tinha disponível. A rotina de todos, de uma forma ou de outra, mudou. A ansiedade tomou conta de muitos.

A partir da segunda metade de março daquele ano, as escolas, e algumas outras instituições públicas, inclusive museus, foram fechados. Um baita desafio se estabeleceu na construção desta dissertação, um muro que parecia intransponível. Foi necessário rever, entre inúmeras outras coisas, a relação entre os alunos, a professora e o desenvolvimento da dissertação. Andrade *et al* (2020, p. 40) reforça que diante da pandemia do Covid-19.

Foi necessário mudar paradigmas e formatar uma escola e uma educação novas, bem como o lugar dos discentes e docentes, mediante a nova realidade e seus desafios e perspectivas, com o uso das TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação e novas atitudes dos sujeitos envolvidos, com a alteração da maneira de ensinar/aprender. (2020, p. 40)

Após alguns dias de muitas incertezas o vínculo entre escola, professores e alunos foi restabelecido. Num primeiro momento os professores deveriam enviar atividades de suas respectivas disciplinas usando como recurso o *whatsapp*, uma vez a cada quinzena. Logo foi associado a esta estratégia o uso da plataforma digital do *google classroom*, e assim foi pelo

resto do ano. O que não facilitou muito as coisas, pois os alunos com acesso à internet foram desafiados a aprender a gerir o tempo fora da escola, além de ter disciplina para estudar no ensino remoto emergencial foi imprescindível aprender a estudar a distância, sob o stress da incerteza (ANDRADE *et al.*, 2020).

Encontrava na minha frente obstáculos grandiosos, que por instantes de desespero pareciam transcender a insegurança da doença que se implantou no planeta terra. Como levar os alunos até o museu se o mesmo estava fechado? Como fazer com os alunos a escolha dos objetos e depois a discussão sobre eles, considerando que o envio de atividades deveria ser quinzenal? Como garantir que todos os alunos participassem das atividades propostas? O que fazer com os alunos que não tinham acesso à internet⁴³, ou que tinham acesso prejudicado devido às condições do tempo? Como conseguir notas para compor média? Ou o que se tornou o maior desafio de todos, como conseguir “atingir/tocar” o ser humano que de repente foi distanciado de todos os outros, que foi proibido de ir à escola ou mesmo à igreja e que estando em casa passou a desenvolver outras funções relegando a segundo plano o tempo de estudo? Seria egoísmo não enxergar os desafios que os alunos enfrentaram.

Diante deste cenário me dediquei a pensar em como continuar a dissertação. A primeira pergunta pareceu a menos difícil de responder. No ano de 2019⁴⁴ fiz algumas visitas ao museu, tanto com alunos quanto sozinha. Nestes momentos fiz fotografias com o celular, para observar melhor o acervo do museu, e para registrar aqueles momentos. Estas imagens foram reunidas em um álbum⁴⁵ *on-line* que serviu de recurso para estabelecer as discussões com os alunos. É importante ressaltar que elas foram feitas sem preocupação com a totalidade ou com as especificidades da exposição. Embora tenha comentado com os alunos da segunda série (2020) que construiríamos a pesquisa não tinha realizado outra coisa referente a ela ainda. Diante do cenário de caos, não era permitido que os alunos fossem ao museu, então o museu foi até eles. Não foi possível sentir o cheiro do museu, nem mesmo o frio de suas paredes grossas, ou o vento debaixo das árvores que o cercam, mas foi possível conhecer um pouco dele, por meio desses fragmentos.

⁴³ Faz-se necessário avisar o leitor que o município de Atalanta, localizado na região do Alto Vale do Itajaí, SC, tem a distribuição/acesso à internet, ou sinal de telefonia celular, bastante frágil. A maioria dos moradores das comunidades agrícolas, em 2020, tinham acesso à internet via rádio, oferecido por duas prestadoras de serviços diferentes e que além do terreno montanhoso as plantações de eucalipto prejudicam o sinal de internet oferecido.

⁴⁴ Lembro o leitor que voltei a morar em Atalanta no final de 2018 para poder cursar o mestrado com menos preocupações além das longas viagens. Morava em Jaraguá do Sul, SC.

⁴⁵ Para maiores informações, acessar <<https://photos.app.goo.gl/M7UeeVzGsVA5Xx7b8>>. Créditos da autora.

A partir das imagens, tornou-se possível ter uma noção daquilo que o museu dispunha, em seguida, o desafio seria a visita. O plano original previa visita para que então os alunos, fizessem escolhas e depois compartilhassem como grupo maior, fizessem a seleção dos artefatos que seriam usados para contar uma versão da história do trabalho em Atalanta. Eu tinha planejado entrar nessa discussão com os alunos em meados de abril daquele ano. Nada daquilo foi possível. Após o recomeço das aulas, agora on-line, em 2020, experimentei diversas estratégias com o intuito de chegar ao resultado final. Confesso que não logrei muito êxito.

Inicialmente apresentei aos alunos o álbum virtual de fotografias que realizei em 2019. Ofereci seu endereço eletrônico e solicitei que cada aluno escolhesse entre elas cinco imagens que considerassem mais significativas para conhecer a história do trabalho em Atalanta. Além disso, propus que escrevessem uma pequena justificativa para sua escolha. A maioria dos alunos enviou suas escolhas, outros alegaram não compreender o que era para fazer ou que não conseguiram abrir o link. Percebi que, ao final, a proposta não foi eficiente, pois recebi uma enorme seleção de fotografias que muitas vezes representavam objetos que não tem relação explícita com o tema. Após inúmeras tentativas de seleção, consegui que os alunos chegassem a vinte e oito escolhas diferentes, entre as fotografias aleatórias do álbum. É necessário considerar que nem todas tinham relação explícita com o tema trabalho.

Sempre que o aluno dava retorno da atividade proposta, eu questionava suas escolhas, é preciso esclarecer que nem sempre obtive respostas. “Por que escolheu o troféu, Samira? Qual a relação dele com o tema trabalho”, muitas vezes as respostas não me agradavam “Professora, eu gosto de esporte e foi o tema que eu achei mais fácil” ou “Professora, tá tão difícil longe da escola, arrumei emprego no mercado, mal tenho tempo pras coisas da escola e a gente tem coisas das outras disciplinas para fazer”. “De que forma o time de futebol pode ser relacionado ao trabalho, Luís? Algum time profissional ou jogador que se destacou profissionalmente?” “Daqueles homens da foto ninguém ficou profissional, mas, professora, eu treino futebol porque quero ser profissional”. A escolha do aluno mostra que a comunicação entre a exposição e o interlocutor, é diferente para cada um que o vê, são olhares diversos (RAMOS, 2004). Além de reforçar que “pandemia evidenciou as desigualdades econômicas que interferem no direito de estudar e aprender de muitos alunos” (ANDRADE *et al*, 2020, p. 42)

Ou então “De que forma o cachimbo pode ser relacionado ao trabalho, João?” “Era para a hora do descanso, professora”, embora não fosse infundada a resposta não era o que eu procurava. “E quem não fumava o que fazia na hora do descanso? Qualquer um podia fumar?”

“Eu sei que fiz errado, professora, mas entende, você sabe que sou adotado, meu pai fala que o pai dele usava cachimbo, a escolha é uma forma de homenagem”. Sem argumentos para contrariar, lembro do que diz Ramos (2004, p. 61) em relação ao “museu, impõe-se uma maneira de pensar que procura enxergar o que há de sujeito no objeto e o que há de objeto no sujeito até que se chegue a novas experiências para a tessitura entre nós e o mundo”. Sem dúvidas o aluno enxergou no objeto o que poucos viram, criando oportunidade de reforçar, ou mesmo construir, vínculos afetivos.

A escolha da arma também gerou questionamentos. Sabemos, por intermédio de uma fala da monitora, que a arma exposta não tem qualquer tipo de registro de doação, e por consequência, de uso, portanto não conseguimos identificar informações sobre ela que possam ser relacionadas ao tema em discussão. Indagado sobre sua escolha, sobre as dificuldades em relacioná-la a alguma profissão, o aluno foi categórico ao afirmar que “eu não preciso encontrar quem achou ou doou a arma para o museu, consigo descobrir as características dela numa busca minuciosa na internet e depois pergunto para minha família o que eles sabem sobre o uso deste tipo de arma”. Provoquei “como vamos relacioná-la com a história de Atalanta numa busca pela internet?” “Não é muito difícil, o uso desta arma em Atalanta é o mesmo que em qualquer outro lugar e eu não conheço as pessoas daqui, professora, isso dificulta minha pesquisa⁴⁶”.

Sobre a escolha do relógio de bolso ou da câmera fotográfica as alunas tiveram respostas parecidas. “Meu pai conta que o vô sempre quis ter um relógio e não pode” ou então “lá em casa tem uma câmera que era da minha avó, por isso eu escolhi, professora”. Não é difícil perceber que as escolhas das alunas têm vinculação com memórias que são associadas a objetos que Ramos chamou de objetos biográficos, que são “testemunha significativa da vida de alguém e, no espaço do museu, pode assumir os mais variados sentidos” (RAMOS, 2004, p. 114). Outros alunos priorizaram a televisão e a encilha feminina, questionados sobre suas escolhas foram categóricos “escolhi a televisão porque a mãe contou histórias sobre como era assistir televisão quando ela era jovem, a televisão era autoridade em casa, só podia ligar de noite, porque de dia tinha que trabalhar. Ela adora uma novela!” Sobre a encilha feminina, o aluno reforçou que sua mãe anda a cavalo e “nós dois conversamos e ela disse que deveria ser muito difícil usar a encilha de lado. Foi pela mãe que escolhi a encilha”. As falas dos alunos nos levam a perceber que “o ser dos objetos existe na relação com o ser dos outros objetos e

⁴⁶ Essas informações chegaram a mim por intermédio da plataforma google classroom e por conversa de whatsapp.

o ser humano. Falar sobre objetos é falar necessariamente acerca da nossa própria historicidade” (RAMOS, 2004, p. 62). Ao mesmo tempo, as escolhas dos alunos nos mostram que “mais do que existirem para os objetos, os museus devem existir para as pessoas” (GUARNIERI, 2010, p. 145), como cita Waldisa Rússio ao se reportar a Hugues de Varine.

Não sei qual sentimento era maior em mim: O desespero por não conseguir interagir de forma mais eficiente com os alunos e assim não conseguir identificar o que estavam vivendo, sentindo diante do caos da pandemia ou o desespero por não conseguir resultados satisfatórios. Sabemos que o “trabalho pedagógico com o objeto gerador sugere que, inicialmente, sejam exploradas as múltiplas relações entre o objeto e quem o escolheu”. (RAMOS, 2004, p. 62) Como as relações estavam prejudicadas, parecia não haver luz no fim do túnel. Tinha a impressão de que era impossível provocar os poros da pele, afetar os limites entre o aluno, nós, e o objeto (RAMOS, 2004), as explicações não eram suficientes, enfim, estávamos cansados daquela situação. O distanciamento social e as aulas online criaram uma barreira entre escola e os alunos, ao mesmo tempo que tentávamos desesperadamente manter ativo o vínculo, as obrigações, e por consequência o modo de se relacionar, foram mudando, evidenciando que:

A emergência da pandemia de COVID-19 apontou com clareza as diversidades e desigualdades sociais e educacionais já existentes nas escolas, as quais tentava-se minimizar nas salas de aulas presenciais. O distanciamento social e as aulas online colocaram uma lente de aumento nos problemas já existentes na aprendizagem em relação ao tempo e ao espaço. A educação foi um dos setores mais afetados com esse momento de pandemia. (ANDRADE *et al*, 2020, p.47)

Eu percebia que os alunos estavam cada vez mais distantes, não sabia o que fazer, por fim acabei aceitando as narrativas que não tinham relação com o tema proposto para que, nas palavras dos alunos: “ao menos dá uma nota professora, eu sei que não é o que você pediu, mas foi o que eu consegui fazer”. Aqui é possível visualizar os objetos citados pelos alunos.

Imagen 23: Objetos sem relação direta com o trabalho, porém com valor afetivo.



Créditos: Acervo da autora.

Após longo período de erros e acertos, chegamos ao número de 28 artefatos diferentes para pesquisar. Mesmo os que não tiveram vínculo explícito com o tema trabalho, como mostrado acima, foram orientados a pesquisar, visto que as dificuldades de comunicação eram grandes e as justificativas plausíveis. Estes alunos fizeram suas escolhas baseados em vínculos pessoais, ou porque o avô queria ter um relógio de bolso ou porque são jogadores de futebol e por isso a escolha do tema, ou ainda porque pensaram nas dificuldades de acesso ou uso, como é o caso da televisão ou encilha. Mostrando que “ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfoses que dependem dos modos pelos quais as memórias são historicamente constituídas” (RAMOS, 2004, p 114).

As discussões acima nos mostram que para a museologia social “os sujeitos sociais são a preocupação primeira, bem como os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais enfrentados pelas comunidades, com vistas à luta e à busca por seu desenvolvimento sociocultural” (TOLENTINO, 2016, p. 32).

Estava muito difícil ter retorno das atividades dos alunos, pois além de estarem se distanciando cada vez mais da escola, em 30 de junho de 2020, algumas regiões de Santa Catarina foram atingidas por um ciclone bomba⁴⁷, resultando na devastação e pavor sem igual em Atalanta, onde algumas famílias ficaram até dez dias sem energia elétrica, por

⁴⁷ Para maiores informações ver: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/06/30/o-que-e-o-ciclone-bomba-que-esta-causando-estragos-no-sul-do-brasil.ghtml>>. Acesso em out 2020.

consequência sem acesso à internet. Além do desastre natural que prejudicou a comunicação, estávamos no final do primeiro semestre, o que coincidiu com a época do plantio da cebola e do tabaco, quando os alunos agricultores passam o dia todo na roça. Cansados da rotina e dos afazeres da casa, exaustos/estressados por causa do distanciamento social, tudo isso somado a dificuldade de fazer as pesquisas, pois nem todos conseguiam levantar informações sobre os usos dos objetos em casa, já que era muito difícil conversar com os avós ou outros idosos, por causa da pandemia. Este era o cenário à minha frente. Me contentei com os resultados obtidos até então e literalmente, mudei de assunto, voltamos nosso olhar para o que parecia menos difícil, o conteúdo curricular da disciplina de História.

Ao final, recebi um total de dezessete narrativas diferentes. As narrativas chegaram a mim ou pela plataforma *classroom*, ou *whatsapp*, que eram as formas de comunicação disponíveis entre professores e alunos. Alguns alunos fizeram uma excelente pesquisa, por vezes pesquisa longa, porém, nem sempre era aquilo que a professora tinha sugerido, pois tratava do uso geral do objeto, e não apresentava relação com a história de Atalanta, ou não tinha relação com os usos cotidianos daqueles objetos. Sobre as pesquisas na internet, permiti que os alunos a fizessem, porém não deveriam se preocupar com a história do objeto, por exemplo, a louça de porcelana. A busca na internet deveria se voltar para os usos cotidianos destes objetos, quem manuseava, sob que condições, como era guardada, em que ocasiões eram usadas. Enfim, situações referentes ao uso cotidiano. Um dos exemplos é a situação da aluna que pesquisou sobre o professor e sobre a escola. M. D⁴⁸., aluna esforçada, fez busca na internet para produzir seu texto, fazendo um apanhado geral da história da educação, como podemos perceber nos fragmentos seguintes:

Foto do primeiro professor do Ribeirão Matilde: Seu Leonardo.

⁴⁸ Preferimos usar as letras iniciais dos nomes dos alunos pois são menores de idade.



[...] O professor deveria ensinar sem a influência de sua opinião. Era responsável pela formação dos futuros governantes e ocupantes dos altos cargos políticos. Eram geralmente cinco mestres, que ensinavam política, artes, aritmética e filosofia.

[...] A burguesia estimulava uma escola com ensinos práticos para a vida e para os interesses da classe emergente. Portanto, o aparecimento da instituição escolar está diretamente ligado ao aparecimento e desenvolvimento do capitalismo. Percebemos isso claramente ao notar que no período da Revolução Industrial (a partir de 1750), época do ápice do sistema capitalista, fora necessária a mão de obra para operar as máquinas e para tal manejo teriam que ter no mínimo uma instrução básica. A burguesia percebeu que a educação serviria para disciplinar esses milhares de trabalhadores.

[...] No decorrer dos séculos a escola foi se aperfeiçoando e o ensino começou a chegar a todos, até que nos dias atuais é vista com tanta importância que se fez uma lei para que todos tenham acesso a escola e estudem até no mínimo 18 anos.

M. D.

Após extensa pesquisa historicizando a construção da escola é que a aluna chega a história local, a partir das memórias de sua avó. O objeto por ela escolhido, a fotografia do primeiro professor da comunidade de Ribeirão Matilde, seu Leonardo, poderia ser associada a outras fotografias expostas que fazem referência às escolas multisseriadas do município, porém toda essa orientação ficou prejudicada pelo distanciamento social provocado pela pandemia.

[...] Atualmente, é proibido bater ou castigar severamente os alunos, mas nem sempre essa

lei existia. Entrevestei uma senhora de 72 anos que lembrava de sua infância, que me disse o que ela lembrava da sua época de escola. Começando pelas matérias escolares, não havia tantas como hoje, segundo ela, só havia história, geografia, matemática e aulas de leitura, claro que tudo isso não era muito desenvolvido, digamos que se aprendia o básico.

Ela também me contou que os professores eram rígidos e não perdoavam muitas atitudes. Contou-me de uma professora que castigava quem errasse mais de três palavras ao ler, esse tamanho absurdo só teve fim quando o pai de uma aluna ameaçou de colocar aquela professora na cadeia. Mas quem era mal educado, conversava ou brincava durante a aula levava a famosa “surre”. A senhora me disse que o professor pedia para que cada aluno levasse sua varinha, dizendo ser uma competição de qual pedaço de galho era o mais bonito, e por fim batia em quem não se comportava com a varinha que o mesmo trouxera.

M. D.

Vizinha da avó, a aluna não teve grandes dificuldades em conversar com ela. Ao questioná-la sobre o tempo da escola, a aluna sai do seu mundo vivido para estabelecer relações com o passado, que mudou de forma (RAMOS, 2004). Aqueles que vivem o cotidiano identificam as diferenças entre a escola do tempo narrado e a escola de hoje. “A conversa foi longa, professora, deu tempo de fazer bolinho de chuva e tomar café”, reclamou a menina, sabendo que “as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição.” (BOSI, 1994, p. 39).

A fala da senhora mostra uma sociedade rígida, “os professores eram rígidos e não perdoavam muitas atitudes”, demonstrando um tipo de educação permitida no Brasil por longos anos. Ao mesmo tempo, evidencia que havia preocupação com a alfabetização, o cuidado com os erros. “A avó já esqueceu muita coisa do tempo da escola”, pois na memória estão registrados estilhaços, por vezes doces, por outras amargos, daquilo que aconteceu (BOSI, 1994).

Outras narrativas seguem este padrão, uma busca incessante na internet, tanto da história do objeto, sua invenção, às vezes estabelecendo uma linha do tempo sobre o objeto selecionado. É o caso por exemplo da pesquisa sobre a máquina de costura na qual a aluna V.B.B. fez um apanhado geral sobre a invenção desse objeto, porém pouco a relacionou com a história local, nem conseguiu encontrar histórias sobre o cotidiano de uma costureira, por exemplo.

Máquina de costura.

A máquina de costura é um objeto de trabalho muito útil no município de De Atalanta, a costura que dá muito serviço para pessoas que precisam, é um trabalho muito digno nesta cidade e muito procurado também.

[...] Isaac Merrit Singer, mecânico de Nova York, obtém em 12 de agosto de 1851, uma patente para a primeira máquina de costura de uso doméstico. Ele conquistaria o primeiro prêmio na Exposição Universal de Paris de 1855. A generalização da máquina de costura transformaria até o modo de se vestir tornando possível a supremacia do ‘prêt-à-porter’ em detrimento do ‘sob medida’.

[...] Em 1851, Singer fundou a companhia Singer, que inicialmente enfrentou sérios problemas para introduzir seu produto, pois o público não acreditava que a máquina funcionava corretamente. Mas, aos poucos, o produto foi ganhando credibilidade.

[...] A máquina de costura tirou dos ombros de incontáveis milhões o trabalho enfadonho de costurar a mão e tornou disponíveis, a outros incontáveis milhões, mais e melhores roupas por apenas uma fração daquilo que custava antes de ter sido inventada.

V. B.

Embora o texto abra brechas para a discussão sobre a história local, poucas palavras podem ser relacionadas a ela. As dificuldades de comunicação impostas pela pandemia do covid-19, impossibilitaram que a discussão fosse ampliada, prejudicando a comunicação entre a professora e a aluna para que a orientação da pesquisa acontecesse de forma eficaz. Da mesma maneira, prejudicaram a pesquisa da aluna, que por morar longe da família teve dificuldades em levantar histórias sobre o uso da máquina de costura.

Outros alunos, na pressa de entregar alguma coisa “para se livrar logo disso”, nem mesmo pesquisaram. Escreveram aquilo que faz parte do seu cotidiano, sem se preocupar em avisar o leitor do que estavam tratando, sem dar grandes informações. Várias interrogações podem ser feitas a partir do breve texto entregue pelo aluno: Será que conhece o virador de tora? Sabe do seu uso e manuseio? Considerando que é agricultor, arrisco-me a responder afirmativamente às questões anteriores, se não conhecer nuances sobre o uso ao seu redor outras pessoas poderiam auxiliar. Resta questionar por que não fez a pesquisa como solicitado? Novamente a pandemia e o distanciamento são as respostas, além deles a rotina da agricultura e na casa (infelizmente a escola deixou de ser prioridade para alguns, principalmente para os homens). O fato de o aluno não ir à escola quase impossibilitou o diálogo com a professora. Abaixo, o texto entregue.

O virador de toras serviu para muitas atividades como as construções das casas, serrando madeiras para as construções das casas carroças onde fez a cidade se desenvolver.

J.V. S.

Em contrapartida, alguns alunos conseguiram realizar uma excelente pesquisa, como por exemplo, M.S e L.P.. Ela, a partir da imagem de uma engrenagem do engenho do senhor Anselmo Pezenti, entrevistou pessoas para compreender o que acontecia naquele espaço, percebendo a importância para a história da comunidade local. Ele tratou da cadeira do dentista.

Engrenagem para tocar forno de farinha, Anselmo Pezenti.



O antigo engenho de farinha, a tafona e a serraria ficam localizados na comunidade de Ribeirão Matilde, em Atalanta. Nos dias atuais não se produz mais farinha no engenho, mas a sua estrutura apesar de velha ainda está lá, e passa por uma reforma. Toda essa história, estrutura e o trabalho vieram do suor da família Pezenti, que morava na comunidade.

Junto com o engenho funcionava também uma tafona e uma madeireira. Hoje somente a estrutura do engenho e da tafona existem e ainda funcionam, mas a produção em ambos foi parada há muito tempo.

O Sr. João Pezenti foi quem fundou tudo, ele veio da região de Campinas em Lages, chegando aqui ele construiu o engenho, e logo em seguida foi buscar a sua família para começar a produção. O engenho de farinha, foi construído no ano de 1937, ele era antigamente na “grot” e logo após foi mudado de lugar, e está lá até hoje, e no ano de 1960 o engenho pegou fogo e então foi reformado, um ano após o incêndio do engenho, foi o dia em que dos filhos de João, Carlos (mais conhecido como Calinho pela comunidade) colocou fogo no forno para começar a produzir farinha

novamente.

A mandioca vinha até no engenho de carro de boi, independente se fazia chuva ou sol a produção não podia parar, chegando ali a mandioca era lavada, e passava em uma espécie de raspador, logo em seguida era triturada aí ia para uma prensa, e depois para o forno onde a massa era secada. Produziam em média 40 sacos de farinha por dia.

Lá também havia um descascador de arroz, teve também uma fábrica de óleo de sassafrás, serraria, fábrica de laticínios e um açougue, mas o foi a tafona e o engenho que durou mais tempo lá. A propriedade conta com duas cachoeiras, mas infelizmente elas não são muito exploradas pela comunidade.

O engenho foi parando de produzir, quando o Sr. João ficou doente, alguns anos depois, 1981, ele acabou falecendo a partir daí seus filhos se dedicaram somente a agricultura.

Naquele engenho trabalhavam muitas pessoas, além da família de João Pezenti, trabalharam pessoas que na época moravam na comunidade.

Fontes: Depoimento de Carlos Pezenti (Calinho) e sua esposa Maurília Maciel Pezenti (Dona Maura) (maio, 2020)

M. S.

Diante da narrativa acima percebemos que mesmo com tantos desafios (pandemia, filha de agricultores, distante da escola) a aluna pesquisou, se preocupou em ir buscar fontes orais para conhecer a história local. Conversou com idosos que tiveram participação ativa no estabelecimento durante sua vida útil, porém disse a aluna “foi difícil conseguir informações, a dona Maura e seu Calinho já estão idosos, eles esqueceram muita coisa”. Sua fala demonstra, além do respeito por aqueles que viveram longos anos, que na memória “sempre “fica” o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado. [...] Assim, novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocada” (BOSI, 1994, p. 66). Não houve espaço, nem tempo para indagar: Foi esquecimento ou apagamento de muita informação? Da mesma forma, faltou tempo para conversar e conhecer um pouco mais sobre as histórias do engenho ou da atafona, história das crianças que iam na atafona “ganhar uma moeda do seu Anselmo”, ou dos adolescentes que iam se refrescar nas cachoeiras que há em sua propriedade.

A escolha da aluna pela engrenagem, pelo corpo exposto no museu, pelo pedaço amputado de uma estrutura muito maior (RAMOS, 2004) muito mais rica de histórias não foi aleatória, ela possui vínculo afetivo com o local e com aqueles que entrevistou. Moradora da

comunidade de Ribeirão Matilde, seus pais e avós possivelmente consumiram o fubá feito na atafona ou o arroz descascado no descascador de arroz ou ainda a farinha de mandioca produzida no engenho, aquele objeto para ela é o objeto gerador, que Ramos caracteriza como sendo objetos significativos, a partir dos quais é possível “realizar exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados” (RAMOS, 2004, p. 32).

Quais leituras são possíveis a partir da narrativa da aluna? Além de localizar no espaço e no tempo o engenho, ela traz dificuldades para o desenvolvimento econômico da localidade, além da concorrência com o centro administrativo. Percebe-se que o que “ficou” na memória do seu Calinho foi o que significou, entre onze filhos, ele, o mais novo, foi o escolhido para acender o primeiro fogo do novo forno, e assim “batizar” a estrutura. Imaginemos o quanto significativo foi este momento que reside em sua memória.

A narrativa apresenta alguns dos desafios do manuseio da mandioca “A mandioca vinha até no engenho de carro de boi, independente se fazia chuva ou sol a produção não podia parar”. Este trecho mostra o quanto as memórias se confundem no tempo. A primeira máquina agrícola, trator, da comunidade pertenceu ao senhor João Pezenti, foi comprada por volta de 1970.

Percebemos que o empreendimento teve forte vínculo familiar. “O engenho foi parando de produzir, quando o Sr. João ficou doente, alguns anos depois, 1981, ele acabou falecendo, a partir daí seus filhos se dedicaram somente à agricultura”. Não devemos ou não podemos questionar as memórias do entrevistado, mas eu, a professora pesquisadora, nascida em 1981, lembro-me de ir até a atafona comprar fubá quando era adolescente, lembro com ternura do senhor Anselmo (filho mais velho do João) que pedia ajuda para as crianças para moer o milho, ou para pesar o fubá. Lembro também, vagamente da farinha de mandioca no forno, secando. Ao mesmo tempo, podemos perceber o quanto a memória é seletiva. Sabemos que na mesma estrutura funcionou uma atafona, um descascador de arroz, um engenho de farinha de mandioca e uma serraria, cuja estrutura está montada até hoje, ao mesmo tempo percebemos que os entrevistados fazem pouca referência a estes empreendimentos. Resta-nos perguntar por quê? Os entrevistados não lembram deste período? Ou não são momentos significativos na sua memória? Se fossem instigados, lembrariam? Se não fosse a pandemia e a aluna estivesse na escola, teria a professora instigado a fazer perguntas? Quanto mais sobre a história local poderíamos ter conhecido, questionado, tensionado se essa e as outras pesquisas tivessem acontecido como planejado?

L.P., curioso, sem vínculos longos com Atalanta, resolveu fazer sua pesquisa sobre o dentista, proprietário da cadeira do dentista exposta no museu. Assim como M.S., fez

entrevistas. “Por que a cadeira do dentista, L.?” “Porque quando eu fui no meu dentista, fiquei pensando na tortura que era estar na cadeira do dentista antigamente. Só que o problema é que eu não consegui ninguém para falar da cadeira, só do Alcides”. Partindo do mundo vivido, do presente, o aluno estabeleceu sua relação com o passado. Essas comparações entre passado e presente permitem que a noção de historicidade seja discutida mais diretamente, desta forma a discussão histórica se coloca como um campo de possibilidades (RAMOS, 2004). Nesta altura do campeonato o que importava é que o aluno demonstrou respeito por mim e vontade de conhecer a partir da sua curiosidade.

Alcides

Seu Alcides Petri, nascido em 16 de abril de 1940, faleceu em 5 de julho de 2003. Iniciou sua carreira como dentista prático em 1961 na comunidade Dona Luiza. Casou-se em junho de 1961 com Norma Dela Justina Petri, com quem teve 3 filhos. Em 1964 se mudou para o centro de Atalanta, onde montou seu consultório e abriu uma olaria, na qual ofereceu muitos empregos para atalantenses e onde faziam tijolos maciços de 4 e 6 furos. Seus 2 filhos, Valdir e Vilmar, também trabalhavam na olaria. Como dentista, tentava preservar ao máximo o dente do cliente, também fazia misturas para obturação e restauração.

Segundo entrevistada, uma pessoa muito honesta e caprichosa. Alcides ganhou o apelido de “pantâo” pois o terreno que comprou para construir a olaria, era originalmente um grande banhado.

A cadeira de atendimento foi a segunda comprada pelo dentista, funcionava com um compressor a base de ar.

L. P.

Embora seu relato trate do homem, não do dentista, podemos perceber que o aluno teve cuidado em situar no tempo e no espaço o sujeito de sua pesquisa. Lacunas também podem ser identificadas ao longo do texto. Onde estará o terceiro filho “com quem teve 3 filhos” em seguida no texto fala que “Seus 2 filhos, Valdir e Vilmar, também trabalhavam na olaria”. Outras questões viriam à tona se estivéssemos em sala de aula: Como Alcides aprendeu a ser dentista? Quem o auxiliava no consultório? Quantas outras funções o homem Alcides Petri acumulou? Havia outros dentistas na cidade? O aluno justificou suas dificuldades em realizar a pesquisa com as mesmas respostas de todos os outros: a pandemia e o isolamento social, o acúmulo de tarefas - escola/casa/trabalho, a dificuldade de se adaptar à nova rotina.

Chegou o final de 2020. Ao contrário do começo, agora carregado de incertezas, de medo, mas também de esperanças. Eu tinha duas, todas envolviam obras que tinham começado em 2019, tanto a dissertação, quanto a nossa casa.

3.2.2 Continuando os trabalhos: Os desafios do ano de 2021.

Terminamos o ano de 2020 com a necessidade de estar junto dos alunos e ir com eles ao museu. Começou 2021, cheio de promessas! Aqueles que em 2020 eram da segunda série, em 2021 eram da tão esperada terceira série do ensino médio. No entanto, mudanças já se anunciavam no início do ano letivo, nem todos estavam na mesma turma, pois alguns mudaram de cidade, outros foram para o noturno. Por causa da pandemia, do número de alunos da turma e do espaço físico da escola, a turma foi subdividida em A e B, alternando sua presença na escola semanalmente. “Melhor assim do que ter que ficar em casa”. Não só os alunos repetiam esta frase em alto e bom tom, mas todos os que passam pelo corredor de uma escola ou que estivessem envolvidos diretamente com ela. A divisão permaneceu até 01.09.2021, momento em que o governo de Santa Catarina determinou a volta à sala de aula de todos os alunos, exceto os que comprovassem ser do grupo de risco para o covid-19.

Foi praticamente impossível discutir a pesquisa com os alunos neste novo ano. Além da divisão da turma, o museu esteve fechado por um longo período. Em abril fui visitar o Parque Natural Municipal da Mata Atlântica, quando encontrei a porta do museu aberta. Após longas conversas com a monitora, que a tinha esquecido aberta naquela tarde, consegui autorização para ir ao museu com os alunos nos finais de semana, desde que as visitas não durassem mais de uma hora e que eu estivesse acompanhada por até cinco alunos e não mais que isso. Assim aconteceu nas tardes de três domingos entre o final de abril e início de junho. Não foi exatamente como a monitora determinou, nem como eu planejei: Resolvida a situação de quando e como ir ao museu, duas situações interessantes se colocaram no caminho: Nos encontros no museu estiveram também não-alunos, namorados e pais, aqueles que os conduziram até o local. Este fato foi proveitoso, pois participaram ativamente das discussões, contribuindo, em alguns casos, mais que os alunos.

As visitas seguiram o mesmo roteiro: Apresentei a proposta da visita, que consistia em juntos vivenciar e explorar a exposição, conversando sobre os artefatos, discutindo acerca da sua utilidade, bem como tensionando as marcas de uso; conhecer a função de alguns artefatos, aqueles que ainda não tínhamos conseguido definir o uso; estabelecer categorias para os objetos que compõem a exposição a partir de seu uso e, desta forma, ao fim da visita, voltar o olhar apenas para os que fazem referência ao tema trabalho; assim como, em dupla,

escolher três artefatos diferentes para escrever a história das relações de trabalho em Atalanta. Em roda de conversa, a proposta era justificar as escolhas e deles, escolhendo um para pesquisar. É preciso lembrar que o museu não deixa claro quais os objetivos para organizar a exposição. Assim, artefatos líticos e moedas ocupam o mesmo armário, por exemplo, ao mesmo tempo, os artefatos que se referem à saúde, por exemplo, estão distantes entre si, o que causa confusão. O resultado das visitas foi surpreendente e a presença dos não alunos foi muito importante, uma vez que possibilitou outras interrogações e conhecer o uso de alguns objetos.

O primeiro grupo composto por um aluno, três alunas e dois namorados, além de comemorar o reencontro, estavam super ansiosos para estar no museu, demonstrando muita curiosidade sobre os artefatos, sobre dificuldades, desafios e possibilidades referentes ao seu uso. A exploração foi estendida para o parque onde o museu está inserido, como pode-se ver na imagem seguinte. Em uma das fotos estamos no interior do museu, que naquele momento teve seu acervo enriquecido com retratos dos ex-prefeitos da cidade, e na outra estamos em frente a Cachoeira Perau do Groppe, principal atração do PNMMA.

Essa visita foi muito importante para a professora porque além de conhecer um pouco o uso de alguns objetos e de questionar outros (que continuaram sem que soubéssemos para que serviam) permitiu que se observasse as razões das escolhas e que se fizesse relação com a atividade do ano anterior. Alguns mantiveram sua escolha, como é o caso da aluna M. S. Ao final da visita, quando fez a escolha dos três objetos, que por fim resultou em apenas um que possa contar a história de Atalanta pelo viés do trabalho, voltou a escolher a engrenagem que pertenceu ao engenho de farinha de mandioca na comunidade de Ribeirão Matilde. Questionada sobre o porquê de sua escolha, a respostas variaram entre

É na comunidade que eu moro, já conversei com o seu Calinho da outra vez, o filho do João Pezenti, o homem que fez o engenho. Minha mãe brincava lá na cachoeira quando era criança. Ela disse que no engenho não podiam chegar, era perigoso, mas na cachoeira ela ia. Tanto o pai quanto a mãe, comeram muita polenta feita com o fubá da atafona do seu Anselmo, que tocou tudo depois que o João morreu. (M. S., 2021)

Através da explicação, percebemos que sua escolha está voltada para vínculos afetivos, pois a mãe, vizinha desde pequena da estrutura, brincou ali. A Atafona servia toda a comunidade, tornando-se necessária para seu desenvolvimento e agora a aluna tentou eternizar através de sua pesquisa. Esta engrenagem pode ser considerada o que Ramos (2004) denominou objeto biográfico, ele “é uma testemunha significativa da vida de alguém e, no espaço do museu, pode assumir os mais variados sentidos [...] ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfoses que dependem dos modos pelos quais as memórias são historicamente construídas” (RAMOS, 2004, p. 114)

Na segunda visita, estiveram, além dos três alunos, uma aluna, dois não-alunos, um namorado e o pai de um dos alunos, J.R.S. A presença de um homem de meia idade foi significativa neste dia, pois além de conhecer o uso de alguns objetos, tirou dúvidas sobre outros. Estes alunos são bastante tímidos e o pai do aluno que participou da visita contribuiu com muitas informações. Por exemplo, o artefato seguinte era desconhecido por muitos a quem mostramos a foto (2020) e pelos visitantes do domingo anterior. O pai do J.R. nos explicou que aquele era um pulverizador de fumo que quando menino usava. Relatou como funcionava, comparou com os usados hoje em dia, assim como fez uma análise sobre os prejuízos à saúde de manusear sem equipamentos específicos aquele implemento agrícola.

Imagen 24 : Pulverizador costal usado no trabalho do tabaco



Créditos: Acervo da autora.

Na primeira vez que estruturei a busca por informações para construir a dimensão propositiva, planejei uma visita ao museu com os alunos e com o grupo de idosos. Seria uma tarde proveitosa e cheia de histórias e memórias, porém, 2020 não foi como planejamos e a visita não foi possível. A presença do pai do aluno nos trouxe uma pequena mostra de como teria sido este encontro, se tivesse acontecido.

O terceiro encontro aconteceu no início de junho, desta vez apenas alunas. Foi um encontro diferente dos anteriores, já que os interesses e as discussões foram incomparáveis. Enquanto os demais grupos se interessaram pela arma, seu modelo e demais características físicas, este estabeleceu discussão sobre os perigos de ter uma arma em casa, sobre as razões para alguém enterrá-la. As preocupações também eram mais sociais, pois desenvolvemos uma conversa sobre as armas que os familiares possuíam ou possuem em casa, assim como algumas histórias das vezes que foram usadas. Esta equipe teve olhar minucioso para os detalhes, as marcas de uso ou a especificidade dos objetos. Também olharam com atenção redobrada para o aparelho de telefone. Observaram atentamente os diferentes utensílios domésticos que

compõem o acervo, questionando a forma dispersa como estão expostos. Observaram as cédulas ou moedas já desvalorizadas, fizeram análises sobre custo de vida, refletiram sobre o desespero daqueles que não fizeram a conversão da moeda nos períodos estabelecidos, repetiram histórias sobre aqueles que não ouviram, não sabiam sobre o período de conversão de moeda, acabamos discutindo a importância da estabilidade econômica.

Extrapolamos o tempo determinado pela monitora para a visitação, simultaneamente, tivemos uma conversa aprofundada sobre a necessidade de preservação de objetos de memória, como elas definiram, os que hoje estão no museu, porém, um dia, estiveram numa casa. A conversa evoluiu também para o que fazer com o que temos nas nossas casas que não tem mais valor, nem de uso, nem afetivo, e que o museu pode se tornar um bom lugar para também receber objetos portadores de memória, ao mesmo tempo destacamos que estas memórias devem ser problematizadas, para que o museu não seja compreendido como o “lugar de guardar coisas velhas” e sim, onde estas coisas sejam tensionadas. Destacamos a importância do MHMWK para o município de Atalanta e os desafios e possibilidades que ele oferece.

Durante as três visitas procurei dialogar com os alunos sobre os objetos expostos, fazendo perguntas que por vezes eram esquecidas ou que passam despercebidas. Trabalhamos numa só equipe enquanto discutíamos a exposição e fazíamos a categorização dos objetos conforme seu uso. Por exemplo, os equipamentos de beneficiamento da madeira foram direcionados para as categorias trabalho na madeira, e masculino, o que levantou questões como: As famílias que tinham poucos homens não contavam com a ajuda das mulheres? As mães dos alunos agricultores não os acompanham na roça? Sobre o ferro de passar roupas, tensionamos seu uso: Quem tinha roupas para passar antigamente? Quem passava? Como se corrigia os erros cometidos pelo uso do ferro quente demais? Hoje, quem passa roupas? Qual a importância/significado do trabalho feminino? Sobre a arma indagamos: Por que alguém teria enterrado a arma? Quem podia ter porte de armas?

Observando as fotografias da parede do museu: Quem podia ser professor? O que aconteceu com as escolhas multisseriadas que foram desativadas na década de 1990? Quem é responsável pela manutenção daqueles prédios? O que conseguimos perceber de diferenças entre as escolas multisseriadas (onde os pais dos alunos estudaram) e as escolas atuais? Quais as diferenças entre os alunos daquelas escolas e das atuais? Foram inúmeras as intervenções feitas pela professora com a intenção de aproveitar melhor as visitas. Como citei em parágrafo anterior, os interesses das diferentes equipes eram distintos. A primeira equipe estava super curiosa em conhecer a estrutura da antiga fecularia, tanto que a visita acabou na cachoeira. A

segunda equipe, preocupada em compreender o uso das ferramentas referente ao beneficiamento da madeira. A terceira equipe estabeleceu olhar mais atento para as questões sociais e para o feminino. Enfim, olhares diferentes para o mesmo objeto, seja a cadeira do dentista ou a prensa de torresmo.

Em relação às visitas, posso concluir que foram muito proveitosas e gratificantes, apesar dos desafios de contar com a participação de treze alunos, de uma turma de vinte e quatro. Treze é o número de alunos que aceitou ir ao museu. O comparecimento ao museu não era obrigatório por isso não consegui vincular com as atividades ali desenvolvidas com a sala de aula. Por não haver cobrança de nota, talvez não houve adesão de mais alunos. Mesmo assim, podemos contar com a presença de dezoito pessoas (treze alunos e cinco não-alunos) que após a visitação deveriam buscar histórias sobre os objetos ou sobre seus usos e outras memórias sobre eles.

Ao final de cada visita, como planejado, os visitantes organizaram equipes (duplas), escolheram três artefatos que estivessem inseridos na categoria trabalho e depois refinaram a escolha chegando a um objeto. Três porque o leque de opções de objetos que pudessem contar a história de Atalanta era muito amplo, porém, não tínhamos tempo hábil nem disponibilidade para pesquisar muitos objetos. Destes três, a equipe precisou eleger apenas um para historicizar seu uso. Os objetos escolhidos foram a engrenagem que pertenceu ao engenho de Anselmo Pezenti, o ferro de passar roupas, a cadeira do dentista, a serra braço, as cédulas antigas, a máquina de datilografar, a bomba manual de água, o telefone e a frigideira. Ao final de cada visita, a equipe já sabia o objeto que deveria historicizar, buscando histórias sobre seu uso. Determinei que, até quinze dias após a visita, a equipe deveria enviar a pesquisa. Era hora de “estudar como os seres humanos criam e usam objetos. Por outro lado, é igualmente necessário refletir sobre as formas pelas quais os objetos criam e usam os seres humanos” (RAMOS, 2004, p. 36).

Como a turma ia para escola quinzenalmente, as equipes que se formaram nem sempre se encontraram. Logo, os prazos não foram cumpridos e ao final apenas uma equipe entregou a pesquisa. JRS e seu pai GS conseguiram informações importantes sobre o corte e beneficiamento de madeira pelos colonos antes da chegada da moto serra e do trator. M.S. reforçou que não sabia mais a quem perguntar sobre o engenho, então não conseguia continuar a pesquisa. Os demais, apesar de solicitar inúmeras vezes, encontraram desculpas infundáveis e não apresentaram a atividade sugerida. A visita ao museu não era obrigatória, pois não era em horário de aula, então não pude estabelecer uma avaliação, ou nota. Com isso,

não consegui convencê-los a entregar o que tinham proposto. Novamente me vi num beco sem saída.

E aos poucos tudo parou novamente! Fiquei desesperada com a falta de respostas dos alunos. Houve um período de questionamento sobre por que fazer o mestrado? As estratégias estavam corretas? Onde foi que eu errei? Acertei em quê? O que fazer a partir de agora? Após o período de interrogações, de insegurança, voltei meu olhar para o que tinha sido entregue até então. Tendo como objetivo a partir da sala de aula, observar o acervo do Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack, e construir narrativas sobre a história de Atalanta pelo viés do trabalho, direcionei meu olhar para a relação de objetos que foi resultado das conversas de 2020 e para as visitas de 2021. Interrogei as escolhas e fiz uma seleção de dez nomes que apresentam relação direta com a história do trabalho em Atalanta.

Diante das incertezas, uma certeza: Acertei ao tentar, ao não desistir. A seguir apresento e justifico minhas escolhas. A primeira foi a dos **artefatos líticos**, que são a primeira representação do trabalho nesta região, pois para conseguir seus alimentos e o que fosse necessário para sua sobrevivência os indígenas xokleng os usavam. O segundo objeto foi a **serra braço**, que traz consigo histórias sobre o corte das árvores e do preparo da terra a partir da ocupação dos descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses; depois da terra limpa, a produção de farinha de mandioca ou o beneficiamento do milho e do arroz, representados aqui pela **engrenagem** que pertenceu ao engenho da família Pezenti e pela **imagem da Fecularia Gropp**. Também sobre trabalho, e muito mais sobre o feminino, escolhi o **lampião** que trata do prolongamento do tempo para realização de tarefas e por consequência das dificuldades da vida antes da energia elétrica. A escolha também recaiu sobre a **prensa de torresmo**, que traz nas suas marcas de uso a necessidade de sobrevivência e as variações do trabalho doméstico e diferentes formas de sociabilidade. As imagens seguintes são representações desta escolha.

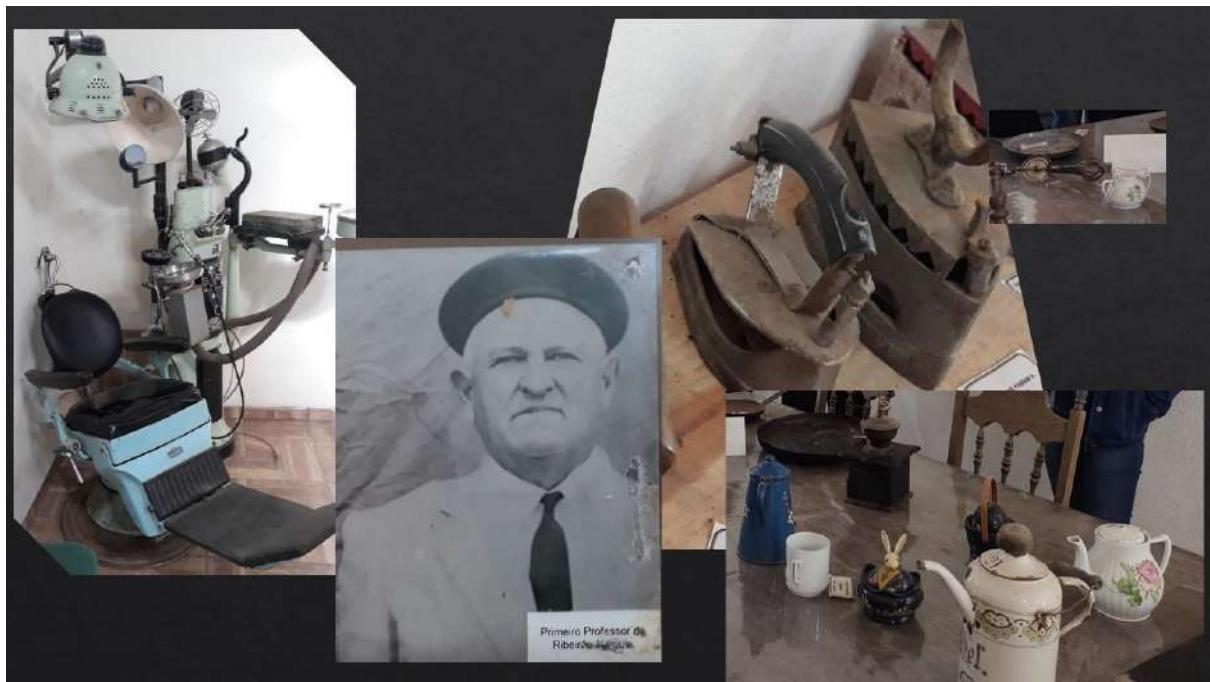
Imagen 25a: Os escolhidos para contar a história de Atalanta.



Créditos: Acervo da autora.

Assim como o **ferro de passar roupas**, aquecido por brasas foi também escolhido. Foi também o caso das **louças de porcelana** que carregam muito mais que marcas do tempo, de chá ou café. Carregam sonhos, devaneios e quem sabe desespero e dor, expressos nas mãos que a seguravam ou para apreciar a bebida ou para lavar. Dor que o dentista tentou amenizar com sua **cadeira**; que talvez os tempos da escola ou as memórias dela possam redirecionar, representadas pela imagem do **primeiro professor** de Ribeirão Matilde

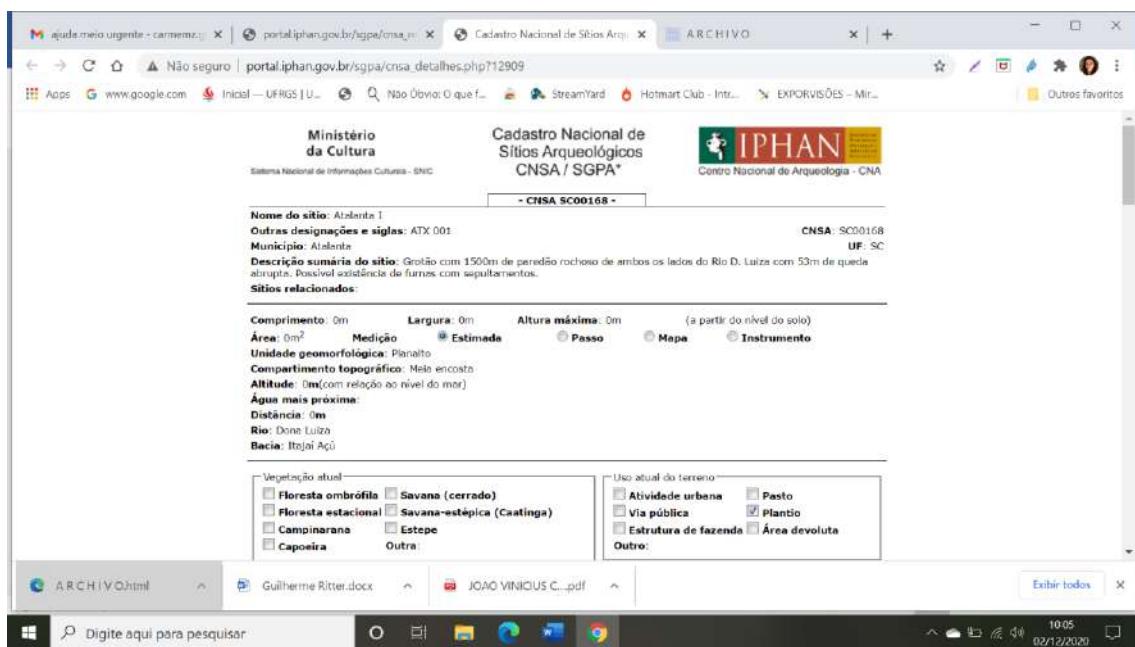
Imagen 25b: Os escolhidos para contar a história de Atalanta.



Créditos: Acervo da autora.

A escolha destes objetos não foi aleatória, além de conversarem entre si, dialogam com outros que compõem o acervo. Embora pareçam isolados, os artefatos líticos usados pelos xokleng, pretendem mostrar a presença indígena no lugar onde se constituiu o município de Atalanta, por isso é o primeiro objeto de minha escolha, para dar representatividade à presença indígena. Existe a presença de um sítio arqueológico registrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, onde consta um grotão com 1500m de paredão rochoso no rio Dona Luiza, com 56 m de queda abrupta. A descrição dá a entender que o dito Sítio Arqueológico coincide com o local onde está o museu. Essa informação me impulsionou a priorizar a história indígena de Atalanta. Embora tenha encontrado dificuldades para acessar o site do IPHAN, a imagem seguinte mostra o cadastro:

Imagen 26: Atalanta no portal do IPHAN.



Acervo da autora.

Ao mesmo tempo que é necessário dar visibilidade e respeitar a história indígena de Atalanta, é impossível negar a colonização europeia. Neste caso, tentei estabelecer linearidade na escolha dos objetos considerando primeiro a limpeza do terreno e a construção de casas, pontes e galpões. Para tanto, escolhi a serra braço, que se associa a todos os outros artefatos que tratam do beneficiamento da madeira. Após a terra limpa, a prática era a agricultura. Neste caso dei ênfase aos engenhos de farinha de mandioca que se instalaram no município. Curiosamente, com funções semelhantes, estes empreendimentos recebiam nomes diferentes: a Fecularia Gropp, localizado na Vila Gropp, é um engenho de farinha de mandioca, assim como aquele pesquisado pela aluna MS, representado pela engrenagem. Além do beneficiamento da mandioca, nestes lugares houve a instalação de uma serraria, a extração do óleo de sassafrás e a produção de farinha de mandioca. Sobre o Gropp não temos informações sobre descascador de arroz ou atafona, ao contrário do que acontecia no Ribeirão Matilde. O que os diferencia além da localização e do tamanho pode ser o tempo de funcionamento e a importância econômica. A prensa de torresmo relaciona as formas de sociabilidade implícitas no acervo do museu, assim como poderia discutir com as fotografias que apresentam as festas da Sociedade Santo Antônio, festas religiosas, ou mesmo com as imagens que mostram a construção da igreja. As relações de sociabilidade explícitas nas festas, estão interligadas com as histórias ao redor da prensa de torresmo, em ambos os casos, as pessoas se juntam para conversar e se distrair.

O uso do lampião, retrata o prolongamento do horário de realização de tarefas, dentro de casa no ambiente familiar, aumentando o período laboral nos ranchos ou engenho, e também nas farmácias, e armazéns de secos e molhados, além de possibilitar a socialização através das festas de comunidades e reuniões políticas. O ferro de passar, instrumento de trabalho feminino por longos anos, associa com a máquina de costura ou com as imagens que mostram as pessoas tão bem vestidas com roupas passadas. A louça de porcelana, novamente lança olhar para o universo feminino, além de dialogar com todos os artefatos que se referem ao preparo do alimento e cuidado com a casa, discutem com o universo masculino ao investigar os desejos, sonhos, angústias e responsabilidades que uma louça de porcelana traz consigo, os típicos presentes de casamento. Além de discutir classe social, por se tratar de alimentação bem poderia ela, a delicada louça, se voltar para a mão de pilão, usada pelos indígenas no preparo dos alimentos. O dentista, representado por sua cadeira, auxiliado por sua esposa Norma, pode nos fazer pensar sobre as implicações do trabalho urbano, bem como a importância da mulher neste lugar. Da mesma maneira o professor, deve nos levar a pensar na escola, nas muitas escolas multisseriadas que existiram em Atalanta, sobre quem a frequentava, quem nela trabalhava, nos amores e nas dores que ali pairavam. Por fim, as palavras de Ramos (2004) mostram porque é necessário direcionar o olhar para o museu e para seu acervo para conhecer um pouquinho mais da história de Atalanta, pois “se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos” (RAMOS, 2004, p.22), para tanto fazer questionamentos ao objeto é imprescindível para lê-lo, O que é? Para que foi produzido? Quando foi produzido? Quem o utilizou? De que material foi feito? Por que não foi mais utilizado?

Uma das estratégias para que aprendemos a ler a história através dos objetos é reconhecer que a história requer investigação e ressignificação pelo aluno, visto que não está pronta nos objetos (RAMOS, 2004). Para que o aluno consiga perceber isso seu olhar tende a ser crítico, que é o desenvolvimento da consciência histórica e o conhecimento do tempo passado, por meio do presente. A materialização da história, por intermédio da expografia do museu, favorece o desenvolvimento de uma consciência do tempo passado (PEREIRA, 2007). A compreensão do tempo passado prevê o questionamento, a dúvida das verdades postas e daquelas que por vezes estão escondidas no tempo presente.

No início do segundo semestre de 2021, os artefatos que terão seus usos investigados e irão compor a dimensão propositiva já estavam selecionados⁴⁹. Busquei em dissertações e páginas da internet ou mesmo conversas informações sobre os usos dos objetos listados acima como os dez escolhidos para compor esta dissertação. Foi uma tarefa árdua, porém gratificante. Escolhi realizar esta etapa com poucas ajudas, pois não tinha clareza de quais os alunos estariam disponíveis e dispostos a me ajudar a continuar a pesquisa. O objetivo destes textos é que os alunos tenham acesso a outras pesquisas/falas que interliguem a história local com a de outros lugares para que percebam que o cotidiano de Atalanta não foi isolado de outros, como alguns pensam. Eu, professora-pesquisadora, continuava investigando entre as turmas com as quais trabalhava, qual melhor contribuiria com minha pesquisa.

Em alguns casos foi menos difícil fazer a busca de informações complementares, em outros, como é o caso das louças de porcelana, a internet pouco contribuiu. Foi assim também sobre o cotidiano de trabalho num engenho de farinha de mandioca. Há informações disponíveis, porém a maioria delas se refere ao potencial turístico destes lugares. A pesquisa mais proveitosa que fiz foi sobre os artefatos líticos encontrados tanto no museu quanto pelos alunos nas roças, usados principalmente pelos xoklengs da região. Busquei amparo no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul Victor Lucas (MHCRSVL), que apresenta em seu acervo artefatos líticos semelhantes aos que estão no MHWK, porém não tinha encontrado ainda qualquer menção aos nomes dos artefatos, bem como informações sobre seu uso. O MHCRSVL naquele momento, não dispunha das informações que solicitei. Após minuciosa busca, encontrei a pesquisa de conclusão de curso de Copacâm Tschucambang, indígena da Terra Indígena Laklāno, morador de Vitor Meireles, estudante da Licenciatura Intercultural Indígena na UFSC, intitulado Artefatos arqueológicos no território Laklānō/Xokleng-SC⁵⁰. No texto o autor faz um apanhado geral sobre os artefatos líticos usados pelos indígenas e que foram encontrados por moradores e agricultores da região. Selecionei informações nas quais o autor relata as dificuldades para encontrar e reconhecer a importância destes artefatos, bem como cita seus nomes e funções. (2015). Outro texto, de autoria de Edna Elza Vieira, mostra as pontas de flechas muito parecidas com o que os alunos trouxeram à sala de aula. (2004). Estão em anexo os textos usados nesta etapa.

⁴⁹ Para determinar quais objetos fariam parte da pesquisa, voltei aos que tinham sido escolhidos em 2020 e deles selecionei aqueles que tem relação direta com as vivências de trabalho e também com outros artefatos do acervo.

⁵⁰ Disponível em: <<https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/COPAC%C3%83M-TSCHUCAMBANG.pdf>> Acesso em out de 2021.

Após refletir sobre artefatos líticos, sua produção e manuseio, escolhi uma discussão sobre a limpeza do terreno e o preparo da terra pelos homens que colonizaram este lugar. É comum os moradores das áreas rurais terem instrumentos de limpeza do terreno em casa, e no museu chama atenção a serra braço e os demais produtos referentes ao beneficiamento da madeira. No texto escrito por Marcos Batista Schuh, intitulado “Histórias da colonização de Palmitos”, encontramos narrativas que fazem referência às estratégias de corte das árvores e limpeza do terreno, apresentando não apenas dificuldades, mas também a força dos que se embrenharam nas matas para “abrir caminho”. Num dos trechos cita que

A mata fechada, ao fazer as primeiras lavouras, era um entrave para os colonos. Para cortá-las, apenas machado e serrote. “Ah, primeiro tinha que roçar em baixo, depois derrubar o pau grande. Então, ali é uma chácara, agora tem motosserra, naquele tempo não tinha motosserra, então tinha o serrote puxado a mão.[...] Além disto, sempre havia o risco do tronco lascar e rebater, atingindo pessoas próximas. A derrubada do mato era um obstáculo difícil de ser vencido. Só que tinha muita madeira grossa, era um sacrifício! Naquela época era só machado, pra derrubar um pau daqueles ali. E um serrote que serrava em dois assim, mas tinha que cortar primeiro uma parte com o machado, e depois colocava a serra do outro lado. Se a madeira era reta custava a cair se era torta caía mais rápido (SCHUH, 2011)

O texto mostra os desafios que os colonizadores de Palmitos encontraram no corte das árvores e limpeza do terreno. Ao mesmo tempo que permite que a professora relate a história local com a de outros lugares, nos leva a olhar atentamente aos artefatos expostos no museu que podem ser relacionados com este ofício: o beneficiamento da madeira para construção de casas, ranchos e pontes, além da limpeza do terreno. O texto encontra-se em anexo.

Sobre o uso da terra, a discussão estabelecida foi sobre o beneficiamento da mandioca, seja na Fecularia Gropp, ou no engenho de Ribeirão Matilde. Embora tenham funções semelhantes, aqui dois artefatos diferentes recebem atenção: a engrenagem do engenho de Anselmo Pezenti e a fotografia da fachada do secador da fecularia dos Gropp. Tive grandes dificuldades em encontrar informações referentes aos engenhos em outros lugares que não seja o litoral ou às colônias açorianas. Como o Alto Vale do Itajaí foi colonizado por imigrantes alemães e italianos, principalmente, esses podem ter trazido o hábito do cultivo da mandioca do litoral. Outro aspecto importante desta pesquisa é que estes locais de produção de farinha recebem bastante atenção da mídia jornalística que apresenta os poucos engenhos de farinha de mandioca que ainda funcionam com certo saudosismo e nostalgia, mostrando o heroísmo daqueles que mantêm esta tradição. Como num destes locais funcionava também uma atafona, encontrei relatos do funcionamento da atafona do senhor Anselmo.

Sobre a prensa de torresmo encontrei dois textos que tratam das artimanhas de uma comunidade para evitar o desperdício de carne antes da chegada da energia elétrica e da refrigeração. Conforme o texto Trabalho, memória e práticas de reciprocidade em narrativas sobre a alimentação em Santa Cruz do Sul, de Everton Luiz Simon e Éder da Silva Silveira (2018)

“os vizinhos ajudavam e cada um levava um pouco. E a gente recebia deles quando eles carneavam. Havia uma ajuda, uma troca”. [...] a prática da reciprocidade “assegurava às famílias não apenas o abastecimento de carne, mas, também, a manutenção dos laços de sociabilidade” da comunidade. (SIMON, SILVEIRA, 2018)

Outro texto disponibilizado aos alunos, apresenta a dificuldade que havia na conservação da carne e a importância das redes de sociabilidade pois,

havia dificuldade em conservar a carne, no caso estudado, de porco, sendo que os dias de carneação eram considerados dias de festa, pois era quando se poderia obter carne fresca e, assim, desfrutar de um alimento de sabor diferente daquele do charque, também lá utilizado com frequência. [...] Estes autores, assim como Menasche e Schmitz (2007), referindo-se à mesma região, afirmam que uma maneira de obter-se carne fresca a intervalos mais curtos era por meio de troca entre vizinhos. [...] a “banha era o freezer e a geladeira”. Por meio dessa técnica, a carne era frita, cozida ou assada e acondicionada em grandes latas, conhecidas como latas de banha. Na lata, a carne era totalmente coberta com banha de porco, morna ou quente. (2013).

O próximo artefato escolhido é o lampião que prolongou o tempo de trabalho. Aqui também houve dificuldades de encontrar textos acadêmicos para compor os textos de apoio. Sendo que os textos encontrados falam sobre características gerais do artefato ou fazem referências a breves memórias que remetem ao tempo de uso, vejamos:

O avô da aluna tem “sessenta e oito anos” e sabe que usou lampião por muito tempo “quando ainda não existia energia elétrica”. Assim como a lamparina, o lampião foi peça fundamental no cotidiano de muitas famílias com origem rural. Era o único recurso, além do fogo no fogão, para iluminar o interior das casas e possibilitar a realização de outras tarefas depois que o sol se punha. (SUTIL, 2016).

Sem dúvidas o artefato que apresentou mais dificuldade para conseguir textos de apoio foram as louças de porcelana. Consegi com algumas mulheres com quem convivo, através de conversas, relatos sobre a importância da louça de porcelana no armário de uma mulher casada. Por longo tempo ela foi sinônimo de riqueza, de delicadeza e distinção social. Os textos mostram também a ressignificação do objeto ao longo do tempo, conforme uma das mulheres com quem dialoguei “Para mim, o significado é totalmente diferente. Meu uso é

como ornamentação e como lembrança. Tenho elas para lembrar da avó”. Isso nos leva a refletir sobre a ressignificação do objeto.

Além da porcelana, o ferro de passar roupas foi associado ao universo feminino por longo tempo. Nair Sutil, além de trazer informações sobre os aparelhos, nos permite refletir sobre o fato de que o “ferro de passar roupas à brasa é profundamente ilustrativo de um tempo e de um ambiente onde a energia elétrica ainda não existia” (SUTIL, 2016). Outro texto que trata do Museu do Quilombo e dos objetos biográficos nos mostra uma filha saudosa ao contar sobre sua mãe passando roupas, ela conta que”

Eu adorava quando ela colocava o dedo assim na boca ai ele chiava. Com um pouco de brasa ela passava aquele tanto de roupa e rendia, era incrível aí quando a brasa tava começando a apagar ela ia lá no fogão à lenha, abria ele colocava mais e passava ás nossas roupas eram super impecáveis. (FREITAS, 2016)

Sobre a cadeira do dentista tive dificuldades de encontrar informações que se referiam a prática da odontologia. Conseguí alguns textos que discutem a história da odontologia, uma leitura mais atenta, nos leva para os dentistas práticos, que é o que foi o senhor Alcides Petri. O texto que entreguei aos alunos tratava do trabalho dos barbeiros que exerciam também a função de tirar dentes, muitas vezes estes homens eram escravizados. Conforme Patrícia Ruiz Spyere:

[...] Os dentistas tinham conhecimentos rudimentares, sem escolas, sem cursos. Nada lhes era exigido para conseguir a carta da profissão de tirar dentes, nem mesmo saber ler. A profissão de dentista se bipartia - as operações cirúrgicas tinham sua licença dependendo do cirurgião-mor e os curativos nos dentes com licença dependendo do Físico-mor, ou seja, a parte médica da profissão.

Não era muito diferente com a professora ou com o professor. Em busca de memórias sobre a educação nas primeiras décadas do século XX, encontrei relatos de idosos que narram sua experiência escolar. São memórias de ternura e também de dor, muitas vezes de tristeza pelo fato de não poder dar continuidade aos estudos, em outras vezes de orgulho, mostrando expondo o sucesso deste empreendimento. Tive dificuldades para encontrar memórias de profissionais da educação.

3.2.3 Entrega da Obra.

Os alunos da terceira série do ensino médio estavam saturados de ouvir falar da pesquisa da professora de história e tinham outros objetivos para o final do ano. Percebi que nossa relação estava fragilizada e era hora de cuidar dela, de delinear novos caminhos, “porque o tempo não nasce do mestre, mas da própria sala de aula” (LARROSA, 2018, p.192) e esta

sala de aula anunciava discretamente que este tempo estava findando. Era urgente a necessidade de novos colaboradores.

Após observar as turmas com as quais leciono, percebi que aquela que melhor atenderia minhas expectativas seria o sétimo ano matutino. Uma turma grande e dinâmica, assim pode ser definido o 7º ano 01, de 2021, da EEB. Dr. Frederico Rolla, com trinta alunos, também divididos em turma A e B, com frequência alternada na escola, o sétimo ano, do período matutino, se mostrava disposto a enfrentar qualquer desafio. Além destas características, alguns alunos da turma se mostravam solícitos e curiosos, demonstrando interesse pela pesquisa. Outra característica importante é que a maioria dos componentes da turma, assim como seus familiares, nasceram e vivem em Atalanta há muitos anos, o que facilita o conhecimento da história local.

Já tinha estabelecido com eles algumas conversas sobre o museu da cidade e seu acervo. Não raro alguns alunos me presenteavam com “professora, sabia que meu avô tem uma ponta de flecha igual a do museu? Ele achou na roça. Vou trazer pra ti ver”, ou então, “professora, eu também tenho pedras grandes em casa”. Ainda tem a outra que trouxe “o livro de história da minha bisavó, do tempo que ela foi estudante”, neta de professoras, guarda com todo carinho o livro didático com o qual sua bisavó aprendeu a decorar datas e nomes de heróis. Outro me desafiou: “Duvido tu saber o que tenho lá em casa que não tem como levar para o museu e que foi muito importante”. Pipocaram respostas na sala de aula. “É um porão, lá o opa⁵¹ guardava a carne quando não tinha geladeira”. O aluno tinha razão, era impossível levar o porão de sua casa ao museu, ao mesmo tempo, não era impossível trazer o museu até os alunos, ou as discussões que me interessavam até eles. Diante dos desafios que me apresentavam diariamente, numa das aulas apresentei a eles minha proposta de pesquisa, justificando porque os escolhi para contribuir nesta etapa.

Em sala de aula, organizamos as equipes conforme o interesse. A aluna cujo pai morava próximo a uma das escolas multisseriadas juntou-se com as filhas e netas de professoras para investigar as nuances da sala de aula bem como a vida da professora. O aluno que era agricultor na cidade onde morava e mudou-se recentemente para Atalanta, juntou-se a outros agricultores que criam porcos para discutir o processo de carneação. Aqueles que encontram artefatos líticos, ou que são curiosos no que se refere a eles, se juntaram para investigá-los. Estes são exemplos dos parâmetros estabelecidos para formar equipes.

⁵¹ Forma como o aluno chama seu avô.

As equipes foram orientadas a ler os textos que receberam (aqueles escritos pelos alunos em 2020 e aqueles que a professora buscou - textos de apoio), responder algumas questões sobre eles. Questões que tinham como objetivo levar o aluno a pensar no uso dos objetos, nas permanências e mudanças que podem ser percebidas no seu uso. Ao mesmo tempo, levantaram entre seus familiares histórias que fazem referências aos artefatos. Realizadas estas etapas, socializaram as informações com a turma. Alguns entrevistaram seus familiares durante a aula mesmo, “professora, a avó já respondeu pelo whatsapp, não precisamos levar”, outros trouxeram o resultado de suas conversas na aula seguinte.

A equipe que encontrou maiores dificuldades para realizar o trabalho, é aquela que se responsabilizou por pesquisar a Fecularia Gropp. O aluno S.A.J confiante que as memórias de seu avô, que trabalhou nela, seriam seu alicerce nesta pesquisa se deparou com falas que se repetiam. Desolada, a equipe percebeu que pouco sabia sobre aquele lugar. Isso nos leva às palavras de Meneses (2018, p. 2) “Fala-se muito da memória, mas pouco se conhece do esquecimento. Ora, memória e esquecimento são faces do mesmo processo”. Por que o menino não conseguiu recordar do que o avô dizia sobre a fecularia? As memórias que o menino tentou recuperar são as memórias que possui sobre seu avô, sobre o que ele contava dos tempos que trabalhou na fecularia.

Foi possível identificar mudanças e permanências nesta pesquisa. A mudança foi possível identificar no beneficiamento da madeira e na produção de alimentos, aqui representado pelo beneficiamento da mandioca. O uso da madeira, e todo seu beneficiamento, sofreu alterações significativas na atualidade. Na era da motosserra e da makita, poucos são os alunos que usam um serrote, quem dera ter uma serra braço em casa. Além do fato que poucas áreas podem ser desmatadas, o uso da madeira é menor em relação ao início do século XX. Poucas plantações de mandioca, que não sejam para consumo doméstico, são encontradas no município, na mesma medida não identifica-se engenhos de farinha de mandioca em atividade comercial. Não faltam lavouras de trigo, de soja, de tabaco, milho ou cebola, e os engenhos foram substituídos pelos depósitos de compra e venda de cebola. A presença dos artefatos líticos pode ser compreendida tanto como ruptura, quanto como permanência. Ruptura porque não encontramos uma comunidade indígena no município, porém ao mesmo tempo alguns descendentes de indígenas compõem a comunidade.

Num município agrícola é hábito a criação de animais domésticos para consumo próprio. Sem dúvidas, a prensa de torresmo representa um dos objetos mais presentes no cotidiano dos alunos. O ferro de passar foi reinventado, o atual não é aquecido por brasas, mas por energia elétrica. Os tecidos das roupas adquiriu outras características, nem todos devem

ser passados a ferro. Da mesma maneira que nem todas as louças de uso cotidiano são de porcelana, algumas ainda são guardadas para momentos especiais. Sem dúvidas, a cadeira do dentista foi adaptada aos novos tempos, da mesma forma que o profissional que executa esses serviços, dois profissionais formados em odontologia trabalham em Atalanta, e alguns ainda se assustam com eles. A função de professor embora permaneça muita coisa dela, sofreu muitas mudanças, desde a preparação para ser professor e principalmente no modo de fazer seu ofício.

Nas imagens seguintes, pode-se ver os artefatos líticos que os alunos trouxeram à escola, a imagem nº 36 apresenta artefatos encontrados facilmente por aqui. Não é incomum ouvir histórias de alguém que estava arando a terra e encontrou este tipo de pedra, o que é intrigante, alguns atribuem aos indígenas, outros dizem que são resultados dos efeitos da natureza, dos raios sobre as pedras.

Imagen 27: Artefatos líticos comuns em Atalanta.



Crédito: acervo da autora

Mais do que quem moldou o artefato lítico interessa saber que sua presença pode ser indício de comunidades indígenas no território que equivale a Atalanta, pois ao contrário da imagem 27 a imagem nº 28 é um vestígio da presença humana. Uma ponta de flecha, nunca está isolada, principalmente porque os alunos que trouxeram os artefatos líticos são vizinhos, o que pode caracterizar algum lugar ocupado pelos povos originários antes da ocupação do homem branco no século XX. Fez-se uma discussão neste momento referente a posse do que é encontrado no subsolo do território brasileiro, principalmente os achados arqueológicos.

Aprendemos que o que está no subsolo pertence à nação e que é necessário contato com algum arqueólogo para catalogar e verificar a possível existência de sítio arqueológico em Atalanta. Vale a pena uma pesquisa aprofundada sobre esta informação, fica a sugestão para uma outra pesquisa.

Imagen 28: Artefatos líticos facilmente encontrados em Atalanta



Créditos: acervo da autora

Sobre os artefatos líticos, ofereci aos alunos três textos diferentes: Um elaborado em 2020, pelo aluno M.V.S., no texto ele faz uma análise breve sobre usos destes materiais; os outros textos, já citados aqui, um resultado da pesquisa de Tschucambang Copacãm, apresenta imagens dos artefatos líticos e algumas dificuldades para serem reconhecidas e nomeadas; o outro, além de apresentar imagens, que mostram instrumentos de caça dos xokleng, trata da cultura material desenvolvida por este povo. O texto abaixo é a produção que os alunos construíram:

Isso não é uma pedra, é uma mão de pilão.

Como eles não tinham conhecimento em facas e armas de ferro, eles usavam materiais da natureza: como pedras para fazerem flechas e conseguir seu próprio alimento. Essas pedras tinham formas variadas, cada uma servia para alguma coisa. Algumas serviam como pilão para triturar e

amassar os grãos. Eles também faziam "facas" de pedra para limpar a caça.

Os povos indígenas foram praticamente os únicos que usavam essas ferramentas, pois com a chegada dos povos brancos novas ferramentas começaram a ser usadas. Eles usavam o ferro.

Como eram feitas as ferramentas? Os indígenas poliam as pedras, lapidavam batendo uma na outra dando golpes rápidos, assim dando o formato desejado e com boa afiação.

Essas pedras podem ser encontradas em bom estado de conservação pelo fato das pedras serem feitas de material resistente.

Encontramos a nossa pedra na roça. Não é tão fácil assim de encontrar, tem que prestar atenção quando passa o trator, ou quando estiver andando nos pastos, isso deixa a gente pensar que eles moravam nestas terras.

G.E, A.V, S.K, 2021

Eu passava nos grupos para melhor auxiliar os alunos nos seus questionamentos, hora fazendo perguntas, hora respondendo. Questionados onde os indígenas moravam por aqui, um aluno A.V. devolveu a pergunta “professora, a senhora sabe por que eles foram embora? Porque não tem mais indígena aqui”. Perguntei se eles já tinham ouvido falar nos bugreiros, outro respondeu “são os homens que matavam indígenas”, questionei se há indígenas entre nós, entre os que tem origem indígena, poucos conseguem identificar, é menor ainda o número de pessoas que assumem sua origem indígena. Discutimos a ação dos bugreiros em nossa região, enfatizando a violência de suas ações.

Ao apresentar o trabalho a equipe conseguiu convencer a turma de que a presença indígena é muito importante para a história do nosso município, que eles representam a primeira forma de vida humana na nossa região e que deveriam ser mais respeitados pois foram vítimas de muita violência. Durante a apresentação da equipe acabamos entrando numa discussão sobre os bugreiros e sobre a colonização de Atalanta pelos descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses.

É necessário inquietar-se com uma exposição, debater sobre as memórias e os personagens que ela invisibiliza ou minoriza para que as janelas possam ser abertas e o que ele não conta, por vezes esconde, seja visibilizado. Mário Chagas (2003, p. 165) evidencia que a “preservação participa de um jogo permanente com a destruição, um jogo que se assemelha, totalmente, ao da memória com o esquecimento”. É sabido por todos que a preservação é artimanha para garantir a sobrevivência da memória, portanto da identidade, quando a primeira falha a segunda se esvai, aí o esquecimento faz seu papel. A preservação é, ao mesmo tempo,

estratégia que garante a sobrevivência de umas em decorrência do apagamento de outras memórias.

A serra braço, espécie de serrote usado no processo de derrubada das árvores usadas para a construção de casas, ranchos e pontes, ou para a limpeza do terreno para a prática da agricultura, alimenta a curiosidade dos alunos. Boa parte deles conhece um serrote, mas não uma serra braço, da mesma forma não concebem o corte de uma árvore sem o uso do motosserra. Poucos conhecem árvores com tão grande diâmetro para ser cortada com uma serra que tenha em torno de 1,5 m. Por que escolher falar da serra se não a conhece? Ou se não ouve histórias sobre seu uso? A resposta do aluno foi: "Nós estávamos no mato tirando lenha, com motosserra, com trator para puxar a árvore pra cima, imagina, professora, como era difícil a vida dessa gente? A gente vê as fotos de antigamente com aquelas madeiras grossas pra caramba, olha aquelas casas de madeira, tudo plainadinho, imagina quanto era difícil". A resposta tem um misto de curiosidade e de reflexão. O que os levou a ler e pesquisar o uso da serra braço são os desafios do tempo presente.

A equipe que escolheu falar sobre a serra braço, foi provocada a refletir sobre o uso da madeira no cotidiano do aluno, bem como os desafios encontrados na construção de casas e ranchos, no passado e no presente. Compararam materiais usados, identificaram dificuldades e discutiram sobre os cuidados com o meio ambiente.

A serra que derrubou árvores e construiu casas: a serra braço.

Já se sabe que antigamente eram usadas ferramentas manuais que ajudavam no trabalho mas são menos eficientes que hoje em dia, em questão de tempo e esforço.

Agora usamos da plaina, a maquita, o motosserra, furadeira, mas antigamente era um grande feito a descoberta da serra braço, ou a serra de duas pessoas, que era usada para árvores de porte maior. Na verdade, quando precisamos de uma tábua vamos na madeireira e compramos. Em alguns casos a serraria móvel vem até na nossa casa e serra as toras, faz o que for preciso de madeira.

A árvore era cortada horizontalmente em pranchas de 20 e 25 cm, a serra continuava na árvore e o machado era colocado no lugar cortado pela serra. Foi colocado pressão para baixo, com o machado, facilitando o corte da árvore com a serra. Essas madeiras eram usadas para fazer casas, ranchos e pontes. Nas casas antigas encontramos essas pranchas. Agora as casas usam pouca madeira, a maioria delas são feitas de ferro e tijolos, usa a madeira de caixaria e algumas usam madeira para encaixar e ripar, mas nem todas. Os ranchos novos também estão usando menos madeira e quando usam é eucalipto ou pinus. E as pontes? Só as pontes pequenas, pontes de roça, são feitas de madeira por aqui, as grandes são feitas com vigas de ferro e cimento. É muito difícil ver

casas novas feitas de madeira.

Se a árvore for reta será mais demorado, mas se a árvore for torta será mais fácil o corte, pois em alguns minutos o peso irá pender para o lado e provavelmente irá rachar na queda, não importando o estilo das árvores. Hoje também é preciso cuidar pra não rachar, mas o corte é feito com o motoserra, que faz tudo mais ligeiro e depois puxada com o trator.

Antigamente qualquer árvore era cortada, hoje não pode. Normalmente as pessoas plantam eucalipto para poder usar quando precisam de tábuas. Isso é bom porque tem algumas árvores que estão em extinção porque foram exploradas demais.

T. B, I. C, V.J. e R..S.

No texto dos meninos conseguimos perceber que conseguem identificar as mudanças no modo de trabalhar com a madeira, identificando permanências e rupturas, mostrando preocupações com o meio ambiente, “Isso é bom porque tem algumas árvores que estão em extinção porque foram exploradas demais”. Os meninos desta equipe são filhos de agricultores ou pedreiro.

Discutir o uso da serra braço é discutir o uso e manuseio de madeira. Quando apresentaram para turma a pesquisa, deixaram claro que a madeira hoje é usada em construções ou no processo de secagem de tabaco, atividade com a qual os alunos estão familiarizados.

Sobre o engenho de farinha de mandioca, que está por trás da engrenagem do engenho que pertenceu ao senhor Anselmo Pezenti, as alunas envolvidas com a pesquisa entregaram sua análise em outro dia porque K.P. “queria entrevistar a vizinha antes de entregar, professora” a dita vizinha tem ligação direta com o engenho em análise.

Muito mais que uma engrenagem, uma necessidade para a sobrevivência.

A engrenagem que tem no museu é do antigo engenho do seu Anselmo, na comunidade de Ribeirão Matilde. A construção ainda está lá, em pé. O antigo engenho de farinha, a atafona e a serraria, ficam localizadas na estrada principal, no caminho de Ituporanga. Nos dias atuais não está mais sendo produzido, pois está passando por uma reforma.

Toda essa história veio do suor da família Pezenti que mora na comunidade. Junto no engenho também funcionava a atafona e uma madeireira, hoje somente a estrutura existe e foram paradas há muito tempo. Lá eles também produziam óleo de sassafrás, hoje ameaçada de extinção.

O senhor João Pezenti foi quem fez tudo, ele veio de Lages, da Campina. Ele construiu o

engenho, em seguida foi buscar sua família para começar a produção. O primeiro engenho de farinha foi construído no ano de 1937 perto da cachoeira de baixo. Antigamente ele era construído na gruta e logo depois foi construído onde está até hoje⁵². No ano de 1960 o engenho pegou fogo, então foi construído um novo, agora na cachoeira de cima, mais perto da estrada geral.

A mandioca vinha até o engenho de carro de boi independente se fazia sol ou chuva a produção não podia parar. Em seguida a mandioca era lavada e passava em uma espécie de raspadora, logo em seguida era triturada, levada para uma prensa e depois levada para o forno onde a massa era secada.

Lá também tinha uma fábrica de óleo de sassafrás, mas poucas informações sobre ela conseguimos. A fábrica de óleo de sassafrás acontecia na serraria, tinha também uma fábrica de laticínios e um açougue, além da atafona. A produção só foi parada quando o seu João ficou doente e alguns anos depois faleceu. Os filhos permaneceram na agricultura.

Essa pedra que fazia a moagem trabalhou por mais de 87 anos. Esse engenho era movido por uma turbina movimentada pela água e o motor estacionário a diesel, quando tinha pouca água ele movia o engenho. Esse motor hoje alguém guardou em casa.

Entrevista:

Entrevistada: Sandra Pezenti Steinheuser, neta do João.

Como funcionava o engenho de farinha?

O primeiro passo era arrancar a mandioca, com o carro de boi ou carroça era levado até o engenho. Depois era passada a mandioca no raspador para tirar a casca e o barro. O terceiro passo, depois de raspar a mandioca era empurrada para o cevador, daí era cevada (ralada) e colocada na prensa. Daí era tirada e esfarelada, a massa ia para o forno com média de temperatura de 160°. O forno era um tacho, não um forno. O quarto passo era colocar a massa dentro do forno e ligar o mexedor, deixava duas horas a mais para sair a farinha e também o farinhão para tratar os animais. No forno também dava para fazer o biju e o polvilho.

Como fazer polvilho?

Tinha que ter um tanque grande, de uns 5 m. Colocava um pano para coar e a massa era colocada de balão. Aí enchia e deixava até no outro dia para tirar a massa, e já tirava o polvilho. Depois tirava a água e o polvilho e colocava as toalhas no sol para secar. Com o polvilho era feita a rosca, docinho.

K.P., M. V., L.H.

A entrevista citada acima foi realizada por uma das alunas que escolheu “conversar com a vizinha que sabe mais”. A fala da aluna nos mostra que “urge inventar outras maneiras

⁵² Na propriedade onde foi construído o primeiro engenho e o atual existem duas cachoeiras.

de interpretar os objetos, já que o saber histórico não pode subtrair as discussões sobre as especificidades dos vestígios do pretérito, nem descuidar da reflexão sobre os modos de fazer contatos entre o passado e o presente" (RAMOS, 2004, p.113). Buscar auxílio da vizinha evidencia que relações afetivas estão imbricadas nas escolhas por ela realizadas. A apresentação deste trabalho foi muito interessante. As alunas escolheram falar da engrenagem do engenho da comunidade onde moram, reforçando que a escolha não foi ao acaso. Além disso, MV, embora não tenha relação direta com a família Pezenti, tem em casa alguns motores que fizeram parte do engenho e seu pai ajudou no processo de reforma "porque conhece e gosta daquele lugar". A outra adolescente, KP, escolheu refletir sobre o engenho por razões afetivas. Também não possui ligação direta com o engenho, visitou algumas vezes, porém quis homenagear a vizinha, "pensei, ela tem muita coisa pra me contar, foi do avô dela". Novamente a escolha da aula foi movida por fatores afetivos, além do comprometimento com o trabalho da disciplina de história, o cuidado e a curiosidade.

A Fecularia dos Groppe, representada tanto pelas construções do PNMMA quanto por algumas fotografias que compõem a exposição, considerado o empreendimento que por muito tempo foi a principal fonte de renda do município, não recebeu muita atenção dos alunos. Percebi que se sentem distantes daquelas construções, não reconhecem a Fecularia dos Groppe. Enxergam as construções, brincam com a torre que pertenceu à serraria, brincam no gramado e nos balanços que o parque oferece, visitam o museu, porém tem dificuldades em reconhecer a Fecularia.

Aquilo era uma fecularia?

Meu pai conta que brincava na fecularia quando era criança. O avô levava aipim para vender e ele brincava por ali.

A gente sabe que foi muito importante para o desenvolvimento da cidade, que alguns dizem que ali deveria ser o centro da cidade.

Imaginamos que deve ter sido muito difícil construir aquilo tudo, você imagina que foi necessário canalizar água, era muito pesado.

Alguma gente deve ter caído no precipício que tem do lado.

S. J. I.C, S.K.

Aqui um grande desafio colocou-se à nossa frente. Os adolescentes não conseguiram atribuir o mesmo significado que outros àquele espaço da fecularia, pois tiveram grandes dificuldades em conseguir informações para contar a história e a importância daquela construção para o desenvolvimento econômico do município. A dificuldade dos alunos em falar sobre a Fecularia dos Groppe se justifica, pois, a maioria deles não conhece alguém que

de uma forma ou outra esteve vinculado a ela. Além disso, estão distantes, no tempo, de ver ou ouvir sobre aquele empreendimento em funcionamento. Isso mostra que os objetos adquirem valor ou perdem conforme o tempo passa.

O próximo artefato em investigação foi o lampião, assim como a fecularia, ele não está próximo dos alunos no tempo de uso, porém é mais presente em suas vidas, seja porque é objeto de decoração, seja porque é imagem frequente nas telas que assistem.

Aumentar o tempo de luz para rezar ou trabalhar.

Na época que não havia energia elétrica era usado o lampião, alguns usavam lamparina. Nós, se falta energia elétrica usamos velas. Ambos são perigosos.

Minha avó conta que ela lembra dos adultos indo na casa dos outros pra ficar conversando, contando causos, isso porque podiam carregar o lampião de um lado para o outro, ou iam dormir cedo pela falta de iluminação. Ela conta também que ficaram muitas noites no rancho amarrando fumo, porque tinha a luz do lampião. Era uma luzinha bem fraquinha, mas dava pra trabalhar de noite, isso era bom.

Eles tinham novena de natal e de páscoa e com o lampião dava de receber as pessoas em casa para rezar e se preparar para as festas.

Ela conta também das novenas que ia visita em casa e tinha luz do lampião.

Não era difícil acontecer um incêndio numa casa quando não tinha energia ainda. As casas eram de madeira, as camas de palha, era um descuido e pegava fogo. Os lampiões eram abastecidos por querosene ou gordura animal.

Quando a minha mãe era criança chegou a energia elétrica, nem faz tanto tempo, ela tem quarenta anos. Já pensou tomar banho gelado ou ficar sem internet, professora?

Minha mãe conta que faltava muita energia quando ela era menina, que apesar do medo que ela e meus tios tinham eles adoravam quando acontecia, porque aí meu avô acendia o liquinho e eles ficavam ao redor do fogão a lenha ouvindo histórias sobre bruxas, lobisomem coisas que diziam que viam na noite escura.

Lá na vó tem um lampião velho guardado ainda.

M.N, D.A, RM

Nesta narrativa as alunas fizeram um paralelo entre quando minha avó era menina e o tempo em que vivem, refletiram sobre os desafios da vida sem o conforto que a maioria tem. O uso do lampião não só ampliou o tempo do trabalho como também da sociabilidade. As novenas, representação da religiosidade, mostram que o uso do lampião permitiu encontros. Aos poucos, com o acendimento das luzes, com o clarear das noites, os dias vão ficando mais longos, a vida noturna ganha cor. Esses “arranjos da memória, da afetividade que compõe o ato de lembrar aquilo que não vivemos, mas que de alguma forma mexe com nosso “estar no mundo”.(RAMOS, 2004, p. 82).

Sobre a prensa de torresmo e o dia de carneação a equipe buscou informações em sua memória, além de observar seu cotidiano. Juntaram-se meninos filhos de agricultores ou com vínculos com a criação de gado ou porcos para seu cotidiano. Problematizar a prensa de

torresmo é tensionar as relações de trabalho estabelecidas nestes dias, é investigar as diferenças entre o modo de fazer e de viver de diferentes tempos. É oportunidade de levar os adolescentes a perceberem os desafios e dificuldades da vida sem energia elétrica. Levá-los a perceber que há aspectos positivos e negativos na falta de energia e que os modos de fazer e viver eram diferentes.

Celebrar e reunir, o dia da carneação de porcos.

O dia de carnear porco começa no dia anterior. A mãe, ou os meninos, arrumam o tacho, enchem de água, já deixam a lenha pronta para fazer a fogueira. Se tiver tempo, arrumam as mesas que vão usar para escaldar e pelar o porco, e a outra para cortar a banha.

No outro dia cedo, bem cedinho, antes de tirar leite alguém faz o fogo debaixo do tacho, enquanto tratam os outros animais a água ferve. O porco que vai ser carneado, normalmente, estava preso no chiqueiro. Porco gordo. Não pode ser cachaço, sem castrar se não estraga a carne.

Quem sacrificava o porco eram os homens. As crianças não podiam ver matar, isso fazia demorar pra morrer. A mulher só podia ajudar se não tivesse outros homens. Elas têm dó, não pode.

Os adultos ajudavam a pelar o porco. Alguém pegava a água do tacho e espalhava no porco enquanto outros raspavam. Depois as mulheres ajudavam a lavar e raspar os pelos que não tinham saído com a água quente.

Na hora de abrir quem tava por ali ajudava. Quem sangrou, faz a abertura pra tirar os órgãos internos. Tem que ir abrindo com cuidado. Tem que colocar o que não vai ser comida numa caixa pra jogar no mato ou para dar aos cachorros.

As mulheres tiravam o toucinho e tiravam a banha, alguma criança cuidava do tacho com banha. Tem que mexer pra não queimar no fundo. Se queriam pele pro feijão, tem que tirar da banha.

É muito legal esse dia. Os adultos tomam caipira pra rebater o cheiro da gordura. É dia de muita gordura. Sempre aparece alguém para “ajudar”.

Quando já dá pra tirar carne e colocar assar, logo vem as crianças, chegam as visitas. Depois que acabava todo o processo de carnear, limpar, cortar a carne e guardar, era a hora de tirar o torresmo. Tem que ser quem sabe fazer, saber cuidar da banha, deixar no ponto. Outro dia a menina mexeu a banha, daí ferveu, não pode. Tem que ter cuidado.

Qdo o torresmo tá pronto é só tirar, colocar na prensa. Vai colocando com calma, salgando, não pode exagerar. Espremer. Se quiser mais soltinho é só não apertar tanto.

Tem vezes que faz chimia de torresmo. É só moer ele e temperar.

Enquanto a banha frita, as mulheres estão fazendo a morcilha. Tem que colocar os miúdos cozinharem, um pouco de gordura. Alguém vai ao rio lavar as tripas para encher depois. Tem gente que gosta de morcela com sangue, eu não. Depois de tudo cozido e bem limpinho é hora de moer tudo, misturar com tempero verde, alho e sal, cozinhar mais um pouco e depois encher a tripa.

A gente carneia porco quando precisa ou quando é tempo de festas, daí ganha muita visita, tem que ter carne. É um dia cansativo, mas é tão bom. Além de ter carne nova, tem as visitas que vem ajudar. Sempre tem um que leva um presentinho embora.

Antigamente, quando não tinha energia a carne era colocada em tambores de barro, normalmente no porão. Misturava a carne com banha. Cortava antes de guardar, para cortar a carne usava-se a faca e o machado

É sempre uma festa o dia de carneação, a família se reúne. Pena que poucas pessoas fazem isso hoje em dia.

W.S, P.P., P.K.

Ao final da apresentação desta equipe, alguém comentou “como eles separavam o trabalho do homem do trabalho da mulher”, uma discussão sobre relações de trabalho e gênero

foi estabelecida. A fala da aluna, remete a Meneses (1998), quando discute que os objetos de um museu servem como “vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõem, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático” (MENESES, 1998).

Na sequência discutimos sobre o ferro de passar roupas aquecido por brasa, que poderia ser relacionado a todos os outros artefatos que têm alguma relação com o que erroneamente é chamado de trabalho feminino. A equipe que investigou as histórias sobre o ferro de passar roupas, preferiu chamar a ele e os demais artefatos de “trabalho de casa”.

O ferro de passar roupas se apresenta como um objeto biográfico, “uma testemunha significativa da vida de alguém e, no espaço do museu, pode assumir os mais variados sentidos” (RAMOS, 2004, p. 114). Sentidos que são acionados pelas funções de um museu, a saber a fruição estética, o deleite afetivo, a busca de informações e a oportunidade e devaneio (MENESES). Quando estamos num museu examinamos e investigamos sua exposição, nossos sentidos atentam para o que ali acontece, engatilhando as memórias relacionadas aos artefatos que compõem o acervo, a subjetividade que transpassa a relação objeto sujeito funciona como suporte de memória e de identidade. Busca-se informações no museu, tanto para a educação quanto para a formação. Meneses continua:

O museu é ainda lugar e oportunidade de devaneio, de sonho, de evasão, do imaginário, que são funções psíquicas extremamente importantes para prover equilíbrios, liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro e assim por diante. (MENESES, 2002, p. 19).

Quanto é possível conjecturar a partir do ferro de passar roupas que está no museu e agora provoca a memória de alunos e seus familiares?

O ferro que passava roupas e sonhos.

O ferro de passar roupas aquecido por brasa foi usado por muito tempo. Antes de chegar a energia elétrica ele era usado. Era um ferro muito pesado, era necessário muito cuidado para passar as roupas.

A mãe da minha avó passava todo tipo de roupas, até os panos de pratos. A avó conta que era muito difícil passar essas roupas. Era preciso passar todas as vezes que lavava roupas. A roupa demorava para secar, ficava com marca do varal, então a gente passava para ficar mais bonitinha. Se queimasse a roupa ela ficava feia, era preciso coser, fazer um bordadinho onde tinha estragado a roupa.

Não podia sair de casa se a roupa não estivesse bem passada. O que iriam pensar sobre a mulher, a mãe, daquela casa “que mulher relaxada”. Quem ia querer casar com a moça de uma casa que não tivesse roupas bem passada?

Ainda bem que hoje em dia existem tecidos que não precisam ser passados e que os ferros de passar são bem mais leves. O museu bem que poderia ter uma máquina de lavar roupas.

AJ, LH, MC

Além de mostrar diferenças no modo de fazer, as alunas trouxeram informações que mostram as diferenças no modo de viver “hoje temos tecidos que não precisam ser passados”. Mostra ainda que as relações de gênero eram bem demarcadas, mascarando dificuldades que o cotidiano apresentava. “Professora, que absurdo, ter que ter a roupa bem passada era sinônimo de boa esposa”. A indignação da mulher em construção, uma adolescente de 12 ou 13 anos, mostra as mudanças nas práticas sociais e culturais do presente em relação ao passado. Não fica difícil perceber que o ferro de passar roupas aquecido por brasas é um portador de ensino, a partir dele inúmeras aulas podem ser tecidas, passando pelas relações de gênero e pela manutenção dele. As informações sobre o ferro de passar roupas nos mostra que o significado do objeto é dado por aqueles que o usam.

As memórias descritas estão carregadas de sentimentos. Meneses (2018) reforça que

O museu (sempre se soube) tem entre suas principais aptidões a de articular o cognitivo ao afetivo, o que aumenta exponencialmente a eficácia de sua atuação. Afeto e emoção são palavras que participam do mesmo campo semântico, associado a movimento. Portando o museu tem o condão não apenas de dar a conhecer, informar, educar etc., mas de mover os indivíduos, tocá-los, empurrá-los. (MENESES, 2018, p. 7)

Sobre as louças de porcelana que carregam nas suas marcas de uso o trabalho da casa e por consequência o feminino, essas louças parecem ter pouco valor pelo seu uso prático, tendo mais valor afetivo. temos os seguintes relatos:

Não é só uma xícara, é uma herança de família.

Aluna A: Quando minha avó falecer, as louças de porcelana dela serão dadas para minha mãe e depois para mim. A avó ganhou do avô a louça. Um dia ela tava bem triste e ele pra agradar ela foi à cidade grande comprar. Trouxe de presente uma coisa que ela queria muito e não tinha, foi a louça de porcelana. Ela usou poucas vezes.

Aluna B: A minha avó tem as louças que ganhou como presente de casamento, ela tem também as louças que eram da mãe dela. São heranças de família, ficam numa cristaleira, onde a gente só olha.

Elas nunca tiveram empregada ou alguém para ajudar em casa, só as filhas, então a louça quem cuidava era a avó e as filhas. Mas não usava qualquer dia, só quando recebia visita importante. Um dia foi o prefeito, daí a avó montou a mesa bem chique.

Aluna C: Conversei com a mãe, ela tem louças que foram da avó dela. Ela deu pra minha avó, que deu para minha mãe, que vai me dar. A avó dela ganhou de presente de casamento. Ela tinha o maior cuidado com as louças dela. As mais bonitas ela só usava quando recebia visita especial. Ela contava de umas moças que fugiram, não casaram, então não ganharam a louça de presente.

E.M, A.J, G.E.

As histórias referentes às louças apresentam “as marcas da passagem do tempo, a degradação física, as lacunas fundamentam o critério maior de valor do objeto antigo, imediatamente - sensorialmente- perceptível” (MENESES, 1998). Observar as louças é possibilidade para perceber a passagem do tempo que se mostra tanto na tinta gasta, quanto na marca do café que fica no fundo da xícara.

Sobre a cadeira do dentista, as histórias falavam de dor, de sofrimento, de medo. Embora tragam o protagonismo do homem, deixam nas entrelinhas a importância da mulher, não como sua esposa, mas como aquela que acolheu, amparou os pacientes e organizou a agenda. As alunas conversaram com seus familiares para realizar a pesquisa, uma delas conversou com a neta do dentista em questão. Organizaram o seguinte texto.

Cadeira do dentista, entre a dor e o amor.

Memórias de uma neta:

Meu avô era dentista prático. O que sabia aprendeu exercendo a profissão. Mudou-se para Atalanta para ser dentista aqui, veio lá por 1960. Quando se mudou tinha algum conhecimento como dentista. Trabalhou até 2003 quando faleceu. 09.07.2003.

Era uma pessoa muito boa, ajudava todo mundo. Não tinha dia nem hora para atender quem sentisse dor.

É claro que as pessoas sentiam muita dor quando vinham ao dentista, elas o procuravam quando já estavam com os dentes estragados, inflamados. Muitas vezes a gengiva toda estava inflamada, e ele errava o dente que deveria ser arrancado. Mas a culpa não era dele, as pessoas vinham poucas vezes no dentista, só quando não tinha mais o que fazer. Muitos preferiam arrancar tudo e colocar dentadura. Era comum naquela época quando um dente começava a estragar, já arrancavam todos os outros e colocavam dentadura. Muita gente é grata a ele por ter cuidado da dentição.

Seu Alcides não implantava dentes, ele colocava o pivô no lugar do dente que achava que não tinha mais recurso, ele fazia chapa se fosse necessário, as vezes as famílias achavam melhor arrancar todos os dentes e colocar chapa, era mais barato que colocar um pivô ou outro quando precisasse

O cliente chegava ali com dor, ele sempre atendia. Muitos ainda hoje tem dentes arrumados por ele. Quem fazia as compras para repor o estoque dos produtos usados por ele era a sua esposa, dona Norma.

Os filhos trabalhavam ou na roça ou na olaria. Além de dentista, tinha a olaria e fazia roça. A renda como dentista era pequena, precisava complementar. Seu Alcides era uma pessoa muito comprometida com seus trabalhos, além de dentista, administrava a olaria, onde era conhecido como fabriqueiro de tijolos e telhas da maior qualidade da região. Pessoa muito honesta, era um homem de bom coração. Após a sua morte a olaria deixou de funcionar, os filhos não queriam aquela vida.

Doar para o museu a cadeira foi uma decisão da família para que fique eternizado na história do município, porque ele tinha muito amor por Atalanta e pela profissão dele.

Memórias de um paciente:

Era uma cadeira de ferro, pintada de verde, com assento de couro. Eu tremia só de pensar nela. A broca tinha um barulho muito alto, eu tinha muito medo. Tinha um local para cuspir, não tinha sugador como tem nos dentistas de hoje.

Ele prendia um babador no pescoço e começava a trabalhar. Aquela cadeira me traz pessíssimas recordações, acho que ainda tenho medo de ir ao dentista por causa dela.

Trabalhava conforme ia chegando seus pacientes e não tinha nem hora marcada nem dia para atender, todo dia era dia. Os pacientes chamavam a qualquer horário.

Sua esposa, dona Norma, era sua auxiliar no consultório de dentista. Ela era muito querida, sempre tinha um copinho de água para a gente lavar a boca.

Hoje há muitos recursos para não arrancar um dente, com seu Alcides era muito prático, arrancava o dente com seu conhecimento, olhava e se aquele era o dente inflamado, arrancava, se não era, tinha arrancado mesmo assim. Parece que ele gostava de arrancar todos os dentes das pessoas.

A cadeira era muito desconfortável, mas o mais aterrorizante era o barulho que a broca fazia. O consultório do dentista era na parte da frente de sua casa, sua esposa podia fazer o almoço e ajudar no consultório nas horas que necessitava.

P.K, R.F, H.A.

Ao ler o texto conseguimos perceber que o mesmo artefato, a cadeira e o dentista, tem duas interpretações diferentes. Enquanto a neta enfatiza que o avô tinha cuidado com todos os que o procuravam, tentando garantir qualidade de vida aos pacientes, o paciente enfatiza que

o objetivo dele era arrancar todos os dentes e ganhar dinheiro. A neta ainda esclarece: "É claro que as pessoas sentiam muita dor quando vinham ao dentista, elas o procuravam quando já estavam com os dentes estragados, inflamados". Podemos estabelecer discussões sobre cuidados de higiene entre os pacientes de seu Alcides. Associado aos cuidados de higiene, está a situação econômica dos seus pacientes. Seriam tão carentes a ponto de não conseguir comprar creme dental e escova, ou moravam tão longe dos lugares que ofereciam estes produtos para compra? Ou não seria um hábito da época?

"Doar a cadeira para o museu foi uma decisão da família para que fique eternizado na história do município", a fala da neta caracteriza o museu como "um espaço com certa aura de sagrado [...] o museu servia para guardar e expor objetos de poucos, "figuras ilustres", "raridades" [...] Escolas e museus eram templos onde se transmitiam saberes e se admiravam objetos" (GIL, ALMEIDA, 2012, p.76). Carmen Gil e Dóris Almeida ressaltam que assim como a escola foi por muito tempo o lugar de alguns poucos, o museu foi compreendido como um lugar para expor aqueles que se destacam entre muitos outros, aqui percebemos a intenção da família de resguardar a memória do senhor Alcides. As alunas envolvidas com a pesquisa ainda questionaram: se ele e a esposa trabalhavam juntos, por que ela não é citada no museu?

Além da inquietação sobre quem deve ser eternizado, o artefato em questão aciona memórias nos estudantes que direcionaram seus interesses. Memórias que por sua vez são de alegrias ou de dores. Mas, professora, os adolescentes que lá estavam tem memórias diferentes em relação à cadeira do dentista, por exemplo. É bem verdade que aqueles adolescentes não conheceram o senhor Alcides (falecido em 2003), porém cresceram ouvindo quem os rodeiam contar histórias, na maioria das vezes de dor, sobre os métodos dos dentistas práticos. Algum aluno ainda disse "escuto meu pai falando das histórias do dentista, às vezes quando não quero escovar os dentes ele diz: se tivesse que ir no seu Alcides só uma vez, aprendia a cuidar dos dentes", outro emenda dizendo que "na família da minha vó, falta um dente na boca de todo mundo. Tinha um dente doente, o dentista arrancava o dente do lado, ele não tinha certeza de qual era o dente doente". Para encerrar esta conversa sem maiores prejuízos ao profissional em questão, outra aluna, vinda de outro Estado complementou: "mas não era só aqui não, lá no Pará também tem isso". Sua fala inocente denuncia um período da história brasileira no qual hábitos de higiene e cuidado não eram tão comuns.

Sobre o ofício do professor e sobre as escolas multisseriadas que existiram no município, formou-se uma equipe composta por filhas e netas de professoras. As meninas se preocuparam com a quantidade de escolas multisseriadas e como acontecia a rotina diária nestas escolas.

As muitas escolas de Atalanta

Aluna 1: Em nosso município já houveram 15 escolas, as escolinhas multisseriadas. Em cada comunidade tinha uma escola. As duas maiores eram a do Ribeirão Matilde e a da Dona Luiza. Algumas tinham o jardim de infância ao lado.

Nessas escolas, os alunos ajudavam a cuidar do pátio, fazer merenda, limpar a escola e a horta escolar. As carteiras eram de madeira, sentavam em dupla. Meu pai lembra que a professora usava esmalte vermelho, ela puxava na orelha, alguns levavam reguada, tinha que ajoelhar no milho ou na tampinha de garrafa. Isso era pra quem não se comportava. Todo mundo ajudava. Eles rezavam sempre no início da aula. Tinha dia da semana que cantava o Hino Nacional.

Eles não tinham mochilas como temos hoje, alguns usavam uma bolsa de pano, outros o pacote de arroz. Iam para a escola a pé, ou de cavalo, quem era melhor de vida tinha bicicleta. Nem todos tinham um par de tênis para ir a pé pelos pastos nos dias de geada. As meninas logo deixavam a escola porque tinham que ajudar em casa, as mães adoeciam muito facilmente. Com 15 ou 16 anos já estavam casadas e tinham que aprender a ser dona de casa, os meninos ajudavam na roça, então estudar era privilégio de poucos. Para fazer a oitava série ou o segundo grau tinha que sair de casa, porque só tinha essas séries no colégio do centro da cidade. Era muito difícil.

Ir para a escola era bom, porque naquele dia não precisava trabalhar tanto. Meu pai repete que a matemática deles era mais forte e deve ser verdade porque ele faz cálculo mental no mercado e os mais novos não. Se não fizesse o que a professora mandava, ou desobedecesse era punido com reguada na mão, puxões de orelha. Aí de quem desobedecesse a professora.

Havia o quadro de giz e acima dele tinha uma cruz, um crucifixo. Na carteira tinha um espaço para colocar o lápis, senão ele ficava caindo da mesa. Era uma carteira de madeira, marrom escuro, ela tinha um friso em cima para colocar os lápis. O lugar de sentar, o assento, era grudado na carteira.

No primeiro e no segundo ano tinha que aprender matemática e língua portuguesa. No terceiro e no quarto aprendia história, geografia e ciências. Antigamente cada aluno tinha a sua lousa onde escrevia, depois quando sabiam desenhar bem as letras, quando tinha boa caligrafia é que escreviam no caderno. A minha tia tem 45 anos, no tempo dela já aprendeu a escrever no caderno, aprendeu em cursiva. A professora pegava na mão e ensinava a desenhar a letra.

Aluna 2: Minha vó conta, professora, que quando ela começou a trabalhar como professora, foi porque o prefeito foi lá em casa e conversou com o pai dela. Ela cuidava do jardim de infância, era só cuidar das crianças para o pai e a mãe ir pra roça. Ela podia bater se fosse preciso, não é como hoje que não pode nem pensar em encostar. No jardim de infância, tinha crianças de toda idade, e os irmãos mais velhos que levavam os pequenos e ficavam lá esperando, daí ajudavam a professora.

A outra sofreu menos pra ser professora, as irmãs já eram dai ela foi meio que de arrasto. Não teve escolha.

C.P., M.E., E.S.

As alunas que organizaram esta pesquisa conversaram com seus avós e seus pais, pelas redes sociais, ainda durante a aula. Conseguiram perceber permanências e mudanças na educação e na relação com a escola. Ao dizerem que “meu pai não gostava da escola porque a professora dele era muito brava, ela puxava a orelha. Ele fala que sentavam em carteira de madeira, tipo banco”, ou que “a bolsa era de sacolinha de arroz” ou “a minha mãe ajudava a professora a fazer a comida do recreio”, ou que “meu pai morava perto da escola, então depois do horário e nos finais de semana ele ajudava a cuidar do jardim e da horta”, evidenciam que

os artefatos expostos são guardadores de memórias e com elas emoções e sensações, às vezes agradáveis, outras nem tanto, mostrando que é impossível sair do museu sem ser afetado por ele.

Da mesma maneira é impossível recriar os ritmos da vida num museu pois ela é dinâmica, inquieta, como diz o filósofo Heráclito, “tudo flui e nada permanece”, ainda assim ele é tão somente representação da vida, do mundo e das coisas.

E é por isso mesmo que podem existir armas nos museus, porque elas não estão lá para defesa ou ataque. Caso contrário, a polícia as consideraria como arsenais. [...]. no museu o telefone e relógio não se definem mais pelo seu uso de valor, não mais são artefatos que permitem a comunicação a distância ou a marcação do tempo: são artefatos (documentos) que informam sobre tais artefatos utilitários (MENESES, 2010, p. 23)

Mesmo sendo um local que contém representações da vida, portanto impossível que seja recriada na sua totalidade e dinamicidade, o museu “deve organizar-se de maneira a mostrar a sociedade como organismo vivo, sujeito a mudanças” (MENESES, 1992, p.7). A vida se transforma a todo instante, um museu histórico deve mostrar-se como resultado da ação humana, capaz de gerar e transformar. Indagar a exposição do museu é uma das inúmeras estratégias para identificar as mudanças de uma sociedade, bem como as permanências.

Sem dúvidas enxergar no MHMWK rastros do passado que foram monumentalizados e tensioná-los é uma interessante estratégia a ser usada no Ensino de História. Ao direcionar as questões que, por sua vez, guiarão o olhar dos alunos para perceber as diferentes nuances da história local. Ao ter contato com a exposição do museu o interlocutor/observador inconscientemente ativa sua capacidade de rememoração, reforçando sua identidade, visto que o “museu dispõe de condições eficazes para aprofundar esse trânsito que pode existir entre o eu e o mundo fora de mim” (MENESES, 2002, p.18).

A proposta foi desenvolvida em três aulas. Na primeira, organizei as equipes para que fizessem a leitura dos textos de apoio que ofereci. Enquanto discutiam o texto e respondiam as questões provocativas que deixei ao final deles. Questões que tinham como intenção que os alunos observassem seu cotidiano e, por consequência, a história local. Alguns conseguiram conversar com seus familiares durante a aula, outros levaram as questões para responder em casa. Enquanto visitava os grupos percebi que discutiam entre si respondendo algumas questões, mostrando que os modos de fazer sofreram poucas mudanças, evidenciando a transversalidade do tempo (MENESES, 2018). Organizaram textos que entregaram a mim após a apresentação para a turma. Foram duas aulas para que as pesquisas fossem socializadas

e comentadas. Após a apresentação de cada equipe conversávamos sobre as diferenças entre o tempo passado e o presente.

Os alunos solicitaram uma visita ao museu “pra gente poder ver os objetos, professora”, porém não foi possível naquele momento. Confirmei com esta atividade quanto é proveitosa a relação entre o Ensino de História e o museu, quanto ela pode contribuir para conhecer as nuances da história local e por intermédio dela compreender comportamentos dos alunos, por exemplo, os hábitos alimentares, poucos entre aqueles que participam da carneação de porcos ou do gado, oferecem resistência a se alimentar das vísceras dos animais, ao contrário dos alunos que não participam deste processo, que se negam a se alimentar delas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Contar a história de Atalanta, ou explorar uma versão dela, tendo como lugar de investigação a sala de aula, mais precisamente o Ensino de História, sem dúvidas foi uma obra ímpar na minha experiência profissional. O que tornou esta obra tão especial, foi a relação estabelecida entre o local onde acontece e seu objeto de análise, a saber, o acervo do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”. Por intermédio dos artefatos expostos no museu, ao longo dos dois anos de pesquisa, conseguimos descortinar versões diferentes da história de Atalanta que, ao mesmo tempo que são específicas deste lugar, podem ser constatadas em outros lugares.

Foram três longos anos de caminhada para chegar ao final desta pesquisa. Um ano de longas viagens (2019) e muitos projetos, além de algumas experiências exploratórias para identificar as possibilidades de relacionar o Ensino de História com o museu. Outro ano que nasceu cheio de expectativas e terminou cheio de frustrações, porém com algum resultado (2020), e o último, que ao mesmo tempo que carregava as expectativas não cumpridas do anterior, trazia também o anseio pelo desenrolar desta pesquisa. Foram vários desafios que surgiram ao longo da pesquisa, cada desafio trouxe uma evidência de que minha proposta estava correta e deveria ser finalizada. Antes de tudo aprendi a ter paciência e a perceber que as relações de ensino e aprendizagem são muito mais eficazes quando professores e alunos se encontram no chão da escola. O ano de 2020 nos mostrou que aquele é o lugar por excelência para aprender e ensinar, mas não é o único, mesmo distante, o museu se mostrou como importante recurso para manter vínculos com os alunos. Em 2021, pude perceber com mais clareza que o acervo do museu se tornou um conjunto de objetos, de fontes, para discutir, tensionar e indagar a história local.

A relação museu e Ensino de História se mostrou como uma oportunidade para refletir sobre a exposição, desconstruir o olhar e colocar luz ao que não está no campo de visão, para as histórias que por vezes estão apagadas, ou são ressignificadas. Ter o museu enquanto objeto de ensino é estratégia para reajustar o retrovisor e enxergar os meandros existentes entre a exposição e as interrogações que ela suscita ou camufla, para tanto, é preciso que as atividades coordenadas entre o Ensino de História e o museu sejam estabelecidas com o intuito de promover a reflexão sobre os objetos musealizados e as múltiplas memórias que eles ativam cada vez que são observados, para desta forma impulsionar a promoção do conhecimento, bem como a reflexão acerca da relação entre o passado e o presente, percebendo que “sem reflexão sobre os objetos, esmigalha-se o potencial inovador e criativo

do museu histórico. Em seu lugar, fica apenas a repetição de modelos oriundos da ‘biblioteca-convento’ e da ‘disneylândia cultural’” (RAMOS, 2004, p. 134).

Como olhar para o museu após tê-lo como objeto de discussão nas aulas de História? O papel educativo dos museus é inquestionável. Ele contribui com a reflexão crítica, lá “os objetos são expostos para compor argumentos críticos” (GIL e ALMEIDA, 2012, p. 77). Para tanto, independente do cenário, se museu ou sala de aula, a prática pedagógica no ensino de História, carece voltar-se para o exercício da reflexão crítica e o professor é um personagem muito importante no cumprimento desta tarefa. Compagnoni (2009) reforça que a escola precisa ir ao museu e praticar exercícios que incitem os alunos a perceber os objetos como “provocadores da história e formadores da consciência histórica, criando sentidos de orientação no tempo, experiência do passado e interpretação histórica, numa verdadeira aventura cognitiva” (COMPAGNONI, 2009, p. 22). Nesta pesquisa, a partir da sala de aula, voltamos nosso olhar para o museu e assim identificamos ausências e conflitos, permanências e rupturas, compreendendo um pouco mais da história de Atalanta identificando-a como parte de um conjunto maior.

Durante toda a construção desta obra, preocupei-me em saber de história, saber de ensinar e saber de João (CAIMI, 2015), identificando possibilidades de aulas a serem desenvolvidas tendo o museu como objeto de discussão. Identifiquei que entre os artefatos expostos, aqueles instrumentos que se comunicam com as vivências de trabalho conseguiram acionar diferentes memórias entre os alunos, sendo considerados elementos da cultura material que no museu se tornaram objetos geradores.

Todo aquele que vai ao museu é afetado por ele, seja de forma sutil ou intensa, pelos artefatos expostos ou pelas paredes ou mesmo por seu cheiro, o que proporciona uma viagem aos sentimentos mais profundos e permite reviver sonhos e angústias transformados em emoções. Aquele que entra no MHWK e que atenta o olhar para a imagem do primeiro professor da comunidade de Ribeirão Matilde, é provocado a refletir sobre suas memórias que fazem referências aos tempos de escola, lembra-se das carteiras escolares, da visualidade da escola. Sentimentos nostálgicos serão desencadeados ao suscitar as memórias referentes ao período de escolarização, sejam as longas caminhadas, muitas vezes descalços até a escola, os mais experientes se lembrarão das inúmeras vezes que ajudaram a professora a fazer o lanche do recreio, a varrer a sala e da dura disciplina cobradas nas salas de aula. São incontáveis as possibilidades de viagens emocionais que o museu pode proporcionar ao visitante. Concluímos, então, que é difícil sair do museu sem ser afetado por ele e que ele mostrou-se um instigante caminho para conhecimento de peculiaridades da história local. A provocação

feita em sala de aula, na aula de História mostrou-se uma estratégia de ensino e aprendizagem muito eficaz. Waldisa Rússio Guarnieri, citando Varine (1979), afirma que “segundo ele: “O museu como meio é a representação do mesmo como instrumento, como potência. O museu como fim é o museu como objetivo”” (VARINE, 1979, apud, GUARNIERI, 2010). Varine identifica o museu enquanto meio e enquanto instrumento, como fim e como objetivo. Embora trate dos ecomuseus, o que não se aplica ao MHWK, abre caminhos para pensar que o museu é meio para tensionar a história local, além de ser um dos instrumentos disponíveis para que aulas de história sejam relacionadas ao local, para que percebam as ressignificações dos diferentes elementos que a compõem. O Museu é fim, pois resguarda elementos da história da comunidade se colocando como espaço de tensão. É objetivo porque pode ser usado para indagar suas escolhas e, desta forma, a organização da sociedade onde está inserido. Museu é potência, se vinculado ao Ensino de História, superpotência. Completamos a análise com Meneses que diz que o museu adquire capacidade de desnaturalizar o passado, e assim desnaturalizar o presente. (MENESES, 2018), conforme o autor

o museu funciona, assim, como um necessário espaço de confronto sem dominação, numa sociedade tão fragmentada como a nossa. Acreditar que o museu tem vocação de espaços de contraponto leva a uma outra preferência, que não me canso de explicitar: mais vale o museu como lugar de perguntas, do que de respostas. (MENESES, 2018, p. 9)

Sairemos desta dissertação com algumas respostas e com muitas perguntas. A primeira resposta pretende responder a pergunta de alguns colegas de profissão, que em 2019, indagavam “o que você vai fazer lá?”, ela ocultava a mais importante pergunta: De que forma é possível relacionar as aulas de história com o MHWK? Acredito que registrei no texto reflexões que mostram o quanto é vantajosa esta relação Ensino de História e museu, ao mesmo tempo, esclareço que outras possibilidades podem ser escritas, outros olhares podem ser destinados para esta relação. Talvez esta não seja a única resposta a ser ofertada neste momento, pois a cada novo plano de aula, seja na disciplina de História ou de Filosofia, novas possibilidades de entrelaçar museu e sala de aula se desenham. Quanto às outras perguntas, surgirão conforme a prática pedagógica me desafiar, conforme os anos passarem e o acervo for reestruturado, conforme novos alunos trouxerem novas inquietações, conforme o olhar da professora for se afinando.

Sobre os dez artefatos selecionados, como eles não podem sair do museu, para a escola serão levadas belas imagens deles que numa exposição serão usados para provocar outras memórias. O documento aqui posto como anexo 2 contém as informações e imagens que serão usadas para compor a exposição. Junto às fotografias colocaremos os textos que os

alunos produziram para que outras memórias sejam afetadas, pois o que está no museu, não são apenas “visões do passado, mas dimensões da vida humana nem sempre percebidas e imaginadas” (OLIVEIRA, 2009, p. 142), vida que se faz o que Meneses chamou de representação. Ela, a vida, se faz “com segmentos do mundo físico, com elementos que integram a nossa própria natureza enquanto seres humanos, natureza que está marcada pela nossa corporalidade” (MENESES, 2002, p. 19). Ao mesmo tempo, para o museu levaremos os textos escritos pelos alunos e os colocaremos junto dos objetos, para que os visitantes percebam que o museu possa ser compreendido como uma forma de representar o mundo, os objetos, as coisas e as relações (MENESES, 2010).

Durante todo o processo de construção desta pesquisa fui desafiada. No início era a escolha da estratégia que melhor permitisse aproveitar o museu como objeto de estudo para o Ensino de História. Depois da definição era hora de começar a garimpar histórias e depois problematizá-las, talvez tenha sido a etapa mais difícil desta obra, foi sem dúvidas a mais longa, iniciou em 2020 e acabou no final de 2021, apresentando vários tropeços. Inúmeros foram os sujeitos envolvidos, direta ou indiretamente, na sua construção e todos, de alguma forma ou de outra, contribuíram com alguma história sobre os artefatos para que eu pudesse determinar quais seriam os dez objetos eleitos para produzir reflexões sobre a história do trabalho em Atalanta.

Esta dissertação é minha contribuição para o Ensino de História, para aqueles que se interessam pela relação existente entre o Ensino de História e o museu, seja ele qual for. É também uma maneira de conhecer um pouco mais da história de Atalanta e do Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack. A dimensão propositiva, a reflexão sobre a história do trabalho em Atalanta a partir de dez objetos investigados e analisados por estudantes da EEB. Dr. Frederico Rolla, se dispõe como instrumento para compreender algumas nuances da história local e como estratégia para tensionar as histórias tradicionais comumente contadas a partir do acervo do museu.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreia Rodrigues de, et al. Desafios e perspectivas: O Ensino de História no contexto pandêmico (Challenges And Perspectives: Teaching History In Pandemic Context) in **Ações educativas em tempos de pandemia**. João Vitor Teodoro; Inês Mendes Pinto (Organizadores). Campo Grande: Editora Inovar, 2021. 130p. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Jaqueline-Inez-De-Santana/publication/350963045_Acoes_educativas_em_tempos_de_pandemia/links/608018c8881fa114b416ff6f/Acoes-educativas-em-tempos-de-pandemia.pdf#page=40>

ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré**: entre educação, memórias e identidades. Orientadora: Vera Maria Ferrão Candau. – 2012

ARISTIMUNHA, Cláudia Porcellis e DEBOM, Rosângela Guimarães. **Uma Tentativa de Aproximação Museu e Escola**: O Museu Universitário da UFRGS. Perspectivas 2001.

ATALANTA, **Lei que cria o Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack**, 2009.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: Fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009

BITTENCOURT, José. “Cada coisa em seu lugar: ensaio de interpretação do discurso de um museu de História”. In: **Anais do Museu Paulista**, ano/vol. 8/9, número 9. São Paulo: Museu Paulista / USP, 2003. p. 151-176.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. 3^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA. Jezulino Lúcio Mendes. Discutindo o ensino de História mediado pelos museus: experiências docentes no Museu de Artes e Ofícios – BH. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.1, vol.1, jan/jun. 2015. Pag. 30-56. Disponível em: . Acesso em: ago. 2019.

BRAGA. Jezulino Lúcio Mendes. Relações entre Museus e Cidades: experiências de professores de história no Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte-MG. **Revista História e Diversidade**. v. 7, n. 2 (2015): Dossiê: Ensino de História, Cidadania, Cultura e Identidades. Pág. 135-152. Disponível em: . Acesso em: ago. 2019.

BRAGA. Jezulino Lúcio Mendes. O Museu em processo: Oralidades No Uso Pedagógico Do Museu De Artes E Ofícios Em Belo Horizonte/MG. **História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 1, jan./jun. 2016. P. 29-49. Disponível em: . Acesso em: ago. 2019.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015

CHAGAS, Mário de Souza. **Um novo (velho) conceito de museu**. Caderno de Estudos Sociais, Recife, V.1 n. Z z 183-192, Jul/dez, 1985.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade.** Caderno de museologia, v. 13, n. 13 (1999)

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs) **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. São Paulo: DP&A. 2003. p. 165

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio:** tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2017.

COMPAGNONI, Alamir Muncio. **"Em cada museu que a gente for carrega um pedaço dele":** compreensão do pensamento histórico de crianças em Ambiente de museu. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

COSTA, Carina Martins. Uma casa e seus segredos: a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio. **Revista Mosaico** – Volume 1 – Número 1 – 2009, p.58-82.

COSTA, Carina Martins, GOMES, Ângela Maria De Castro. “Uma Casa E Seus Segredos”: A Formação De Olhares Sobre O Museu Mariano Procópio. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História (7.: 2006: Belo Horizonte). Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História - **ENPEH: novos problemas e novas abordagens.** Orgs. Lana Mara de Castro Siman; Claudia Regina Fonseca Miguel Sapag Ricci. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006

DICKEL, Adriana. Que sentido há em se falar em professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições do debate. In: FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. **Cartografias do trabalho docente:** professor(a) pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 33 - 72.

FREITAS, Kelly Amaral de. **As forças culturais do Museu de Quilombos e Favelas Urbanos e o poder de ressonância nos objetos biográficos** / KELLY AMARAL DE FREITAS. -- 2016 182 f. : il. color. ; 30 c

GIL, Carmen Z. V, ALMEIDA, Dóris B. **Práticas pedagógicas em HISTÓRIA:** espaço, tempo e corporiedade. Ilustrações de Eloar Guazzelli. Erechim: Edelbra, 2012.

GONÇALVES, Ana Paula Gaspar. Ensino de história no museu de artes e ofícios: o museu vai à escola. In: Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (6.: 2007: Natal, RN). **Anais do VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**, Natal, RN, 10 a 13 de outubro de 2007 / Organização de Margarida Maria Dias de Oliveira, Marlene Rosa Cainelli. – Natal, RN: EDUFRN, 2007.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. (2010). **Textos e contextos de uma trajetória profissional.** Organização de Maria Cristina Bruno. Volume 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **O que é museu?** Disponível em: <<http://www1.museus.gov.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2019

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia (org.). **Repensando o ensino de história**. 4a ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.26-46.

KNAUSS, Paulo, LENZI, Isabel, MALTA, Marize. **História do Rio de Janeiro em 45 objetos**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

MACGREGOR, Neil. **A história do mundo em 100 objetos**. Trad. Berilo Vargas, Ana Beatriz Rodrigues, Claudio Figueiredo. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. **O ensino de história em ambientes não-formais: o museu como ambiente educativo** / Fábio Genésio dos Santos Maria, 2019 126 f. : il. Orientador: Macioniro Celeste Filho. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019

MATOS, Isla Andrade Pereira de. O ensino de história outside: o museu Afro-Brasil na discussão da identidade nacional. In: Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (8.: 2012: Campinas, SP). Anais do VIII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História/ III Encontro Internacional de ensino de História – **Ensino de História: Mémórias, sensibilidades e produção de saberes**. Campinas, SP, 02 a 05 de julho de 2012/Cordenação de Ernesta Zamboni, Maria Carolina Bovério Galzerani. Campinas, SP: UNICAMP, 2012.

MATTOS, Camilla Oliveira. O surdo e o museu nacional: projeto de acessibilidade e adequação da linguagem museográfica. In: Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (9.: 2015: Belo Horizonte, MG). Anais do IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino De História, concomitante ao IV **Encontro Internacional do Ensino de História: Questões socialmente vivas e o ensino de história**. Org. Cláudia Sapag Ricci, Lana Mara Castro Siman: colaboração de Renan Cerqueira. Belo Horizonte, Centro Pedagógico/UFMG, 2015. P. 629. Disponível em: . Acesso em: jul. 2019.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História. São Paulo, n. 115, 1983, p. 103-117.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A História, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo. N 34, p. 9-24, 1992

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História:** a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. ser., jan./dez. 1994, p. 9-42.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Memória e cultura material:** documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p. 89- 104, 1998;

MENESES, Ulpiano B. O Museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, Manoel L.S., RAMOS, Francisco R.L. **Futuro do pretérito:** a escrita da história e a história do museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão gráfica editora, 2010. P 13- 34.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os museus e as ambiguidades da memória: A memória traumática. Conf. 10o. Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina, 2018. Disponível em: <<https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ulpiano-Bezerra-de-Meneses.pdf>>. Acesso em: dez 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In: **Professores de História**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p. 81-111.

MUSSI, Ricardo *et al.* Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista SUSTINIERE**, Rio de Janeiro, v.7, p. 414-430, jul-dez 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Museus de história: o desafio de ver com outros olhos. In PIRES, Francisco Murari (org.). **Antigos e modernos**: diálogos sobre a (escrita da) história. São Paulo: Alameda, 2009.

PEREIRA, Júnia Sales *et al.* **Escola e Museus**: diálogos e práticas / Júnia Sales Pereira, Lana Mara de Castro Siman, Carina Martins Costa, Silvana Sousa do Nascimento. - Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007. 128 p.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Porto Alegre, Anos 90. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

RAMOS, Francisco. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Museu, ensino de história e sociedade**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2004b.

RIOS, Kênia Sousa. O amor no museu: uma experiência de ensino de História com objetos do amor romântico. **Revista História Hoje**, v. 3, nº 6, 2014. P. 139-153. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/141>>. Acesso em: ago. 2019.

RUOSO, Carolina. Um griô no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará: Descartes Gadelha, os catadores de Jangurussu e o maracatu solar em exposição (2010) In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 27, 2013, Natal, RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional De História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, UFRN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364957890_ARQUIVO_CarolinaRuos oTextocompleto.pdf> . Acesso em: jul. 2019.

SANTOS, Silvio Coelho. **Os índios Xokleng**: Memória Visual. Florianópolis e Itajaí EdUFSC e UNIVALI, 1997.

SANTOS, Jaqueline Sgarbi. MENASCHE, Renata. **A carneação:** comida, trabalho e sociabilidade. Goiânia, v. 11, n.1, p. 53-64, jan./jun. 2013 habitus
 SIMON, Everton Luiz, SILVEIRA, Éder da Silva. Trabalho, memória e práticas de reciprocidade em narrativas sobre a alimentação em Santa Cruz do Sul. **Revista Prâksis** | Novo Hamburgo | a. 15 | n. 1 | jan./jun. 2018

SCHUH, Marcos Batista. **Histórias da colonização de Palmitos**/ Marcos Batista Schuh. - - Chapecó : CEOM/Unochapecó, 2011. 190 p. : i 1. ; 23 cm

SPYERE, Patrícia Ruiz. **História da odontologia no Brasil:** Odontologia, Ética e Legislação. Disponível em: <<http://museudasprofissoes.blogspot.com/p/historia-da-odontologia-no-brasil.html>>. Acesso em: ago. 2021.

SUTIL, Nair. **“Museu” Afetivo e Ensino de História:** Práticas de memória na educação escolar. Orientadora Mônica Martins da Silva. Florianópolis, SC, 2016. 141 p.

Tolentino, Átila (2016). **Museologia social:** apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos De Sociomuseologia*, 52(8). <https://doi.org/10.36572/csm.2016.vol.52.02>

TOLENTINO, Átila. Prefácio. In: **Educação museal:** conceitos, história e políticas Organizadores: Fernanda Castro, Ozias Soares, Andréa Costa. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

TSCHUCAMBANG, COPACÂM. **Artefatos arqueológicos no território laklânô/xokleng-** SC. Orientadora: Juliana Salles Machado. UFSC. Florianópolis janeiro 2015

VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In: ROJAS, Roberto (org.). **Os Museus no Mundo. Rio de Janeiro:** SALVAT Editora do Brasil, 1979, p. 17. Disponível em: <<https://historiadamuseologia.blog/hugues-de-varine/>> Acesso em out de 2021.

VIEIRA, Edna Elza. **Simbolismo e Reelaboração na Cultura Material dos Xokleng.** UFSC. Florianópolis 2004

ZAVALA, Ana. Pensar ‘teoricamente’ la práctica de la enseñanza de la Historia. **Revista História Hoje.** V. 4, nº 8, 2015.

ANEXOS:**ANEXO 1:**

	EEB. “Dr. Frederico Rolla”	ATALANTA - SC
	Professora: KÁTIA CRISTIANI NUNES	HISTÓRIA
	Aluno (a):	SÉRIE:

1. Você já visitou quantos museus?
2. Quantas vezes você visitou o Museu de Atalanta?
3. Qual tipo de museu é este?
 - a. Museu Histórico.
 - b. Museu de cultural.
 - c. Museu arqueológico
 - d. Museu temático.
4. Em poucas palavras, qual sensação experimentou ao estar no museu?
5. Qual objeto mais chamou sua atenção? Por quê?
6. Quais os nomes de pessoas que são citadas no museu?
7. Sua família é citada no museu?
8. Se sim, em quais circunstâncias?
9. Se não, você sabe dizer por quê?
10. Qual o objeto mais antigo do museu?
11. Você indicaria o museu para outras pessoas? Por quê?
12. Você tem alguma sugestão relacionada ao museu?

ANEXO 2: DIMENSÃO PROPOSITIVA

Kátia Cristiani Nunes

A HISTÓRIA DE ATALANTA EM DEZ OBJETOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL “WOGECK KUBIACK”

Florianópolis, 2022.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
ISSO NÃO É UMA PEDRA, É UMA MÃO DE PILÃO.	4
A SERRA QUE DERRUBOU ÁRVORES E CONSTRUIU CASAS: A SERRA BRAÇO.	5
MUITO MAIS QUE UMA ENGRANAGEM, UMA NECESSIDADE PARA A SOBREVIVÊNCIA.	7
AQUILO ERA UMA FECULARIA?	9
AUMENTAR O TEMPO DE LUZ PARA REZAR OU TRABALHAR.	10
CELEBRAR E REUNIR, O DIA DA CARNEAÇÃO DE PORCOS.	12
O FERRO QUE PASSAVA ROUPAS E SONHOS.	14
NÃO É SÓ UMA XÍCARA, É UMA HERANÇA DE FAMÍLIA.	15
CADEIRA DO DENTISTA, ENTRE A DOR E O AMOR.	16
AS MUITAS ESCOLAS DE ATALANTA	18

INTRODUÇÃO

Construídas a muitas mãos, as narrativas aqui apresentadas são o resultado de uma longa pesquisa desenvolvida pela professora e pesquisadora Kátia Cristiani, com auxílio de alunos da EEB. Dr. Frederico Rolla, de Atalanta, SC. A escolha dos dez objetos vinculados, direta ou indiretamente, com as relações de trabalho é resultado de investigações realizadas por alunos da segunda série em 2020 e do sétimo ano durante o ano de 2021. Resultado da comunicação entre a aula de História e o Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”, a construção da pesquisa cruzou tanto estes ambientes quanto às famílias dos estudantes que nela conseguiram informações para construir os textos aqui expostos.

As narrativas dialogam entre si e com outros objetos que compõem o acervo do museu. A escolha dos artefatos líticos, a primeira representação do trabalho nesta região, pretende dar visibilidade aos indígenas que habitavam estas terras até o início do século XX. O segundo objeto, a serra braço, traz consigo histórias sobre o corte das árvores e do preparo da terra a partir da ocupação dos descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses no início do século XX, dialoga com todos os outros artefatos que fazem referência ao preparo da madeira. Depois da terra limpa, a produção de farinha de mandioca ou o beneficiamento do milho e do arroz, representados aqui pela engrenagem que pertenceu ao engenho da família Pezenti e pela imagem da Fecularia Groppe. Estes artefatos compartilham histórias com todos os outros que fazem menção às técnicas de cultivo. Também sobre trabalho, e muito mais sobre o feminino, o lampião faz referência ao prolongamento do tempo para realização de tarefas e por consequência das dificuldades da vida antes da energia elétrica. No mesmo sentido a prensa de torresmo, que traz nas suas marcas de uso a necessidade de sobrevivência e as variações do trabalho doméstico e diferentes formas de sociabilidade não apenas da vida antes da eletricidade. O ferro de passar roupas, aquecido por brasas, dividiu muitas histórias com a máquina de costurar e possivelmente com as caixas de enxovals. Para alguns não parece evidente que as louças de porcelana sejam relacionadas ao trabalho, porém, além do chá ou café, elas estão cheias de marcas das mãos que as manuseavam não só para apreciar a bebida, como também seu preparo e desta maneira se associam aos diferentes artefatos sobre o preparo de alimentos. O trabalho do dentista e desta forma o trabalho urbano foi apresentado a partir de sua cadeira. E sobre as muitas escolas isoladas e multisseriadas de Atalanta, a imagem do primeiro professor de Ribeirão Matilde é o estímulo para que sejam descortinadas.

Sem dúvidas, outros objetos que compõem a exposição deveriam se fazer presente neste documento, fica a sugestão para que outros diálogos sejam desenvolvidos e outras narrativas sejam delineadas.

ISSO NÃO É UMA PEDRA, É UMA MÃO DE PILÃO.

Artefatos indígenas no MHMWK



Como eles não tinham conhecimento em facas e armas de ferro, eles usavam materiais da natureza: como pedras para fazerem flechas e conseguir seu próprio alimento. Essas pedras tinham formas variadas, cada uma servia para alguma coisa. Algumas serviam como pilão para triturar e amassar os grãos. Eles também faziam "facas" de pedra para limpar a caça.

Os povos indígenas foram praticamente os únicos que usavam essas ferramentas, pois com a chegada dos povos brancos novas ferramentas começaram a ser usadas. Eles usavam o ferro.

Como eram feitas as ferramentas? Os indígenas poliam as pedras, lapidavam batendo uma na outra dando golpes rápidos, assim dando o formato desejado e com boa afiação.

Essas pedras podem ser encontradas em bom estado de conservação pelo fato das pedras serem feitas de material resistente.

Encontramos a nossa pedra na roça. Não é tão fácil assim de encontrar, tem que prestar atenção quando passa o trator, ou quando estiver andando nos pastos, isso deixa a gente pensar que eles moravam nestas terras.

A SERRA QUE DERRUBOU ÁRVORES E CONSTRUIU CASAS: A SERRA BRAÇO.

Serra braço



Já se sabe que antigamente eram usadas ferramentas manuais que ajudavam no trabalho mas são menos eficientes que hoje em dia, em questão de tempo e esforço.

Agora usamos da plaina, a maquita, o motosserra, furadeira, mas antigamente era um grande feito a descoberta da serra braço, ou a serra de duas pessoas, que era usada para árvores de porte maior. Na verdade, quando precisamos de uma tábua vamos na madeireira e compramos. Em alguns casos a serraria móvel vem até na nossa casa e serra as toras, faz o que for preciso de madeira.

A árvore era cortada horizontalmente em pranchas de 20 e 25 cm, a serra continuava na árvore e o machado era colocado no lugar cortado pela serra. Foi colocado pressão para baixo, com o machado, facilitando o corte da árvore com a serra. Essas madeiras eram usadas para fazer casas, ranchos e pontes. Nas casas antigas encontramos essas pranchas. Agora as casas usam pouca madeira, a maioria delas são feitas de ferro e tijolos, usa a madeira de caixaria e algumas usam madeira para encaixar e ripar, mas nem todas. Os ranchos novos também estão usando menos madeira e quando usam é eucalipto ou pinus. E as pontes? Só as pontes pequenas, pontes de roça, são feitas de madeira por aqui, as grandes são feitas com vigas de ferro e cimento. É muito difícil ver casas novas feitas de madeira.

Se a árvore for reta será mais demorado, mas se a árvore for torta será mais fácil o corte, pois em alguns minutos o peso irá pender para o lado e provavelmente irá rachar na

queda, não importando o estilo das árvores. Hoje também é preciso cuidar pra não rachar, mas o corte é feito com o motoserra, que faz tudo mais leve e depois puxada com o trator.

Antigamente qualquer árvore era cortada, hoje não pode. Normalmente as pessoas plantam eucalipto para poder usar quando precisam de tábuas. Isso é bom porque tem algumas árvores que estão em extinção porque foram exploradas demais.

T. B, I. C, V.J., R..S, 2021

MUITO MAIS QUE UMA ENGRENAÇÃO, UMA NECESSIDADE PARA A SOBREVIVÊNCIA.

Engrenagem do engenho de Ancelmo Pezenti.



A engrenagem que tem no museu é do antigo engenho do seu Anselmo, na comunidade de Ribeirão Matilde. A construção ainda está lá, em pé. O antigo engenho de farinha, a atafona e a serraria, ficam localizadas na estrada principal, no caminho de Ituporanga. Nos dias atuais não está mais sendo produzido, pois está passando por uma reforma.

Toda essa história veio do suor da família Pezenti que mora na comunidade. Junto no engenho também funcionava a atafona e uma madeireira, hoje somente a estrutura existe e foram paradas há muito tempo. Lá eles também produziam óleo de sassafrás, hoje ameaçada de extinção.

O senhor João Pezenti foi quem fez tudo, ele veio de Lages, da Campina. Ele construiu o engenho, em seguida foi buscar sua família para começar a produção. O primeiro engenho de farinha foi construído no ano de 1937 perto da cachoeira de baixo. Antigamente ele era construído na gruta e logo depois foi construído onde está até hoje. No ano de 1960 o engenho pegou fogo, então foi construído um novo, agora na cachoeira de cima, mais perto da estrada geral.

A mandioca vinha até o engenho de carro de boi independente se fazia sol ou chuva a produção não podia parar. Em seguida a mandioca era lavada e passava em uma espécie de

raspadora, logo em seguida era triturada, levada para uma prensa e depois levada para o forno onde a massa era secada.

Lá também tinha uma fábrica de óleo de sassafrás, mas poucas informações sobre ela conseguimos. A fábrica de óleo de sassafrás acontecia na serraria, tinha também uma fábrica de laticínios e um açougue, além da atafona. A produção só foi parada quando o seu João ficou doente e alguns anos depois faleceu. Os filhos permaneceram na agricultura.

Essa pedra que fazia a moagem trabalhou por mais de 87 anos. Esse engenho era movido por uma turbina movimentada pela água e o motor estacionário a diesel, quando tinha pouca água ele movia o engenho. Esse motor hoje alguém guardou em casa.

Entrevista:

Entrevistada: Sandra Pezenti Steinheuser, neta do João.

Como funcionava o engenho de farinha?

O primeiro passo era arrancar a mandioca, com o carro de boi ou carroça era levado até o engenho. Depois era passada a mandioca no raspador para tirar a casca e o barro. O terceiro passo, depois de raspar a mandioca era empurrada para o cevador, daí era cevada (ralada) e colocada na prensa. Daí era tirada e esfarelada, a massa ia para o forno com média de temperatura de 160°. O forno era um tacho, não um forno. O quarto passo era colocar a massa dentro do forno e ligar o mexedor, deixava duas horas a mais para sair a farinha e também o farinhão para tratar os animais. No forno também dava para fazer o biju e o polvilho.

Como fazer polvilho?

Tinha que ter um tanque grande, de uns 5 m. Colocava um pano para coar e a massa era colocada de balaio. Aí enchia e deixava até no outro dia para tirar a massa, e já tirava o polvilho. Depois tirava a água e o polvilho e colocava as toalhas no sol para secar. Com o polvilho era feita a rosca, docinho.

K.P., M. V., L.H., 2021.

AQUILO ERA UMA FECULARIA?

Fecularia Groppe



Meu pai conta que brincava na fecularia quando era criança. O avô levava aipim para vender e ele brincava por ali.

A gente sabe que foi muito importante para o desenvolvimento da cidade, que alguns dizem que ali deveria ser o centro da cidade.

Imaginamos que deve ter sido muito difícil construir aquilo tudo, você imagina que foi necessário canalizar água, era muito pesado.

Alguma gente deve ter caído no precipício que tem do lado.

S. J. I.C, S.K, 2021

AUMENTAR O TEMPO DE LUZ PARA REZAR OU TRABALHAR.

Lampião e lamparina



Na época que não havia energia elétrica era usado o lampião, alguns usavam lamparina. Nós, se falta energia elétrica usamos velas. Ambos são perigosos.

Minha avó conta que ela lembra dos adultos indo na casa dos outros pra ficar conversando, contando causos, isso porque podiam carregar o lampião de um lado para o outro, ou iam dormir cedo pela falta de iluminação. Ela conta também que ficaram muitas noites no rancho amarrando fumo, porque tinha a luz do lampião. Era uma luzinha bem fraquinha, mas dava pra trabalhar de noite, isso era bom.

Eles tinham novena de natal e de páscoa e com o lampião dava de receber as pessoas em casa para rezar e se preparar para as festas.

Ela conta também das novenas que ia visita em casa e tinha luz do lampião.

Não era difícil acontecer um incêndio numa casa quando não tinha energia ainda. As casas eram de madeira, as camas de palha, era um descuido e pegava fogo. Os lampiões eram abastecidos por querosene ou gordura animal.

Quando a minha mãe era criança chegou a energia elétrica, nem faz tanto tempo, ela tem quarenta anos. Já pensou tomar banho gelado ou ficar sem internet, professora?

Minha mãe conta que faltava muita energia quando ela era menina, que apesar do medo que ela e meus tios tinham eles adoravam quando acontecia, porque aí meu avô acendia

o liquinho e eles ficavam ao redor do fogão a lenha ouvindo histórias sobre bruxas, lobisomem coisas que diziam que viam na noite escura.

Lá na vó tem um lampião velho guardado ainda.

M.N, D.A, RM, 2021

CELEBRAR E REUNIR, O DIA DA CARNEAÇÃO DE PORCOS.

Prensa de torresmo



O dia de carnear porco começa no dia anterior. A mãe, ou os meninos, arrumam o tacho, enchem de água, já deixam a lenha pronta para fazer a fogueira. Se tiver tempo, arrumam as mesas que vão usar para escaldar e pelar o porco, e a outra para cortar a banha.

No outro dia cedo, bem cedinho, antes de tirar leite alguém faz o fogo debaixo do tacho, enquanto tratam os outros animais a água ferve. O porco que vai ser carneado, normalmente, estava preso no chiqueiro. Porco gordo. Não pode ser cachaço, sem castrar se não estraga a carne.

Quem sacrificava o porco eram os homens. As crianças não podiam ver matar, isso fazia demorar pra morrer. A mulher só podia ajudar se não tivesse outros homens. Elas têm dó, não pode.

Os adultos ajudavam a pelar o porco. Alguém pegava a água do tacho e espalhava no porco enquanto outros raspavam. Depois as mulheres ajudavam a lavar e raspar os pêlos que não tinham saído com a água quente.

Na hora de abrir quem tava por ali ajudava. Quem sangrou, faz a abertura pra tirar os órgãos internos. Tem que ir abrindo com cuidado. Tem que colocar o que não vai ser comido numa caixa pra jogar no mato ou para dar aos cachorros.

As mulheres tiravam o toucinho e tiravam a banha, alguma criança cuidava do tacho com banha. Tem que mexer pra não queimar no fundo. Se queriam pele pro feijão, tem que tirar da banha.

É muito legal esse dia. Os adultos tomam caipira pra rebater o cheiro da gordura. É dia de muita gordura. Sempre aparece alguém para “ajudar”.

Quando já dá pra tirar carne e colocar assar, logo vem as crianças, chegam as visitas. Depois que acabava todo o processo de carnear, limpar, cortar a carne e guardar, era a hora de tirar o torresmo. Tem que ser quem sabe fazer, saber cuidar da banha, deixar no ponto. Outro dia a menina mexeu a banha, daí ferveu, não pode. Tem que ter cuidado.

Qdo o torresmo tá pronto é só tirar, colocar na prensa. Vai colocando com calma, salgando, não pode exagerar. Espremer. Se quiser mais soltinho é só não apertar tanto.

Tem vezes que faz chimia de torresmo. É só moer ele e temperar.

Enquanto a banha frita, as mulheres estão fazendo a morcilha. Tem que colocar os miúdos cozinharem, um pouco de gordura. Alguém vai ao rio lavar as tripas para encher depois. Tem gente que gosta de morcela com sangue, eu não. Depois de tudo cozido e bem limpinho é hora de moer tudo, misturar com tempero verde, alho e sal, cozinhar mais um pouco e depois encher a tripa.

A gente carneia porco quando precisa ou quando é tempo de festas, daí ganha muita visita, tem que ter carne. É um dia cansativo, mas é tão bom. Além de ter carne nova, tem as visitas que vem ajudar. Sempre tem um que leva um presentinho embora.

Antigamente, quando não tinha energia a carne era colocada em tambores de barro, normalmente no porão. Misturava a carne com banha. Cortava antes de guardar, para cortar a carne usava-se a faca e o machado

É sempre uma festa o dia de carneação, a família se reúne. Pena que poucas pessoas fazem isso hoje em dia.

W.S, P.P., P.K, 2021

O FERRO QUE PASSAVA ROUPAS E SONHOS.

Ferro de passar roupas aquecido por brasas.



O ferro de passar roupas aquecido por brasa foi usado por muito tempo. Antes de chegar a energia elétrica ele era usado. Era um ferro muito pesado, era necessário muito cuidado para passar as roupas.

A mãe da minha avó passava todo tipo de roupas, até os panos de pratos. A avó conta que era muito difícil passar essas roupas. Era preciso passar todas as vezes que lavava roupas. A roupa demorava para secar, ficava com marca do varal, então a gente passava para ficar mais bonitinha. Se queimasse a roupa ela ficava feia, era preciso coser, fazer um bordadinho onde tinha estragado a roupa.

Não podia sair de casa se a roupa não estivesse bem passada. O que iriam pensar sobre a mulher, a mãe, daquela casa “que mulher relaxada”. Quem ia querer casar com a moça de uma casa que não tivesse roupas bem passada?

Ainda bem que hoje em dia existem tecidos que não precisam ser passados e que os ferros de passar são bem mais leves. O museu bem que poderia ter uma máquina de lavar roupas.

AJ, LH, MC, 2021

NÃO É SÓ UMA XÍCARA, É UMA HERANÇA DE FAMÍLIA.

Louça de porcelana.



Aluna A: Quando minha avó falecer, as louças de porcelana dela serão dadas para minha mãe e depois para mim. A avó ganhou do avô a louça. Um dia ela tava bem triste e ele pra agradar ela foi à cidade grande comprar. Trouxe de presente uma coisa que ela queria muito e não tinha, foi a louça de porcelana. Ela usou poucas vezes.

Aluna B: A minha avó tem as louças que ganhou como presente de casamento, ela tem também as louças que eram da mãe dela. São heranças de família, ficam numa cristaleira, onde a gente só olha.

Elas nunca tiveram empregada ou alguém para ajudar em casa, só as filhas, então a louça quem cuidava era a avó e as filhas. Mas não usava qualquer dia, só quando recebia visita importante. Um dia foi o prefeito, daí a avó montou a mesa bem chique.

Aluna C: Conversei com a mãe, ela tem louças que foram da avó dela. Ela deu pra minha avó, que deu para minha mãe, que vai me dar. A avó dela ganhou de presente de casamento. Ela tinha o maior cuidado com as louças dela. As mais bonitas ela só usava quando recebia visita especial. Ela contava de umas moças que fugiram, não casaram, então não ganharam a louça de presente.

CADEIRA DO DENTISTA, ENTRE A DOR E O AMOR.

Cadeira do dentista Alcides Petri



Memórias de uma neta:

Meu avô era dentista prático. O que sabia aprendeu exercendo a profissão. Mudou-se para Atalanta para ser dentista aqui, veio lá por 1960. Quando se mudou tinha algum conhecimento como dentista. Trabalhou até 2003 quando faleceu. 09.07.2003.

Era uma pessoa muito boa, ajudava todo mundo. Não tinha dia nem hora para atender quem sentisse dor.

É claro que as pessoas sentiam muita dor quando vinham ao dentista, elas o procuravam quando já estavam com os dentes estragados, inflamados. Muitas vezes a gengiva toda estava inflamada, e ele errava o dente que deveria ser arrancado. Mas a culpa não era dele, as pessoas vinham poucas vezes no dentista, só quando não tinha mais o que fazer. Muitos preferiam arrancar tudo e colocar dentadura. Era comum naquela época quando um dente começava a estragar, já arrancavam todos os outros e colocavam dentadura. Muita gente é grata a ele por ter cuidado da dentição.

Seu Alcides não implantava dentes, ele colocava o pivô no lugar do dente que achava que não tinha mais recurso, ele fazia chapa se fosse necessário, as vezes as famílias achavam melhor arrancar todos os dentes e colocar chapa, era mais barato que colocar um pivô ou outro quando precisasse

O cliente chegava ali com dor, ele sempre atendia. Muitos ainda hoje tem dentes arrumados por ele. Quem fazia as compras para repor o estoque dos produtos usados por ele era a sua esposa, dona Norma.

Os filhos trabalhavam ou na roça ou na olaria. Além de dentista, tinha a olaria e fazia roça. A renda como dentista era pequena, precisava complementar. Seu Alcides era uma pessoa muito comprometida com seus trabalhos, além de dentista, administrava a olaria, onde era conhecido como fabriqueiro de tijolos e telhas da maior qualidade da região. Pessoa muito honesta, era um homem de bom coração. Após a sua morte a olaria deixou de funcionar, os filhos não queriam aquela vida.

Doar para o museu a cadeira foi uma decisão da família para que fique eternizado na história do município, porque ele tinha muito amor por Atalanta e pela profissão dele.

Memórias de um paciente:

Era uma cadeira de ferro, pintada de verde, com assento de couro. Eu tremia só de pensar nela. A broca tinha um barulho muito alto, eu tinha muito medo. Tinha um local para cuspir, não tinha sugador como tem nos dentistas de hoje.

Ele prendia um babador no pescoço e começava a trabalhar. Aquela cadeira me traz péssimas recordações, acho que ainda tenho medo de ir ao dentista por causa dela.

Trabalhava conforme ia chegando seus pacientes e não tinha nem hora marcada nem dia para atender, todo dia era dia. Os pacientes chamavam a qualquer horário.

Sua esposa, dona Norma, era sua auxiliar no consultório de dentista. Ela era muito querida, sempre tinha um copinho de água para a gente lavar a boca.

Hoje há muitos recursos para não arrancar um dente, com seu Alcides era muito prático, arrancava o dente com seu conhecimento, olhava e se aquele era o dente inflamado, arrancava, se não era, tinha arrancado mesmo assim. Parece que ele gostava de arrancar todos os dentes das pessoas.

A cadeira era muito desconfortável, mas o mais aterrorizante era o barulho que a broca fazia. O consultório do dentista era na parte da frente de sua casa, sua esposa podia fazer o almoço e ajudar no consultório nas horas que necessitava.

P.K, R.F, H.A, 2021

AS MUITAS ESCOLAS DE ATALANTA

Primeiro professor de Ribeirão Matilde



Aluna 1: Em nosso município já houveram 15 escolas, as escolinhas multisseriadas. Em cada comunidade tinha uma escola. As duas maiores eram a do Ribeirão Matilde e a da Dona Luiza. Algumas tinham o jardim de infância ao lado.

Nessas escolas, os alunos ajudavam a cuidar do pátio, fazer merenda, limpar a escola e a horta escolar. As carteiras eram de madeira, sentavam em dupla. Meu pai lembra que a professora usava esmalte vermelho, ela puxava na orelha, alguns levavam reguada, tinha que ajoelhar no milho ou na tampinha de garrafa. Isso era pra quem não se comportava. Todo mundo ajudava. Eles rezavam sempre no início da aula. Tinha dia da semana que cantava o Hino Nacional.

Eles não tinham mochilas como temos hoje, alguns usavam uma bolsa de pano, outros o pacote de arroz. Iam para a escola a pé, ou de cavalo, quem era melhor de vida tinha bicicleta. Nem todos tinham um par de tênis para ir a pé pelos pastos nos dias de geada. As meninas logo deixavam a escola porque tinham que ajudar em casa, as mães adoeciam muito facilmente. Com 15 ou 16 anos já estavam casadas e tinham que aprender a ser dona de casa, os meninos ajudavam na roça, então estudar era privilégio de poucos. Para fazer a oitava série ou o segundo grau tinha que sair de casa, porque só tinha essas séries no colégio do centro da cidade. Era muito difícil.

Ir para a escola era bom, porque naquele dia não precisava trabalhar tanto. Meu pai repete que a matemática deles era mais forte e deve ser verdade porque ele faz cálculo mental no mercado e os mais novos não. Se não fizesse o que a professora mandava, ou desobedecesse era punido com reguada na mão, puxões de orelha. Aí de quem desobedecesse a professora.

Havia o quadro de giz e acima dele tinha uma cruz, um crucifixo. Na carteira tinha um espaço para colocar o lápis, senão ele ficava caindo da mesa. Era uma carteira de madeira, marrom escuro, ela tinha um friso em cima para colocar os lápis. O lugar de sentar, o assento, era grudado na carteira.

No primeiro e no segundo ano tinha que aprender matemática e língua portuguesa. No terceiro e no quarto aprendia história, geografia e ciências. Antigamente cada aluno tinha a sua lousa onde escrevia, depois quando sabiam desenhar bem as letras, quando tinha boa caligrafia é que escreviam no caderno. A minha tia tem 45 anos, no tempo dela já aprendeu a escrever no caderno, aprendeu em cursiva. A professora pegava na mão e ensinava a desenhar a letra.

Aluna 2: Minha vó conta, professora, que quando ela começou a trabalhar como professora, foi porque o prefeito foi lá em casa e conversou com o pai dela. Ela cuidava do jardim de infância, era só cuidar das crianças para o pai e a mãe ir pra roça. Ela podia bater se fosse preciso, não é como hoje que não pode nem pensar em encostar. No jardim de infância, tinha crianças de toda idade, e os irmãos mais velhos que levavam os pequenos e ficavam lá esperando, daí ajudavam a professora.

A outra sofreu menos pra ser professora, as irmãs já eram dai ela foi meio que de arrasto. Não teve escolha.

C.P., M.E., E.S., 2021.